

MESTRADO INTEGRADO
PSICOLOGIA DO COMPORTAMENTO DESVIANTE E DA JUSTIÇA

**“Os (In)visíveis”: Estudo sobre
Menores Não Acompanhados
refugiados que fazem sexo para
sobrevivência em Atenas**

Inês Dias Meireles

M

2020



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**“Os (In)visíveis”: Estudo sobre Menores Não Acompanhados refugiados que
fazem sexo para sobrevivência em Atenas**

Inês Dias Meireles

Novembro 2020

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora **Alexandra Oliveira** (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara ainda que não divulga na presente dissertação, quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

“Há muito mais razões que levam as crianças a abandonarem as suas casas e menos fatores de atração que as trazem para a Europa. Mas para aqueles que se deslocam para a Europa, o fascínio é a oportunidade de aprofundar a sua educação, encontrar respeito pelos seus direitos e progredir na sua vida. Quando chegam à Europa, as suas expectativas são tristemente destruídas.”

(Afshan Khan, Regional Director for UNICEF in Europe and Central Asia)

Agradecimentos

A realização de uma dissertação de mestrado é um longo caminho solitário, que implica um trabalho árduo pautado por inúmeros desafios, tristezas, incertezas, alegrias e muitos percalços. A conclusão deste projeto de vida não teria sido possível sem o apoio incondicional, o carinho, a dedicação e a força extrema de um conjunto de intervenientes que, ao longo de todo o percurso da minha formação, contribuíram direta ou indiretamente para o meu crescimento e valorização pessoal e profissional, aos quais estarei eternamente grata.

Especialmente à minha orientadora, a Professora Doutora Alexandra Oliveira, pela sua orientação, apoio, disponibilidade, pelo saber que transmitiu, pelas opiniões e críticas e por todas as palavras de incentivo. Aqui lhe exprimo a minha gratidão pela liberdade que me proporcionou para concretizar o meu sonho: “Embarcar na procura dos (In)visíveis”.

A todos os amigos e colegas pela paciência, atenção e força que me deram em momentos menos fáceis. Obrigada, ainda, pelos momentos animados que me proporcionaram, também eles imprescindíveis para a execução deste estudo.

O meu profundo e sentido agradecimento a todas as pessoas, que se cruzaram na minha caminhada na Grécia, que contribuíram para a concretização desta dissertação e me proporcionaram um estímulo intelectual e emocional. Foram uma fonte de força, inspiração, carinho, dedicação, honestidade e generosidade. À Elen e à sua família, que foram o meu grande pilar durante estes dois longos meses longe de casa.

Por último, tendo consciência de que, sozinha, nada disto teria sido possível, dirijo um agradecimento especial aos meus pais, por serem modelos de coragem, pelo seu apoio incondicional, incentivo, amizade e paciência demonstrados e total ajuda na superação dos obstáculos que, ao longo deste projeto, foram surgindo. A eles dedico este trabalho!

Resumo

Na Grécia, a exploração sexual de Menores Não Acompanhados (MNA) é cada vez mais relatada e visível em parques públicos e praças em Atenas, onde rapazes adolescentes são explorados sexualmente por homens mais velhos em troca de pagamento.

A presente investigação, sendo um estudo exploratório, tem como objetivo primordial analisar e descrever a realidade dos MNA que fazem sexo para sobrevivência nas ruas de Atenas. Para a sua concretização, esta investigação adotou uma metodologia qualitativa, tendo sido conduzidas vinte e três entrevistas individuais semiestruturadas, designadamente a oito jovens refugiados do sexo masculino; a doze profissionais que colaboraram ou colaboram com Organizações Não Governamentais (ONG) Gregas e/ou Internacionais e, ainda, três entrevistas foram realizadas a um dono de um restaurante, ao rececionista de um cinema pornográfico e a um residente de uma zona em que o fenómeno tem lugar. Para a realização desta investigação recorreu-se, também, à observação participante. Os dados obtidos foram, posteriormente, sujeitos a uma análise de conteúdo de tipo categorial.

Os resultados indicam que os MNA viajam para a Europa, como consequência de uma variedade de configurações e experiências. Uma vez na Grécia, estas crianças experienciam fatores de risco específicos ao nível da proteção, migração e asilo, direitos económicos, sociais e culturais e nível de vida adequado e, ainda, a respeito da igualdade e não discriminação, que aumentam a sua vulnerabilidade e envolvimento em atividades de cariz exploratório e perigoso, nomeadamente, trocas sexuais comerciais para sobrevivência. Os MNA que se envolvem neste tipo de atividades são um grupo heterogéneo do ponto de vista das suas características sociodemográficas e, relativamente às motivações, estas estão relacionadas com fatores económicos e sociais. Para além disso, esta realidade é caracterizada por ter impacto nos MNA, dado que pode acarretar diversos perigos e consequências para o seu futuro. É proposta uma combinação de abordagens de prevenção primária e intervenção secundária, sobretudo, ao nível da redução de risco, a fim de diminuir significativamente a vulnerabilidade dos MNA à exploração sexual.

Em suma, o estudo apresenta-se como um contributo para colmatar a pouca investigação existente sobre a temática e para melhor compreender as características gerais e especificidades que constituem o fenómeno do sexo para sobrevivência que é realizado pelos MNA, podendo assim constituir um incentivo para futuras investigações nesta área e intervenções com esta população.

Palavras-chave: Grécia, sexo para sobrevivência, menores não acompanhados, refugiados, exploração sexual

Abstract

In Greece, the sexual exploitation of Unaccompanied Minors (UAMs) is increasingly reported and visible in public parks and squares in Athens, where teenaged boys are sexually abused by older men in exchange for payment.

In that way, the present study is an exploratory research, so it aims to analyze and describe the reality of UAMs that are doing survival sex in the streets of Athens. This investigation adopted the qualitative methodology. Twenty-three semi-structured individual interviews were conducted with eight young male refugees; twelve professionals who collaborated or collaborate with Greek or International Non-Governmental Organizations that work directly with refugees and three interviews were conducted with the owner of a restaurant, the receptionist of a pornographic cinema and a resident of an area where the phenomenon takes place. To accomplish the investigation, we also used participant observation. Data was analyzed through a categorial content analysis.

The analysis of the results shows that UAMs travel to Europe as a result of a variety of settings and experiences. Once in Greece, these children experience specific risk factors in terms of protection; migration and asylum; economic, social, and cultural rights and an adequate standard of living, as well as about equality and non-discrimination that increase their vulnerability and involvement in activities of an exploratory and dangerous nature, namely, commercial sexual exchanges for survival. The UAMs get involved in this type of activities are a heterogeneous group from the point of view of their sociodemographic characteristics and according to their motivations that are related to economic and social factors. In addition, this phenomenon is characterized by having an impact on the UAMs, since it can cause several dangers and consequences for their future. A combination of primary prevention and secondary intervention approaches is proposed, namely in terms of Harm Reduction strategy, in order to significantly reduce the vulnerability of UAMs to sexual exploitation.

In short, this research work seems to be a contribution to bridge the little investigation on this topic and to better understand the general characteristics and specificities that characterize the phenomenon of sex for survival that is carried out by refugee UAMs, thus

being able to boost an incentive for future investigations in this area and interventions with this population.

Keywords: Greece, survival sex, unaccompanied minors, refugees, sexual exploitation

Résumé

En Grèce, l'exploitation sexuelle des mineurs non accompagnés (MNA) est de plus en plus signalée et visible dans les parcs et places publics d'Athènes, où des adolescents sont exploités sexuellement par des hommes plus âgés en échange d'une rémunération.

La présente enquête, étant une étude exploratoire, a pour objectif principal d'analyser et de décrire la réalité des MNA qui ont des relations sexuelles pour survivre dans les rues d'Athènes. Pour sa mise en œuvre, cette enquête a adopté une méthodologie qualitative, après avoir mené vingt-trois entretiens individuels semi-structurés, à savoir, huit auprès de jeunes hommes réfugiés ; à douze professionnels qui ont collaboré ou collaborent avec des organisations non gouvernementales grecques et / ou internationales et, également, trois entretiens ont été menés avec un restaurateur, une réceptionniste de cinéma pornographique et un habitant d'une zone où le phénomène se produit. Pour mener à bien cette recherche, l'observation participante a également été utilisée. Les données obtenues ont, ensuite, été soumises à une analyse de contenu catégorique.

Les résultats indiquent que les députés se rendent en Europe à la suite de diverses configurations et expériences. Une fois en Grèce, ces enfants sont confrontés à des facteurs de risque spécifiques en termes de protection, de migration et d'asile, de droits économiques, sociaux et culturels et d'un niveau de vie adéquat, ainsi qu'en termes d'égalité et de non-discrimination, qui augmentent leur vulnérabilité et leur implication dans des activités de nature exploratoire et dangereuse, à savoir, des échanges sexuels commerciaux pour la survie. Les MNA impliqués dans ce type d'activités sont un groupe hétérogène du point de vue de leurs caractéristiques sociodémographiques et, relativement aux motivations, celles-ci sont liées à des facteurs économiques et sociaux. En plus, cette réalité se caractérise par un impact sur les MNA, car elle peut entraîner plusieurs dangers et conséquences pour leur avenir. Une combinaison d'approches de prévention primaire et d'intervention secondaire est proposée, notamment en termes de réduction des risques, afin de réduire significativement la vulnérabilité des ANM à l'exploitation sexuelle.

Bref, cette étude se présente comme une contribution pour combler le peu de recherches existantes sur le sujet et afin de mieux comprendre les caractéristiques générales et les spécificités qui constituent le phénomène du sexe pour la survie qui est réalisé par les réfugiés MNA, pouvant ainsi constituer une incitation pour de futures recherches dans ce domaine et des interventions auprès de cette population.

Mots-clés: Grèce, le sexe pour la survie, mineurs non accompagnés, réfugiés, exploitation sexuelle

Índice

1. Introdução	1
1.1.O Estatuto do Meno não Acompanhado	3
1.2.Legislação Internacional e Nacional sobre os Menores não Acompanhados.....	6
1.3.Razões que levam Á Fuga dos Menores Não Acompanhados dos seus países de origem para a união Europeia.....	8
1.4.Fatores de Risco que aumentam as vulnerabilidades dos Menores Não Acompanhados.....	11
1.5.Os Menores Não Acompanhados e o Envolvimento em sexo para a sobrevivência.....	14
2. Estudo Empirico.....	20
2.1.Objeto e objetivos de investigação.....	20
2.2.Método.....	21
2.2.1.Instrumentos e Técnicas de Recolha de Dados: Entrevistas Qualitativas e Observação do Participante.....	22
2.2.2.Participantes.....	24
2.2.3.Procedimentos de Recolha de Dados.....	25
2.2.4.Procedimentos de Tratamentos de Dados: Análise de Conteúdo de Tipo Categorical.....	29
3. Apresentação, Análise e Discussão de Resultados.....	31
3.1.A vinda e integração na Grécia por parte dos Menores Não Acompanhados.....	31
3.2.O sexo para a sobrevivência.....	40
3.2.1.Caraterização do fenómeno.....	40
3.2.2.Os Menores Não Acompanhados.....	48
3.2.3.Os clientes.....	56
3.3.O trabalho que as Organizações Não Governamentais podiam fazer.....	57
4. Conclusão e reflexões finais.....	61
Referências Bibliográficas.....	66
Anexos.....	73

Índice de Anexos

Anexo 1: Guião da entrevista semiestruturada (versão reduzida).....	74
Anexo 2: Guião da entrevista semiestruturada (versão longa).....	75
Anexo 3: Categorias em análise.....	78

Lista de Siglas e Abreviaturas

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados

MA - Menores Acompanhados

MNA - Menores Não Acompanhados

MS - Menores Separados

UE - União Europeia

CDC - Convenção dos Direitos da Criança

ONG - Organização Não-Governamental

SECA- Sistema Europeu Comum de Asilo

IST - Infecção Sexualmente Transmissível

VIH/SIDA - Vírus da Imunodeficiência Humana/Síndrome de Imunodeficiência Adquirida

1. Introdução

Milhares de MNA e Menores Separados (MS) oriundos de países terceiros estão atualmente presentes na União Europeia (UE) e, todos os anos, há um número significativo de novas chegadas. Ainda que a origem e o número dessas crianças variem de ano para ano, a sua chegada e presença na UE é uma realidade de longa data, como consequência dos fluxos de migração e dos procedimentos de asilo para a UE (O Donnell & Hagan, 2014). A migração de crianças de forma não acompanhada, embora possua várias características e muitos aspetos em comum com aquela que é realizada pelos adultos, surgiu como um fenómeno específico no mundo. De facto, a decisão planeada, forçada ou espontânea de abandonar a família e o país de origem assume uma nova dimensão, quando as pessoas envolvidas numa longa e, frequentemente, perigosa aventura de migração, às vezes, estão apenas no início da adolescência. Desde o início de 1990, que a maioria dos países europeus têm sido pontos de destino ou de trânsito (às vezes ambos) para estes jovens migrantes (Kanics, Senovilla, & Touzenis, 2010).

São várias as razões que levam os MNA e os MS a saírem dos seus países de origem (O Donnell & Hagan, 2014). Alguns MNA e MS procuram asilo ou proteção, por medo de perseguição, conflito armado ou ameaças no seu próprio país. Outras crianças não acompanhadas e separadas são vítimas de tráfico para fins de exploração sexual ou outra. Outros viajam para a Europa, a fim de escaparem de condições de privação grave ou violações dos direitos humanos. Certas crianças procuram novas oportunidades ou uma vida melhor. Há outras que também chegam à Europa de forma não acompanhada ou separada em busca de reunificação familiar com os seus familiares que já se encontram presentes em países Europeus. Estas podem estar em trânsito de um país da UE para outro e as suas circunstâncias também podem mudar com o tempo, por exemplo, podem estar à procura de reunificação familiar e também podem ter sido traficadas (O Donnell & Hagan, 2014).

Independentemente da sua nacionalidade ou estatuto de imigração ou da categoria em que se enquadram, estas crianças têm direitos comuns, de acordo com a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança (CDC) ao nível da proteção e assistência especiais (Fagnoni, Polakovic & Stelzig, 2014). No entanto, quando confrontados com a migração de MNA e MS, os quadros jurídicos nacionais Europeus e as políticas governamentais entram muitas vezes em contradição, gerando um conflito entre a aplicação mais ou menos repressiva das suas regras de asilo e/ou imigração e uma interpretação ambígua dos instrumentos jurídicos internacionais e nacionais, criados para o

acompanhamento das crianças em necessidade, independentemente da sua origem ou nacionalidade (O Donnell & Hagan, 2014). Existe, efetivamente, uma discrepância acentuada entre os direitos aos quais os migrantes, em geral, e as crianças migrantes, em particular, têm direito de acordo com as normas legais internacionais e a proteção efetiva que recebem, bem como, as dificuldades que experienciam nos países onde vivem e trabalham. Desta disparidade entre os princípios acordados pelos governos e a realidade da vida individual, ressalta a vulnerabilidade dos migrantes em termos de dignidade e direitos humanos. Um grande problema para as crianças é que estas são consideradas como migrantes antes de serem considerados crianças, sendo que isso, automaticamente, reduz a sua proteção legal, já que os padrões internacionais relativos a crianças são muito mais elaborados e amplamente ratificados do que os relativos aos migrantes (O Donnell & Hagan, 2014). No quadro jurídico da UE, a proteção das crianças migrantes é muito limitado e não existe nenhum quadro jurídico regional que aborde adequadamente este problema (Fagnoni et al., 2014).

Os governos e as Instituições Europeias são frequentemente incapazes de acolher este grupo vulnerável de migrantes e podem não adotar as medidas adequadas de assistência e proteção. Deste modo, os MNA continuam a enfrentar muitos dos mesmos perigos e riscos que os refugiados adultos. Para além disso, como as crianças são intrinsecamente mais vulneráveis, correm maior risco de sucumbir à violência, abuso físico e sexual, exploração laboral e sexual, extorsão por parte de contrabandistas e à exploração predatória de uma próspera indústria de tráfico de seres humanos (Digidiki & Bhabha, 2017). Na Grécia, em particular, os relatos de exploração sexual de crianças aumentaram desde a crise migratória em 2015. As Organizações Internacionais, ONG e voluntários têm demonstrado preocupação relativamente ao número de MNA que se encontram ativamente envolvidos em trocas sexuais para sobrevivência (Smith & Khemiri, 2019).

Este estudo avalia as vulnerabilidades de crianças migrantes que se encontram em movimento na Grécia, documentando a sua experiência e focalizando os casos de exploração sexual na cidade de Atenas. A pertinência e premência desta investigação surgiu como consequência da escassa investigação científica que existe relativamente ao tópico em análise. Pretende-se, deste modo, produzir conhecimento científico que seja uma mais-valia para motivar a compreensão e intervenção neste fenómeno, a fim de que seja dada visibilidade, voz e reconhecimento ao mesmo, no sentido da atribuição de direitos fundamentais dos MNA.

Assim, o presente estudo é composto por quatro capítulos. O primeiro capítulo

contempla a literatura considerada adequada e relevante para compreender este cruzamento entre os fatores de risco que aumentam a vulnerabilidade dos MNA aquando da sua chegada à Grécia e o envolvimento no fenómeno do sexo para sobrevivência: (1) o estatuto do Menor Não Acompanhado; (2); a legislação Internacional e Nacional sobre os Menores Acompanhados (3) as razões que levam à fuga dos seus países de origem para a UE; (4) os fatores de risco que aumentam a vulnerabilidades dos Menores Não Acompanhados; e (5) os Menores Não Acompanhados e o envolvimento no sexo para sobrevivência. No segundo capítulo será apresentado o método utilizado nesta investigação, incluindo os participantes, os instrumentos e os procedimentos de recolha e tratamento dos dados. No capítulo três proceder-se-á à apresentação, análise e a discussão dos dados obtidos com excertos das entrevistas realizadas aos participantes e da observação participante efetuada. Por fim, no último capítulo desta dissertação, procurar-se-á tecer algumas considerações finais, apresentando as principais conclusões do estudo; reflexões sobre as suas potencialidades e limitações e, ainda sugestões para estudos futuros neste âmbito.

1.1. O Estatuto do Menores Não Acompanhados

Entre janeiro e setembro de 2019, chegaram à Europa, por via marítima e terrestre, cerca de 80.8 mil refugiados e migrantes. As crianças representaram mais de 28% das pessoas que chegaram ao Continente Europeu pelas rotas do Mediterrâneo, e muitas delas viajaram sem os seus familiares (UNCHR, 2019). Efetivamente, as crianças tornaram-se uma parte importante dos movimentos migratórios em larga escala e não existe um perfil homogéneo das mesmas: estas podem estar acompanhadas pelos seus pais ou detentores da guarda de facto, sendo denominadas *Menores Acompanhados* (MA), por outros adultos, sendo, nestes casos, designadas de *Menores Separados* (MS) e, ainda, podem estar sozinhas, sendo reconhecidas como *Menores Não Acompanhados* (MNA) (IOM, 2013). O movimento migratório de MNA e MS para a Europa não é novo, mas as condições atuais são tão precárias que se torna necessário empreender medidas urgentes para suprir lacunas graves ao nível da sua proteção (UNCHR, 2019).

No período de janeiro a junho de 2019, um total de 8.236 crianças chegaram a países como a Grécia (5.905 crianças, incluindo 4.911 MA e 994 MNA), Espanha

(1.750 crianças, incluindo 1.186 MA e 538 MNA), Itália (486 crianças, incluindo 123 MA e 363 MNA) e Bulgária (95 crianças, incluindo 33 MA e 62 MNA); destas 2.794 (34%) eram MNA e MS à procura de asilo (UNCHR, UNICEF, & IOM, 2019). No que concerne aos países de origem dos MNA que chegaram à Grécia, Espanha, Itália e Bulgária, estes eram, maioritariamente, de países como Marrocos (44%), Afeganistão (17%), Iraque (4%), Tunísia (4%), Síria (3%), República Democrática do Congo (3%), Paquistão (3%), e, ainda, de outros como República do Mali (2%), Guiné (2%), Costa do Marfim (2%), Bangladesh (2%), Palestina (1%) e Somália (1%), países caracterizados pelo conflito, violência e violação dos direitos humanos (UNCHR, 2019).

No que diz respeito às idades dos MNA que chegaram à Itália, Grécia e Bulgária, estes enquadravam-se, maioritariamente, no grupo etário entre os 15 e 17 anos (86%). Quanto ao género, no primeiro semestre do ano de 2019, a proporção de rapazes que chegou a países como a Itália (94%), Espanha (93%) e Bulgária (83%) foi superior à das raparigas. No entanto, a proporção de raparigas que chegou à Grécia (42%), no mesmo período, foi significativa. Tal situação é justificável pelo facto de a proporção de raparigas entre os MA ser, em geral, muito maior em comparação às crianças que viajam sozinhas e, efetivamente, no caso da Grécia, verificou-se que as raparigas que chegaram ao país se encontravam principalmente acompanhadas (UNCHR et al., 2019). A tomada de decisão dos menores viajarem de forma não acompanhada é, geralmente, aprovada pelos membros da família, pois os menores não dispõem de recursos suficientes para suportar o custo da viagem. Apesar de muitas das famílias conhecerem os riscos da migração ilegal, decidem enviar os seus filhos de forma não acompanhada, porque acreditam que os potenciais benefícios superam os riscos ou porque sentem que não têm escolha a não ser enviá-los (Echavez, Bagaporo, Pilongo, & Azadmanesh, 2014).

Nos últimos anos, o crescente número de crianças que realizam viagens não acompanhadas e/ou separadas dos seus familiares desde os seus países de origem para países da UE, como consequência de conflitos, deslocações forçadas de populações e desastres naturais, têm sido foco de grande preocupação, uma vez que são um grupo particularmente vulnerável (Thommessen, Laghi, Cerrone, Baiocco, & Todd, 2013), como menores, como crianças separadas dos seus pais e como refugiados que procuram asilo (Kaukko, & Wernesjö, 2017). As crianças que são forçadas a deixar o seu país de origem correm um risco acrescido devido a perdas múltiplas e experiências traumáticas que podem sofrer, antes e durante a viagem, bem como enfrentam, ainda, um futuro

altamente incerto e volátil na Europa (Fazel, Reed, Panter-Brick, & Stein, 2012). De facto, a migração em casos de emergência e, em particular, a separação dos pais, mas também de outros membros da família e amigos, podem ter um impacto negativo na saúde, desenvolvimento e bem-estar (Belhadj, Koglin, & Petermann, 2014), todavia estas consequências estarão dependentes da idade da criança, estágio de desenvolvimento, resiliência e das circunstâncias e duração da separação (Uppard & Birnbaum, 2017).

A distinção entre MNA e MS é quase inexistente e, no contexto Europeu, os MS são registados como MNA; no entanto, existem diferenças claras entre os dois grupos de crianças (Bolborici, 2018). De acordo com o artigo 2º, alínea L (Council Directive 2011/95/EU, 2011, p.13) relativo ao estatuto de refugiado, o MNA é definido como um cidadão de um país terceiro à UE ou um apátrida, com idade inferior a 18 anos e que entra num dos Estados-Membros de forma não acompanhado por um adulto, que por ele seja responsável, ou então que fique desacompanhado após a entrada nos territórios dos Estados-Membros. Estar não acompanhado não significa, necessariamente, que as crianças ou menores viajem ou entrem no país de acolhimento sozinhas, mas sim que tenham sido separadas de ambos os pais e de outros parentes e que, por isso, não estejam a ser cuidadas por um adulto que, por lei ou norma, é responsável por fazê-lo (O'Kane & Newth, 2018). No contexto Europeu, os MNA não são um grupo homogéneo, pois diferenciam-se por etnia, nacionalidade, estatuto socioeconómico, antecedentes culturais e religiosos, idade e género, mas também, em termos das suas experiências passadas e situações da vida presente (IOM, 2013). No que concerne aos MS, estes/as são crianças que foram separadas de ambos os pais, ou do seu cuidador primário legal ou habitual, mas não, necessariamente, de outros familiares e, portanto, os MS podem incluir crianças acompanhadas por outros membros da família adultos (ICRC et al., 2004). Os menores órfãos são crianças cujos pais já faleceram. Em alguns países, porém, uma criança que perdeu um dos pais é chamada de órfã (Uppard & Birnbaum, 2017).

Relativamente ao estatuto tipicamente concedido a MNA pelos Estados-Membros, admite-se que a maioria das crianças recebe o estatuto de Refugiado ou uma Proteção subsidiária, a quem os Estados-Membros concedem autorizações de residência temporárias, até que uma decisão positiva sobre o pedido de asilo seja tomada. Muitos Estados-Membros concedem, ainda, estatutos nacionais alternativos ou temporários a MNA, que são específicos de cada Estado-Membro (EMN, 2018).

1.2. Legislação Internacional e Nacional sobre os Menores Não Acompanhados

A UE atua, ativamente, na área dos MNA há muitos anos, sendo que tal facto se reflete na sua legislação, que fornece uma estrutura geral para a proteção dos direitos dos MNA ou MA (EMN,2018). Na UE, a natureza e o âmbito de aplicação dos direitos das crianças variam consideravelmente em função da nacionalidade da criança e dos seus pais e consoante a criança migre acompanhada dos pais ou não (FRA, & TEDH, 2014). O desenvolvimento de medidas jurídicas, a nível Europeu, em matéria de direitos da criança baseia-se, em grande parte medida, na CDC, de 1989, que é o instrumento internacional mais importante e, quase universalmente aceite, no que diz respeito à proteção dos direitos das crianças e que deve ser aplicado, independentemente do estatuto de migração (UNICEF, 2016). Para além disso, a legislação da UE baseia-se na Convenção das Nações Unidas, de 1951, relativa ao Estatuto dos Refugiados (Convenção dos Refugiados), juntamente com o seu Protocolo de 1967, sendo estes documentos considerados, universalmente, como a pedra angular da proteção internacional dos refugiados (Uppard & Birnbaum, 2017).

Segundo Senovilla e Lagrange (2011), a legislação adotada no âmbito do Sistema Europeu Comum de Asilo (SECA) é particularmente relevante, pois inclui disposições e padrões específicos para MNA, a fim de garantir que estes sejam tratados da mesma forma no âmbito de um sistema aberto e justo, numa variedade de domínios, qualquer que seja o país onde solicitam asilo. O SECA inclui a Diretiva dos Procedimentos de Asilo (Council Directive 2013/32/EU, 2013); a Diretiva das Condições de Acolhimento (Council Directive 2013/33/EU); a Diretiva do Estatuto de Refugiado (Council Directive 2011/95/EU, 2011) e, ainda, o Regulamento de Dublin (Council Regulation (EU) 604/2013, 2013). Mas existem, ainda, outros instrumentos legislativos que fornecem diretrizes importantes para o cuidado, integração e possível regresso dos MNA, nomeadamente, a Diretiva relativa ao Reagrupamento Familiar (Council Directive 2003/86/CE, 2003); a Diretiva da Proteção Temporária (Council Directive 2001/55/EC, 2001); a Diretiva de Regresso (Council Directive 2008/115/CE, 2008) e a Diretiva relativa às Condições de Acolhimento (Council Directive 2013/33/EU), (EMN, 2015). Tendo em conta estes instrumentos legislativos, os MNA são classificados como particularmente vulneráveis e necessitados de especial atenção e, por isso, a sua proteção e cuidado deve começar imediatamente, a partir do momento em que as crianças são identificadas no território do Estado-Membro, independentemente do seu estatuto

legal/de residência ter sido determinado (FRA & TEDH, 2015).

Deste modo, e de acordo com estes instrumentos internacionais e europeus, os Estados-Membros devem nomear um tutor/representante para os MNA, que façam o pedido de asilo, com o objetivo de prestar apoio ao longo do processo, bem como para assegurar o bem-estar do menor, enquanto o pedido se encontra a ser tratado (UNICEF, IRC, & UNCHR, 2017). Ao nível da avaliação da idade, é permitido que os Estados-Membros, quando tiverem dúvidas, utilizem, com o respetivo consentimento, exames médicos para determinar a idade dos MNA no contexto do seu pedido de asilo (FRA & TEDH, 2014). No que concerne à reunificação das famílias, os Estados-Membros devem assegurar que as crianças, tendo em conta o seu superior interesse, na medida do possível, sejam colocadas junto de familiares adultos no país de acolhimento; que os irmãos sejam mantidos juntos e que os membros da família ausentes sejam localizados o mais depressa possível (Pierard & Roublin, 2012). Relativamente aos aspetos que dizem respeito às condições de vida das crianças, ao nível do alojamento, os MNA devem permanecer junto de familiares adultos e, por isso, dependendo do Estado-Membro, estas crianças podem ser integradas em famílias de acolhimento, em casas de acolhimento com crianças nacionais e, ainda, em centros designados exclusivamente para MNA ou noutros locais de acolhimento que disponham de instalações adequadas a menores, até que estes completem 18 anos (Pierard & Roublin, 2012). Deve, também, ser assegurado o acesso aos cuidados de saúde a MNA (Lynch, 2001); o acesso automático à educação dentro do sistema escolar convencional, independentemente do seu estatuto jurídico (Butkute & Janta, 2018); a entrada no mercado de trabalho para os MNA que beneficiem de proteção internacional e, ainda, o direito à assistência social, nomeadamente ao nível da acomodação e da supressão das necessidades básicas, a fim de serem capazes de se tornar autónomos, quando completarem 18 anos (EMN, 2018). Quando os MNA completam 18 anos de idade, todos os Estados-Membros devem possibilitar que o jovem permaneça legalmente no território, bem como assegurar que os jovens a quem foi concedido o estatuto de refugiado ou outro tipo de proteção internacional tenham autorização de residência de longa duração e possam/continuem a ter acesso aos mesmos direitos que os refugiados adultos ou outros migrantes que beneficiam de proteção internacional (EMN, 2015). No que diz respeito à detenção dos MNA, esta constitui uma violação dos direitos da criança, contudo apenas deve ser utilizada em último recurso, quando não for possível aplicar eficazmente medidas alternativas menos coercivas (FRA & TEDH, 2015). Relativamente à expulsão dos

MNA, esta apenas tem lugar em circunstâncias excepcionais, tais como a de recusa do pedido de asilo, pois, nestas situações, tendo em conta o seu superior interesse, o MNA pode ser reinstalado noutro Estado-Membro ou pode regressar ao País de origem, devendo existir uma certificação de que será entregue, no Estado de regresso, a um membro da sua família, a um tutor designado ou a uma estrutura de acolhimento adequada (FRA, 2019).

A nível nacional, em geral, há uma variedade de instituições, como sejam Ministérios, Agências de Asilo, ONG e Autoridades Locais, que são responsáveis pelos MNA nos diferentes Estados-Membros. As autoridades locais desempenham um papel crucial na receção, cuidado e integração das crianças e, habitualmente, atuam como responsáveis/tutores das mesmas, tendo o dever de responder às necessidades gerais e específicas de proteção, durante a determinação do estatuto de refugiado (EMN, 2018). Neste sentido, a tomada de decisão em relação ao processo de migração obriga a que os responsáveis pela mesma sejam capazes de recolher o máximo de informações sobre a criança desconhecida e recém-chegada, a fim de que as possam interpretar de uma forma que corresponda aos melhores interesses da criança. É, portanto, necessário o envolvimento de profissionais treinados e especializados na área da psicologia do desenvolvimento da criança e noutras áreas relevantes ao nível do desenvolvimento humano e social, que tenham experiência no trabalho com crianças, e considerem as informações recebidas de maneira objetiva e baseada em conhecimento científico (Van Os, Kalverboer, Zijlstra, Post, & Knorth, 2016).

1.3. Razões que levam à fuga dos Menores Não Acompanhados dos seus países de origem para a União Europeia

A migração de MNA e MS, para a maioria dos Estados-Membros da UE, começou nos anos 90, à exceção da Alemanha, país que recebe pedidos de asilo por parte de crianças e jovens, desde o final de 1970 (Kanics et al., 2010). O fluxo migratório que é realizado por MNA, ainda que tenha várias características em comum com aquela que é realizada pelos adultos, assume uma nova dimensão em todo o mundo, uma vez que as pessoas envolvidas numa longa e muitas vezes perigosa aventura de migração são apenas crianças e/ou jovens (Kanics et al., 2010).

Os principais motivos para fugir do país de origem nem sempre são conhecidos,

visto que alguns dos MNA são demasiado jovens para compreender plenamente as suas razões para a migração, outros não são capazes de partilhar as suas experiências com as autoridades devido ao trauma e a outros problemas vivenciados e existem ainda casos em que as crianças estão relutantes em revelar as verdadeiras razões, por medo/receio de serem deportadas ou porque desejam proteger as suas famílias (Sedmak, Gornik, & Sauer, 2017).

De acordo com Uppard e Birnbaum (2017), as crianças correm o risco de ficarem separadas das suas famílias ou cuidadores habituais, como consequência de qualquer situação de emergência. As causas e a natureza da separação das crianças em relação à sua família em situações de emergência podem ocorrer de três formas distintas, designadamente por separação acidental, por separação deliberada ou por separação induzida por auxílio.

No que diz respeito à separação acidental, esta não é planeada ou antecipada e, por isso, ocorre contra a vontade dos pais e/ou responsáveis e do(s) filho(s) (Uppard & Birnbaum, 2017). Este tipo de separação pode ocorrer, por exemplo, quando os membros da família estão em locais diferentes (e.g. escola e o trabalho) e, no decurso de um ataque ou quando são forçados a fugir do perigo, não se conseguem encontrar; quando os membros da família são feridos, mortos, capturados, sequestrados, presos ou detidos (Thomas, Nafees, & Bhugra, 2004) ou, ainda, quando as crianças são sequestradas, como vítimas de redes de tráfico humano, trabalho ilegal ou trabalho doméstico ou como consequência de contrabando por parte de organizações ilegais especializadas, que enviam os MNA para os países da UE e falsificam documentos por razões de ordem económica (Denov & Maclure, 2007).

No que concerne à separação deliberada, esta ocorre quando os pais e/ou responsáveis ou o(s) filho(s) tomam a decisão consciente de se separar, uma vez que esta separação pode ocorrer durante (separação primária) ou após (situação secundária) a situação de emergência. As separações deliberadas nem sempre têm um impacto negativo na vida das crianças, já que estas podem ser integradas num contexto mais benéfico para o seu desenvolvimento; todavia, também pode aumentar a vulnerabilidade das crianças em algumas circunstâncias (Uppard & Birnbaum, 2017). Neste âmbito, a Rede Europeia de Migrações (EMN, 2011), tendo em conta o panorama global que as crianças vivenciam no seu país de origem, reportou um conjunto de motivações e circunstâncias que levam os MNA a deixar o seu país, nomeadamente a fuga a guerras, crises e tumultos, tortura no país de origem, situações de conflito armado, catástrofes

naturais, iminente perseguição política, outras formas de violência e situações de pobreza extrema (Halvorsen, 2005) e, conseqüentemente, a procura de sobrevivência e proteção internacional, o asilo, meio através do qual um MNA pode beneficiar de um estatuto jurídico nos Estados-Membros. Outro fator motivador da fuga é o desejo de reencontro com os membros da família que, eventualmente, tenham saído do seu país de origem antes do menor, encontrando-se, por vezes, ilegais nos países de destino, ou que decidam sair depois do menor, a fim de que este seja o primeiro a tentar obter asilo e, uma vez reconhecido, poderem requerer a reunificação familiar. Para além disso, a criança também pode ser deixada para trás ou abandonada num Estado-Membro, por exemplo, se os progenitores obtiverem uma decisão negativa no processo de pedido de asilo e, deste modo, decidirem separar-se do menor, acreditando que, como MNA, este terá mais direitos; ou também existem casos de menores que têm os pais a viver no mesmo Estado-membro, mas que não podem ou não querem cuidar dos mesmos, por várias razões (EMN, 2011). Uma outra circunstância para deixar o país de origem de forma não acompanhada refere-se a razões de ordem económica e aspiracional, vinculadas na narrativa de procura de um futuro melhor onde possam viver em paz, obter educação e ter oportunidades de levar uma vida mais gratificante (Gkioka & Biswas, 2017). A escolha de um Estado-Membro também pode estar relacionada, não com a intenção de permanecer no mesmo, mas com a possibilidade estratégica de poder transitar para outro Estado-Membro ou, ainda, pelo desejo de se juntar à diáspora e comunidade de migrantes, tendo em conta que tais redes sociais e de apoio desempenham um papel crucial na escolha do Estado-Membro (EMN, 2011). Outros motivos que podem levar à fuga deliberada para outro país podem estar associados à necessidade de a criança ter de ser enviada para um Estado-Membro da UE, a fim de receber tratamento e cuidados médicos não disponíveis no seu país de origem, ou ainda ao facto de as crianças ingressarem, de forma voluntária, nas forças armadas ou em grupos armados, geralmente devido à necessidade económica ou a preocupações com a injustiça/identidade (Uppard & Birnbaum, 2017).

Relativamente à separação induzida por auxílio, esta resulta da própria resposta humanitária (Uppard & Birnbaum, 2017), sendo que, em algumas situações de emergência, a cobertura dos meios de comunicação social sobre as crianças órfãs pode gerar pressão para identificar soluções rápidas e visíveis, como acolhimento residencial ou adoção, e pode causar separações (Uppard & Birnbaum, 2017). É importante fazer uso dos meios de comunicação social sobre os riscos de ações inadequadas, como sejam

as evacuações mal organizadas ou movimentos de realocação da população que não seguem protocolos e diretrizes, por exemplo, de mover crianças que parecem estar sozinhas sem investigar adequadamente as suas circunstâncias ou manter os registos atualizados; os programas de tratamento médico e/ou cuidados de saúde que não levem em conta a necessidade de manter as famílias unidas ou garantam que o contacto possa ser mantido durante/após a intervenção; as crianças admitidas em instituições de acolhimento pela polícia, ONG ou autoridades de saúde sem manutenção de registos adequados e, ainda, a distribuição desordenada de assistência humanitária, incluindo o controlo deficiente da multidão (Uppard & Birnbaum, 2017).

É importante considerar que os MNA que estão associados a situações de emergência coexistem ao lado de outros MNA, incluindo menores em movimento, como crianças que integram fluxos migratórios mistos e/ou as que foram separadas antes da situação de emergência. Nesse sentido, as necessidades destas últimas também devem ser levadas em consideração na resposta humanitária, uma vez que a intervenção e ajuda deve ser baseada em critérios de vulnerabilidade claramente definidos e não nas razões que levaram à separação (Halvorsen, 2005).

1.4. Fatores de risco que aumentam a vulnerabilidade dos Menores Não Acompanhados

Nos últimos anos, a situação das crianças que se encontram em risco tem ganhado uma grande visibilidade através do ativismo e participação pública, do discurso político sobre a proteção à criança, dos instrumentos internacionais amplamente ratificados que defendem os direitos das crianças, e da resposta rápida e mobilização sistemática das organizações de assistência internacionais, bem como do aumento do financiamento destinado a crianças em risco (Digidiki & Bhabha, 2018). No entanto, na chegada aos países de acolhimento, os MNA enfrentam muitas vezes baixas condições de vida, incerteza e instabilidade e não recebem os cuidados e apoios necessários (Devi, 2016). Em muitos Estados-Membros, as medidas de proteção e políticas da UE relativas aos menores têm-se revelado inadequadas e insuficientes para garantir os direitos das crianças e, por vezes, até violam as suas necessidades de proteção (House of Lords, 2016). Apesar dos quadros legislativos homogéneos e das regulamentações da UE, a implementação prática das políticas é marcada por grandes discrepâncias de um país para

outro (Valtolina & D’Odorico, 2017).

De facto, os MNA enfrentam dificuldades no acesso ao território dos Estados-Membros devido às práticas restritas de gestão das fronteiras, que levam à recusa da entrada ou retorno por parte dos polícias e guardas fronteiriços, sem o reconhecimento de uma oportunidade de solicitar proteção (FRA, 2018). Tal situação acaba por interferir com o direito de asilo e violar a disposição relativa à proibição de expulsões coletivas e afastamento para um Estado no qual o menor possa correr sérios riscos de vida (FRA, 2018).

No que diz respeito ao procedimento de asilo, o prazo (até 3 dias úteis) para registo e identificação dos pedidos de proteção internacional realizados pelos MNA, em muitas situações, é excedido e não é respeitado, levando a que os MNA permaneçam nos países sem documentos e não recebam quaisquer subsídios ou ajudas (REACH & UNICEF, 2017). O período que medeia a apresentação de um pedido de asilo até ao resultado final de acesso ao estatuto legal e proteção internacional deveria ficar concluído num prazo total de 6 meses, mas, na realidade, pode durar meses ou até anos, uma vez que a falta de documentação afeta fortemente a vida das crianças nos países de chegada e a sua capacidade de aí se estabelecer (WHO, 2018). Verifica-se, ainda, um fornecimento limitado de informações por parte dos Estados-Membros da UE a respeito do procedimento de asilo disponível e dos direitos e obrigações dos MNA, bem como a falta de pessoal especializado e treinado por parte das entidades competentes, nas áreas do cuidado e integração dos MNA (EMN, 2018).

No que concerne às condições de receção dos MNA, verifica-se que o elevado número de chegadas e pedidos de asilo se têm traduzido numa falta de capacidade de acolhimento e monitorização adequadas, levando a que os MNA fiquem expostos a condições de vida deficitárias e precárias, não cumprindo os padrões mínimos de saúde e segurança e submetendo os migrantes a um tratamento desumano, com acesso limitado a água, instalações sanitárias e alimentos (UNICEF, 2016). As crianças também são expostas à violência física, como consequência desta coabitação desumana e forçada de centenas de migrantes com diferentes origens culturais e religiosas, idades e género (WHO, 2018). Para além disso, a vulnerabilidade e a dependência dos MNA em relação às outras pessoas aumentam o risco de violência sexual e de casamento infantil (Digidiki & Bhabha, 2017). As situações de violência física e sexual são, frequentemente, acompanhadas por violência psicológica exercida sobre as crianças, na medida em que as levam a reviver experiências traumáticas e adversas de violência do seu passado,

associadas com memórias de guerra e perseguição nos seus países de origem (Digidiki & Bhabha, 2017).

Os MNA apresentam também desafios ao nível das barreiras linguísticas e financeiras, das diferenças culturais e do ambiente novo e desconhecido que é vivenciado no país de acolhimento, levando a que estes tenham um acesso restrito aos serviços de saúde e cuidados médicos, bem como a um uso inadequado dos mesmos (UNICEF, 2017). As crianças enfrentam, também, desafios ao nível do acesso à educação (REACH & UNICEF, 2017) como consequência dos atrasos verificados no procedimento de asilo; da mudança frequente de residência; das dificuldades ao nível da aprendizagem da língua do país; da integração em escolas que não estão adaptadas nem têm em conta as necessidades das crianças, e, ainda, das restrições relacionadas com a idade que, em muitos países, impossibilita a inscrição das crianças no sistema de ensino (Koehler, 2017).

Uma outra barreira que se observa é que a elevada procura de emprego por parte dos MNA, após a sua chegada, leva a um menor investimento numa educação de continuidade e, conseqüentemente, a que fiquem presos a trabalho pouco qualificado e estável (OECD, 2019). Verificam-se, ainda, desafios à reunificação familiar, já que este procedimento é excessivamente longo, levando a que os menores possam ter de esperar meses antes de se reunir com os membros da família. Para além disso, observam-se problemas relacionados com a nomeação de responsáveis/tutores para MNA, visto que estes se encontram sobrecarregados em muitos Estados-Membros; com as detenções ilegais e arbitrárias de crianças; e, ainda, com a realização de procedimentos arbitrários e abusivos de avaliação da idade, seja por falta de documentos de identificação seja porque a autenticidade desses documentos é questionada pelos Estados-Membros (FRA, 2018).

A transição para a idade adulta é uma questão sensível ao nível do tratamento dos MNA nos Estados-Membros, pois pode estar associada à perda de apoio de serviços públicos, tais como acomodação e representação legal (EMN, 2018).

Quando chegam à UE, estas crianças enfrentam riscos particulares, designadamente, exposição a discriminação, marginalização, institucionalização e exclusão (WHO, 2018). A par disto, há atrasos ou ausência de caminhos seguros e legais para alcançar os destinos migratórios adequados. A impossibilidade de regressar a ambientes opressivos e prejudiciais e a exposição diária a condições de vida insatisfatórias e às vezes desumanas, dentro das instalações de habitação destinadas a migrantes, são os principais fatores que

levam os MNA à exposição de situações de abuso e exploração sexual, incluindo casamento infantil, tráfico sexual infantil, exploração sexual comercial e pornografia (Digidiki & Bhabha, 2018) e, ainda a um aumento da procura por contrabandistas, a fim de facilitar a passagem para outros países Europeus (Digidiki & Bhabha, 2017). Em 2015, mais de 90 % de todos os migrantes que chegaram à UE usaram os serviços da rede de contrabando. Esses serviços geraram cerca de 5 a 6 bilhões de dólares para a indústria de contrabando (Digidiki & Bhabha, 2017). Estes fenómenos são difíceis de definir e reconhecer, na medida em que, muitas vezes, não são detetados, levando a que as suas vítimas fiquem escondidas à vista de todos, não sejam identificadas e fiquem desprotegidas (Levone & Bowden, 2012).

Em suma, segundo Digidiki e Bhabha (2018) existem uma série de lacunas significativas em respostas governamentais e não governamentais, sendo que entre as mais importantes a ausência de um sistema integrado de proteção infantil que classifique os MNA como uma população distinta e única que requer atenção e cuidados imediatos, independentemente do seu estatuto de refugiado e, ainda, a falta de profissionais devidamente treinados e qualificados para trabalhar com essa população que é excepcionalmente vulnerável.

1.5. Os Menores Não Acompanhados e o envolvimento no sexo para sobrevivência

Os refugiados, geralmente, têm poucas opções de subsistência disponíveis e isto é verdade para os milhões de refugiados que se encontram em movimento, a fugir da guerra ou de outras crises, bem como para aqueles que vivem em situações de deslocação prolongada, seja em campos de refugiados seja, mais comumente, nas cidades (Rosenberg & Bakomeza, 2017).

As circunstâncias relacionadas ou exacerbadas pelo deslocamento forçado levam a que muitos refugiados enfrentem numerosas barreiras relativas às formas formais e informais de emprego, como consequência das restrições por parte dos governos ao seu direito ao trabalho; barreiras linguísticas e discriminação, que são vivenciadas no mercado de trabalho com base na nacionalidade, género, raça, deficiência, orientação sexual e estatuto de refugiado; e, ainda, pobreza (Rosenberg & Bakomeza, 2017). Vivendo na incerteza por períodos longos de tempo e, tendo esgotado todos os seus recursos financeiros, os migrantes começam a procurar formas alternativas, legais ou ilegais, de ganhar dinheiro para sobreviver ou pagar aos contrabandistas, a fim de poderem realizar as suas viagens (Digidiki & Bhabha, 2017). Para fazer face a este cenário, muitos refugiados recorrem ao trabalho

sexual, como forma de gerar rendimentos para si e para a sua família (WRC, 2016). O trabalho sexual pode ser definido como a realização de serviços sexuais ou performances em troca de dinheiro ou outra compensação material (Weitzer, 2000). O termo trabalho sexual inclui a prostituição, pornografia, striptease, danças eróticas e as chamadas telefónicas eróticas. É importante referir que o trabalho sexual se traduz pela prática de sexo consensual entre adultos (Weitzer, 2000). Este abarca diversos atores, visto que os/as trabalhadores/as do sexo podem ser do sexo feminino, masculino e transgéneros e tem lugar em diversos contextos. (Oliveira, 2008).

Os refugiados que realizam trabalho sexual apresentam visões diversas em relação ao mesmo, de facto alguns veem-no como trabalho; outros realizam-no apenas para atender às dificuldades económicas e querem desesperadamente deixar essa atividade; e outros falam sobre ele como a melhor das opções limitadas que têm, ou a única opção realista. Entre os refugiados que realizam trabalho sexual muitos não se identificam como trabalhadores/as do sexo, porque não estão familiarizados com o termo nem com aquilo que o mesmo implica, em termos de direitos e acesso a recursos (OGERA Uganda, 2016).

As motivações para a realização do trabalho sexual também variam entre ganhar dinheiro suficiente para atender às necessidades básicas (e.g. comprar alimentos, pagar a renda de uma casa, entre outras), para comprar bens materiais e para poder trabalhar no período noturno, a fim de que, durante o dia, possam cuidar dos seus filhos. Alguns refugiados relatam que este tipo de trabalho lhes permite ganhar mais rendimento e trabalhar menos horas, por comparação a outros empregos disponíveis, como o trabalho doméstico ou o trabalho na indústria, bem como permite que exerçam mais poder sobre quando, onde e como funciona o seu trabalho (WRC, 2016). A esta diversidade de perspetivas soma-se a diversidade de condições em que os refugiados realizam o trabalho sexual: desde hotéis em grandes cidades a tendas em campos de refugiados; desde países onde o trabalho sexual é criminalizado, o que leva a que, em muitos casos, os refugiados sejam capturados pela polícia e deportados, porque não conseguem obter autorizações de trabalho e de residência válidas; a países que legalizaram ou regulamentaram o trabalho sexual, mas que limitam significativamente o acesso a emprego legal ou a trabalho autónomo no trabalho sexual para alguns grupos de refugiados (Rosenberg & Bakomeza, 2017). Quando levados à ilegalidade ou às margens do mercado de trabalho legal, os/as trabalhadores/as do sexo refugiados são forçados/as a esconderem-se em condições de trabalho perigosas e desfavoráveis, tornando-os/as particularmente vulneráveis à violência, incluindo rapto, tortura sexual e/ou roubo, por parte dos clientes ou outros atores, isto porque assumem que estes, por oposição aos/às

trabalhadores/as do sexo nacionais, são menos propensos a fazer queixa ou denúncia, devido ao seu estatuto muitas vezes ilegal nos países de destino (ICRSE, 2016). Para além disso, as barreiras linguísticas, o estigma e a falta de mobilidade restringem ainda mais o acesso que os refugiados têm a informações e serviços essenciais à sua saúde e segurança imediata, incluindo informações sobre a prevenção do Vírus da Imunodeficiência Humana/Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (VIH/SIDA) e outras infeções sexualmente transmissíveis (IST) ou quaisquer serviços, espaços e/ou apoios da comunidade destinados a trabalhadores/as do sexo (WRC, 2016).

O trabalho sexual que é realizado por refugiados é do conhecimento das Organizações/Agências Humanitárias; porém, o termo trabalho sexual não é frequentemente utilizado no seu discurso; a venda consensual de sexo é, comumente, mencionada como sexo para sobrevivência ou sexo transacional (UNHCR, 2014). Estes dois termos surgem como uma medida de desespero e uma estratégia de *coping* negativa utilizada pelas populações particularmente vulneráveis (UNHCR, 2014). O sexo transacional é descrito como uma relação comercial na qual os atos sexuais são trocados por bens, dinheiro ou benefícios, muitas vezes ligados à sobrevivência económica, ascensão educacional, aumento das oportunidades económicas ou aumento do estatuto social (Greijer & Doek, 2016). Quando o sexo transacional envolve uma troca de atividades sexuais por necessidades básicas, tais como alimentação, vestuário ou alojamento, é referido como sexo para sobrevivência (Greijer & Doek, 2016).

O sexo para sobrevivência traduz uma consequência direta das lacunas verificadas, ao nível da assistência, nas falhas nos sistemas de acolhimento e procedimentos de asilo ou separações familiares, afetando homens, mulheres, meninos e meninas (Rosenberg & Bakomeza, 2017). O estigma e o silêncio em torno do tema do trabalho sexual prevalecem nos contextos humanitários, criando barreiras ao desenvolvimento do diálogo, investigação e desenvolvimento de programas de intervenção ao nível do fenómeno (Rosenberg & Bakomeza, 2017). Neste sentido, até que ponto esta terminologia que é utilizada não leva a que o tópico permaneça estigmatizado, se baseie em suposições mínimas que não têm em conta as diversas circunstâncias e perspetivas dos indivíduos afetados e que, conseqüentemente, leva a que as necessidades significativas ao nível da saúde e proteção não sejam consideradas nem privilegiadas?

No caso específico das crianças refugiadas, cuja obtenção de rendimento disponível é muito limitada, estas gravitam em torno de atividades perigosas e ilegais nomeadamente roubo, tráfico de drogas e sexo transacional, a fim de pagar aos

contrabandistas para que possam continuar a sua viagem (Digidiki & Bhabha, 2017). De acordo com Thorburn e de Haan (2014), o sexo infantil transacional é considerado uma das piores manifestações de abuso numa sociedade. Do ponto de vista do Direito Internacional, todas as crianças envolvidas em sexo transacional, quer tenha sido dado o consentimento ou não, são vítimas de exploração sexual, visto que não são consideradas legalmente capazes de fornecer o consentimento genuíno (The United Nations, 1989, art. 34). Assim, o envolvimento de crianças em atos sexuais é sempre evidência de uma falha dos sistemas de proteção infantil (Thorburn & de Haan, 2014).

Em situações como as de crianças migrantes, os riscos de exploração sexual comercial infantil são consideráveis. Efetivamente, as Organizações Internacionais, ONG e voluntários têm revelado preocupações em relação ao número crescente de MNA que chegam à Grécia, vindas do Médio Oriente, e que se encontram ativamente envolvidos na sua própria exploração como meio de sobrevivência, utilizando o sexo transacional como mecanismo comum de *coping* (Luigi et al., 2017). Um relatório da Universidade de Harvard (Digidiki & Bhabha, 2017), um relatório da *ECPAT International* (Smith & Khemiri, 2019) e vários artigos de jornal relatam casos de MNA que recorrem a sexo transacional como meio de sobrevivência nas ruas de Atenas, referindo-se a estas crianças como sendo vítimas de exploração sexual (Smith & Khemiri, 2019). A exploração sexual comercial de crianças refere-se à exploração sexual por um adulto em relação a uma criança ou adolescente, feminino ou masculino, com idade inferior a 18 anos. A exploração é acompanhada de um pagamento em dinheiro ou de outra forma, para a criança, adolescente ou terceiros (Delaney, 2006). As principais causas apontadas para o envolvimento em trocas sexuais são a falta de recursos financeiros; o fracasso do sistema de proteção e bem-estar infantil, que deveria atuar como uma rede de segurança para estas crianças; a exposição prolongada a condições de vida desumanas; e um caminho moroso para a obtenção do estatuto legal (Delaney, 2006).

De facto, as crianças migrantes que se encontram presas em situações temporárias, opressivas e, aparentemente, intermináveis tornam-se desesperadas por estratégias de saída (Delaney, 2006) que não cumprem os princípios plasmados na legislação Grega relativa ao Trabalho Sexual. Este é considerado uma atividade profissional legal e administrativamente regulamentada, porque apenas pode ser realizada por pessoas com mais de 18 anos, solteiras, divorciadas ou viúvas, por um período de três meses, e detentoras de um certificado que lhes permita exercer a atividade profissional, bem como obter uma licença para o local onde a pretende exercer. O trabalho sexual apenas pode ser realizado legalmente, em bordéis licenciados, que para tal requerem o consentimento de todos os residentes e donos do

edifício, onde a casa ou o apartamento se encontram localizados, e, por isso, a atividade profissional que ocorre nas ruas e nos hotéis é ilegal (Maratou-Alipranti & Rethimiotaki, 2018). Segundo a lei grega, a exploração sexual de crianças na prostituição é ilegal e criminalizada pelo Código Penal Grego (Smith & Khemiri, 2019).

A extensão e prevalência dos MNA que realizam sexo transacional é difícil de determinar, mas, atendendo à grande proporção de crianças refugiadas do género masculino que chegam à Grécia, a investigação sugere que neste país, as crianças envolvidas em trocas de sexo por dinheiro são, tipicamente, do sexo masculino (Smith & Khemiri, 2019). Estas crianças que praticam sexo transacional veem-no como a única maneira de continuar a sua jornada pela Europa (Freccero et al., 2017).

Muitos destes rapazes são do Afeganistão, existindo um menor número de crianças do Irão, Iraque, Síria e Bangladesh (Digidiki & Bhabha, 2017). De facto, os rapazes afegãos podem ser particularmente vulneráveis ao envolvimento em sexo transacional, devido à maior tolerância social da exploração sexual de rapazes, em detrimento de raparigas, em algumas áreas do Afeganistão (UNICEF, 2016).

De acordo com Digidiki e Bhabha (2017), muitos dos MNA são atraídos para as trocas sexuais comerciais com promessas elevadas ao nível do rendimento auferido; todavia, na realidade, as quantias auferidas raramente ultrapassam os 15 euros por ato. Esta quantia de dinheiro torna muito improvável que as crianças consigam arrecadar o valor necessário para deixar a Grécia por meio dos contrabandistas. Além disso, muitas crianças acabam por ser arrastadas para um ciclo de abuso de drogas (Digidiki & Bhabha, 2017).

No que concerne às formas de recrutamento de MNA, a tecnologia desempenha um papel crucial, nomeadamente os telemóveis que permitem que os planos sejam realizados com eficiência e sem serem detetados, bem como as aplicações de encontros que facilitam o processo (Smith & Khemiri, 2019). A influência dos pares também é um fator importante no recrutamento, dado que os informam que em Atenas eles podem envolver-se em trocas sexuais comerciais e conseguir dinheiro (Digidiki & Bhabha, 2017). Ocasionalmente, podem existir outros migrantes que atuam como intermediários entre os clientes e os MNA, facilitando esta troca de sexo (Smith & Khemiri, 2019).

Relativamente aos clientes, estes são frequentemente homens gregos mais velhos ou turistas que visitam Atenas com intenção de conhecer os menores, tendo já contacto com os mesmos através da Internet (Brun, 2018).

Em Atenas, estas trocas sexuais que envolvem crianças refugiadas ocorrem predominantemente em duas áreas reconhecidas da cidade, nomeadamente Victoria Square

(que é uma das principais praças) ou Pedion tou Areos (o maior parque público). Estes dois locais têm sido, nos últimos anos, centros-chave para o tráfico de drogas e troca de sexo, visto que a única diferença em relação ao passado é a idade das pessoas envolvidas, dado que, atualmente, se veem crianças (Digidiki & Bhabha, 2017).

Em suma, nos contextos humanitários, a questão do trabalho sexual tem sido subestimada e estigmatizada como uma estratégia de *coping* negativa, sem se refletir sobre a forma como se pode atender às necessidades dos refugiados que realizam trabalho sexual e, sobretudo, dos MNA que fazem sexo transacional e que são um grupo especialmente vulnerável, de acordo com os princípios humanitários e dos direitos humanos. Desta forma, os profissionais que atuam no terreno devem trabalhar no sentido de fortalecer a capacidade desses refugiados de reivindicar e exercer os seus direitos, nomeadamente ao nível da informação, saúde e liberdade contra a violência, porque isto inclui o desenvolvimento de políticas e programas apropriados, como, por exemplo, programas de educação de pares para trabalhar com os refugiados que realizam trabalho sexual, transmissão de informações sobre práticas sexuais seguras, centros *drop-in*, entre outros que solicitam a participação ativa dos indivíduos em todas as etapas de elaboração do projeto e respetiva implementação (OGERA Uganda, 2016).

2. Estudo Empírico

2.1. Objeto e objetivos de investigação

A presente investigação tem por base um estudo exploratório que pretende conhecer, explorar e descrever a realidade dos MNA que, em Atenas, estão envolvidos em experiências de sexo para sobrevivência.

O estudo tem como finalidade obter uma visão fidedigna e em profundidade do fenómeno em análise, bem como enquadrá-lo numa realidade ampla e transversal, atendendo às experiências de vida dos MNA. Para alcançar este propósito, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

1. Conhecer as principais razões que levam os MNA a sair dos seus países de origem;
2. Compreender os fatores de risco que aumentam a vulnerabilidade dos MNA, aquando da sua chegada à Grécia;
3. Compreender o tipo de trabalho que é desenvolvido com os MNA pelo Governo Grego;
4. Compreender o tipo de trabalho que é desenvolvido com os MNA pelas Organizações Nacionais Gregas e Internacionais;
5. Caracterizar os MNA que se encontram envolvidos em experiências de sexo para sobrevivência;
6. Caracterizar as pessoas que recorrem a trocas de sexo para sobrevivência com os MNA;
7. Conhecer as motivações que levam às experiências de troca de sexo para sobrevivência;
8. Conhecer os principais locais da cidade em que este fenómeno ocorre;
9. Entender quais as estratégias e formas de contacto utilizadas para estabelecer as trocas de sexo para sobrevivência;
10. Conhecer os significados e os sentidos que são atribuídos pelos MNA às trocas de sexo para sobrevivência.

2.2.Método

O estudo desta Dissertação identifica-se com as metodologias qualitativas, na medida em que pretende lançar pistas para investigações futuras e preencher a reduzida informação que existe na literatura sobre esta temática, sendo necessário recolher e procurar novas informações acerca dos participantes e esclarecer aspetos que carecem de resposta, através de uma investigação de carácter exploratório (Creswell, 2008).

A metodologia qualitativa nasceu da preocupação em compreender o outro, utilizando um conjunto de práticas e materiais interpretativos que tornam o seu mundo visível (Denzin & Lincoln, 2000). Este tipo de abordagem é o modo mais apropriado para a exploração de temáticas relacionadas com o mundo social e as experiências humanas (Huberman, Miles, & Saldaña, 2014). Efetivamente, a metodologia qualitativa descreve a vida das pessoas de dentro para fora, atendendo às opiniões e pontos de vista das pessoas que participam no estudo (Creswell, 2008). Deste modo, procura contribuir para uma melhor compreensão das realidades sociais e chamar a atenção para processos, padrões de significado e características estruturais (Flick et al., 2004). É por isso que assume que não existe uma verdade absoluta e única, mas sim várias versões de uma realidade e várias interpretações ligadas ao contexto em que as situações ocorrem (Braun & Clarke, 2013). Neste caso específico, procura-se compreender as práticas e experiências dos MNA, nomeadamente, aquelas que estão relacionadas com as vivências de sexo para sobrevivência. Neste sentido, a investigação é do tipo experiencial, pois procura os significados, visões, perspetivas, experiências e práticas, todos eles expressos nos dados apresentados, funcionando como porta de entrada para o mundo das pessoas entrevistadas e percebendo aprofundadamente as suas experiências (Braun & Clarke, 2013). Para além disto, a metodologia tem por base uma posição ontológica, que se relaciona com o Relativismo e tem por base a Filosofia de que existe uma relação entre o mundo e as interpretações, compreensões e práticas humanas e, por isso, admite que as múltiplas realidades estão totalmente dependentes da interpretação e conhecimento humanos e podem ser acedidas através da investigação (Braun & Clarke, 2013).

2.2.1. Instrumentos e técnicas de Recolha de Dados: Entrevistas Qualitativas e Observação Participante

O desenvolvimento das Ciências Sociais e o conseqüente alargamento de uma abordagem do ser humano em profundidade cada vez mais interessada pelo indivíduo, pela sua forma de ver o mundo, pelas suas intenções e pelas suas crenças levaram a que a entrevista se tornasse num instrumento essencial (Ruquoy, 1995). As entrevistas qualitativas traduzem-se numa conversa profissional (Kvale, 2007) com o objetivo de que os participantes falem acerca das suas experiências e perspetivas, proporcionando capturar a sua linguagem e conceitos em relação ao tópicio em estudo (Rubin & Rubin, 1995). A partir desta ideia, foi selecionada a entrevista semiestruturada como instrumento de recolha de dados. Neste tipo de entrevista, é dada a oportunidade aos participantes de discutir, utilizando as suas próprias palavras, sobre temas e assuntos que são importantes para si, que não foram antecipados e que não se encontram no guião da entrevista (Braun & Clarke, 2013).

As entrevistas qualitativas assumem-se como uma abordagem extremamente versátil para realizar investigação, porque permitem escutar ativamente as pessoas, enquanto estas descrevem a forma como percebem “os mundos” em que vivem e trabalham (Rubin & Rubin, 1995). Tal facto é possível dado que este tipo de entrevista se constrói a partir das competências de comunicação que são utilizadas nas conversas informais, mas diferem destas últimas pelo facto de serem um instrumento de investigação e uma forma intencional de aprendizagem de sentimentos, pensamentos e experiências das pessoas (Rubin & Rubin, 1995). Podem ser realizadas entre estranhos ou entre conhecidos e, ainda, podem ser guiadas por um entrevistador, que intencionalmente introduz um número limite de questões, solicitando ao entrevistado para explorar essas questões em profundidade (Rubin & Rubin, 1995). Possibilitam que a informação que é possível recolher seja mais tarde analisada pelo investigador e partilhada através de relatórios, artigos e livros (Rubin & Rubin, 1995).

Para conduzir as entrevistas qualitativas, foram elaborados e construídos, especialmente para esta investigação, dois guiões de entrevista, realçando-se que cada um deles se subdividiu em algumas questões mais específicas. Deste modo, um dos guiões foi utilizado com todos os participantes que se encontravam num dos locais em que o fenómeno do sexo para sobrevivência tem lugar e onde decorreu, maioritariamente, a observação participante. Este guião é bastante mais curto e apresenta questões que se focam unicamente a respeito do tema do sexo para sobrevivência, pois a necessidade da sua utilização surgiu

da dificuldade de permanência prolongada no terreno (Anexo 1). O segundo guião foi utilizado com todos os participantes em que existiu um maior tempo disponível para realizar as entrevistas, quer em contextos protetores para os mesmos, quer por chamada de voz na aplicação Messenger, quer através do envio das questões do guião, em documento Word. Desta maneira, o número de questões plasmadas neste guião é superior e estão relacionadas seja com a integração dos MNA na Grécia seja com o envolvimento dos mesmos em trocas de sexo para sobrevivência, na cidade de Atenas (Anexo 2). Estes guiões foram criados de forma a garantir a sua estrutura lógica e também conferir liberdade aos participantes para explorarem o tema e, por isso, são compostos por diversas questões que foram elaboradas tendo em conta o objetivo do estudo e a revisão da literatura.

A entrevista não pode ser considerada como o único instrumento nem como o melhor (Ruquoy, 1995). A abordagem qualitativa, como um conjunto de atividades interpretativas, não privilegia nenhuma prática metodológica em detrimento de outra (Given, 2008). Efetivamente, a abordagem qualitativa envolve o uso e a recolha de uma variedade de materiais empíricos, a fim de obter a melhor compreensão do fenómeno. No entanto, é necessário ter em consideração que cada prática torna o “mundo visível” de uma maneira diferente (Given, 2008).

A observação participante e a entrevista consideram-se duas abordagens que se completam (Patton, 2014). Relativamente à observação participante, esta consiste no processo de recolha de informações abertas e em primeira mão, observando pessoas e lugares no contexto de investigação (Creswell, 2008). Os dados das observações consistem em descrições detalhadas das atividades, comportamentos, ações e toda a gama de interações interpessoais e processos organizacionais que fazem parte da experiência humana observável (Creswell, 2003). O propósito de uma análise observacional é conduzir o leitor até ao contexto que foi efetivamente observado (Patton, 2014). Isto significa que os dados das observações devem ter profundidade, serem detalhados e suficientemente descritivos, para que o leitor possa perceber o que ocorreu e como ocorreu, não devendo incluir qualquer tipo de julgamento interpretativo (Patton, 2014). Como forma de recolha de dados, de acordo com Creswell (2008), a observação participante tem vantagens, tais como registar informações tal como estas ocorrem no contexto; estudar o comportamento real e, ainda, permitir aceder aos indivíduos que têm dificuldade ou que não estão recetivos para verbalizarem as suas ideias. No entanto, segundo o mesmo autor, também tem desvantagens, na medida em que está limitada aos contextos e situações a que conseguimos ter acesso, sendo que, nestes contextos poderá ser difícil desenvolver o relacionamento com os

indivíduos. A observação requer boa capacidade de escuta e atenção cuidadosa aos detalhes visuais (Creswell, 2008).

O investigador faz anotações de campo sobre o comportamento e as atividades desenvolvidas pelos indivíduos nos contextos de investigação. As notas do observador tornam-se “os olhos”, os “ouvidos” e “sentidos percetivos” para o leitor (Patton, 2014). As descrições devem ser factuais, precisas e completas, sem serem confundidas por particularidades e curiosidades irrelevantes. Não menos importante, refira-se que o diário de bordo, que consiste numa ferramenta que guiou a observação, está orientado de acordo com os dias em que se permaneceu no terreno, descrevendo os entrevistados, os lugares e as tarefas realizadas, contendo, ainda, o registo emocional da investigadora, ao longo de toda a experiência vivenciada.

2.2.2.Participantes

Nos estudos qualitativos o critério que determina o valor da amostra é a sua adequação aos objetivos de investigação, tendo como princípio a diversificação das pessoas interrogadas e a garantia de que nenhuma situação importante seja esquecida (Ruquoy, 1995). Assim, interroga-se um número limitado de pessoas, pelo que a questão da representatividade, no sentido estatístico do termo, não se coloca (Ruquoy, 1995).

Neste sentido, para a concretização deste estudo, foram realizadas vinte e três entrevistas, das quais oito foram realizadas com refugiados do sexo masculino, que foram MNA aquando a sua chegada à Grécia, sendo estes jovens oriundos de países como o Albânia, Iraque, Kuwait, Paquistão, Irão e Roménia. De referir que cinco destas entrevistas foram efetuadas a jovens que foram MNA e que têm experiências de sexo comercial para sobrevivência. A sua ligação ao fenómeno foi sobretudo visível através da observação participante, nomeadamente, a partir das interações entre os jovens e os clientes num dos locais em que o fenómeno tem lugar; das indicações fornecidas pelo coordenador da ONG com quem trabalhamos e, ainda pelo facto de os jovens, durante as entrevistas realizadas, fazerem uso, em determinados momentos, dos pronomes pessoais na primeira pessoa do singular (“I”) e plural (“We”), quando se referiram aos MNA que realizam trocas sexuais para sobrevivência. A meio do seu discurso, quando se apercebiam deste uso, passavam a utilizar o pronome pessoal na primeira pessoa do plural (“They”). As outras duas entrevistas, que foram realizadas com jovens que foram MNA, ocorreram, após o regresso a Portugal,

através de videochamada na aplicação *Messenger*, pelo que nestes casos não foi possível perceber qualquer envolvimento dos jovens com o fenómeno. A última entrevista, que foi realizada com um jovem adulto refugiado e que foi MNA aquando a sua chegada à Grécia, ocorreu na presença de uma profissional de uma ONG, que também participou no estudo, uma vez que estes se encontram casados e foi necessário o seu auxílio na tradução, na medida em que o jovem não sabia a língua inglesa. Para além destas, foram realizadas, ainda, doze entrevistas a profissionais que colaboram ou colaboraram com ONG gregas e/ou internacionais e que, por isso, desempenham ou desempenharam funções de proximidade com os refugiados. Por último, três entrevistas foram realizadas ao dono de um restaurante, ao rececionista de um cinema pornográfico e a um residente numa zona em que o fenómeno tem lugar e, onde decorreu, maioritariamente, a observação participante (i.e. *Praça Omonia*).

O processo de amostragem, neste caso, foi por conveniência, na medida em que foram seleccionados os participantes que, naquele momento, se encontravam disponíveis e dispostos a colaborar, permitindo serem estudados (Creswell, 2008), quer nos contextos identificados na literatura como principais locais onde ocorre o fenómeno quer nas organizações que trabalham ao nível da integração dos refugiados. A seleção foi realizada através do contacto direto ou através de *e-mail* ou da página *Facebook*. Para além disso, foi ainda utilizado o processo de amostragem por *snowball*, visto que foi solicitado a alguns participantes que identificassem outros que se tornassem, também eles, membros da amostra, permitindo, assim, recrutar um maior número de participantes para o estudo (Creswell, 2008).

2.2.3. Procedimentos de Recolha de Dados

Os investigadores qualitativos estudam os fenómenos nos seus ambientes naturais, tentando entender ou interpretar os mesmos em termos dos significados que as pessoas lhes transmitem (Denzin e Lincoln, 2000). Deste modo, no período de 11 de julho a 28 de agosto de 2019, permaneci¹ em Atenas, na Grécia, integrando de forma voluntária uma ONG sem fins lucrativos, designada *Steps*. Esta organização tem vários projetos de solidariedade que apoiam sem discriminação grupos vulneráveis de pessoas que sofrem de exclusão social (e.g.

¹ Tendo em conta o envolvimento no terreno, na medida em que se trata de uma experiência muito pessoal será usada a primeira pessoa do singular em detrimento da primeira pessoa do plural, tal como a escrita científica exige.

sem-abrigo, consumidores de drogas, pessoas desempregadas que vivem abaixo do limiar de pobreza, imigrantes e refugiados, vítimas de tráfico de seres humanos, trabalhadoras/es do sexo, entre outros). Através de uma presença constante e diária nas ruas da cidade, os voluntários constroem relações de confiança com estes grupos e, ao mesmo tempo, proporcionam-lhes o acesso à alimentação, entretenimento, primeiros socorros e/ou diagnósticos clínicos de primeira linha, vestuário e higiene pessoal. Durante os dois meses que permaneci na Grécia, realizei, através da Organização, aproximadamente noventa e seis horas de trabalho de proximidade com as populações supramencionadas e seis horas de observação participante do fenómeno em análise.

Através do trabalho de voluntariado desenvolvido na organização *Steps*, foi possível frequentar, de forma acompanhada, os locais em que o fenómeno em análise tem lugar, bem como conseguir uma aproximação aos MNA, contando com ajuda ao nível da tradução. Simultaneamente, a título pessoal e de forma exaustiva, realizaram-se também deslocações presenciais a ONG que trabalham com refugiados e que, na maior parte dos casos, recusaram colaborar, pelo receio de violação do sigilo e da confidencialidade.

As entrevistas foram realizadas, quase na sua totalidade, de forma presencial. Efetivamente, os cinco jovens que foram MNA aquando a sua chegada à Grécia e que têm experiências de sexo para sobrevivência foram identificados através das observações participantes num dos locais públicos em que decorre o fenómeno e, por isso estas entrevistas foram efetuadas *in loco*. Saliente-se, ainda, que uma das entrevistas que foi realizada com um destes jovens e nove das entrevistas com profissionais das Organizações foram realizadas na Grécia, em contextos protetores para os mesmos (*e.g.* casa ou cafés), de modo a garantir o seu anonimato. Por último, as três entrevistas realizadas aos trabalhadores e morador de uma zona em que o fenómeno ocorre (*i.e.* *Praça Omonia*) foram, também, realizadas *in loco*.

No que concerne às restantes cinco entrevistas, estas foram realizadas ao longo do ano corrente, utilizando tanto a chamada de voz na aplicação *Messenger*, como o envio das questões do guião, em documento *Word*, aos entrevistados, para serem posteriormente respondidas por escrito. É importante referir que houve vantagens e desvantagens associadas às estratégias utilizadas na recolha de dados. Se, por um lado, as entrevistas via *Messenger* ou documento *Word* permitem que os entrevistados fiquem mais à vontade para abordar assuntos mais pessoais e/ou constrangedores, por outro lado, perdem-se aspetos ao nível da linguagem não-verbal, que poderão facultar informações pertinentes, no que diz respeito a reações, expressões e emoções. Embora se tenha reconhecido que a riqueza das entrevistas tenha ficado, de certo modo, comprometida, decidiu-se prosseguir com estas estratégias pela

relevância que estas entrevistas têm, pois permitem facultar informações cedidas por estes participantes, que se consideram de extrema importância. As entrevistas tiveram uma duração variável, sendo que a mais longa teve a duração de, aproximadamente, duas horas e a mais curta dez minutos.

De salientar que é fundamental proteger a privacidade e confidencialidade dos indivíduos que participam no estudo e, por isso, antes da recolha dos dados é crucial obter a permissão desses indivíduos e/ou grupos (Creswell, 2008). Efetivamente, a melhor forma de obter permissão é solicitar formalmente o preenchimento do consentimento informado, onde consta um conjunto de informações, tais como o propósito do estudo, o período de tempo que será necessário permanecer no terreno para a recolha dos dados, o tempo que será requerido aos participantes para participarem e como serão utilizados os dados e resultados recolhidos (Creswell, 2008). Contudo, neste caso específico, ainda que não tenha sido possível recolher uma permissão formal, por escrito, por parte dos indivíduos que participaram no estudo, foi recolhido o consentimento informado oral, tendo sido encarado o carácter sigiloso das entrevistas, assegurando a confidencialidade dos dados. De facto, as características e fragilidades da população, as dificuldades e a fugacidade dos momentos de acesso ao contexto e características poderiam levar a que os indivíduos se recusassem a participar no estudo ou omitissem informação relativa à sua identificação, uma vez que prezam o anonimato.

Durante a permanência no terreno foram vivenciadas algumas dificuldades, que surgiram como consequência de um conjunto de fatores relacionados com a própria população e o contexto em estudo, que acabaram por interferir no desenvolvimento do trabalho a diversos níveis, nomeadamente no tempo que levou a recolher a informação, obrigando a uma permanência no terreno mais longa, relativamente ao que estava previsto; na qualidade dos dados recolhidos; nas dificuldades acrescidas na inclusão dos grupos; nos locais que foram acedidos e na frequência com que foram frequentados; e, ainda, nas pessoas que foram entrevistadas. Efetivamente, as experiências de troca de sexo comercial para sobrevivência, por parte dos MNA, nas ruas de Atenas, traduzem-se num fenómeno muito volátil e mutante, no que diz respeito às instalações geográfica e espacial dos locais em que ocorre. Foi possível verificar uma reconfiguração dos territórios e locais de troca sexual motivados pela presença policial e pelas próprias dinâmicas de interação dos clientes e dos jovens envolvidos, que apresentam uma profunda alteração, em curtos períodos, resultante das condições em que os movimentos migratórios têm lugar e da forma como o próprio Estatuto de Refugiado é atribuído.

Não menos importante, foi possível constatar a existência de uma atitude defensiva, por parte destes jovens face ao exterior, de modo a tentarem evitar que o fenómeno fosse falado e pudesse, dessa forma, passar despercebido entre a azáfama que é a movimentada capital grega. Estes jovens receavam perder o anonimato e a própria identidade individual e grupal que criaram naqueles contextos.

A estas dificuldades acresce, ainda, o facto de se tratar de um grupo essencialmente composto por elementos do género masculino, fortemente enraizado em valores religiosos e numa cultura também ela fortemente masculinizada. Efetivamente, a permanência de uma mulher entre homens dificultou a deslocação de forma isolada e por iniciativa própria até aos locais onde o fenómeno tem lugar, sendo que foi necessário o recurso a um intermediário, neste caso o coordenador da organização *Steps*, que habitualmente frequenta o terreno enquanto coordenador de uma Equipa de rua e que, por isso, é detentor de uma imagem fiável e credível, potenciando a aproximação aos MNA. Assim, para realizar a observação participante, foi sempre necessária a presença do coordenador e, deste modo, a observação participante apenas começou a ser realizada durante o mês de agosto, às sextas-feiras e, por vezes, aos sábados, após o término das tarefas relacionadas com as equipas de rua, tendo sido estes os únicos períodos em que o coordenador da organização se disponibilizou para colaborar. Refira-se que a observação participante concretizada não o é no sentido estrito, pois, devido a constrangimentos de tempo e do próprio contexto, não houve envolvimento profunda nem permanência no terreno, não permitindo a saturação dos dados. No entanto, todos os dados recolhidos através deste método refletiram a sua essência e contribuíram para a compreensão do objetivo do estudo, ainda que elaborado nas condições referidas.

Para além disso, é de realçar que a condução das entrevistas com os jovens não foi realizada com a flexibilidade necessária, dado que estes apresentaram pouca abertura e disponibilidade para dar a conhecer as suas experiências de vida e, por isso, não exploraram os tópicos apresentados, respondendo taxativamente e de forma muito rápida às questões que lhe foram colocadas. Não deram, assim, possibilidade de exploração de tópicos que eram pertinentes para a investigação. O mesmo ocorreu com as entrevistas que foram realizadas com alguns dos profissionais das ONG, que demonstraram uma grande resistência, desconfiança e, por vezes, medo de possíveis represálias. Por isso, na maior parte dos casos, verificou-se uma grande dificuldade em explorar o objeto de estudo, considerando que esta dificuldade foi exacerbada pela barreira linguística. Em alguns casos, a comunicação não foi de todo possível ou, quando ocorreu, foi difícil, não permitindo captar a totalidade das informações transmitidas. Acresce o facto de que as traduções, realizadas pelo coordenador

da organização, nem sempre nos pareceram totalmente fiéis à informação transmitida pelas pessoas entrevistadas.

2.2.4. Procedimentos de tratamento dos dados: Análise de Conteúdo de tipo Categorical

Para analisar as informações recolhidas nas entrevistas, recorreu-se à análise de conteúdo categorial, que constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda a classe de documentos e textos (Moraes, 1999). Quanto à Observação Participante, foi redigido um diário de bordo que foi, posteriormente, também submetido a uma análise de conteúdo do mesmo tipo. Esta análise revela-se como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utilizam procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (Bardin, 2011) e que ajudam a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados a um nível que vai além de uma leitura comum (Moraes, 1999).

Deste modo, numa fase de pré-análise procedeu-se à utilização do procedimento que Bardin (2011) designa como leitura flutuante, que consiste em estabelecer contacto com os documentos a analisar, e em conhecer o texto, deixando-se invadir por impressões e orientações sem intentar em extrair elementos específicos das entrevistas. Assim sendo, começou-se por obter uma visão geral, compreensiva e parcialmente orientada do conteúdo das entrevistas e das notas do observador.

Em suma, após uma leitura flutuante de todas as entrevistas e do material recolhido através de observação participante, e tendo em conta a vasta quantidade de informações e as suas especificidades, procedeu-se à criação de categorias, isto é, classes pertinentes de objetos, ações, pessoas ou acontecimentos (Maroy, 1995). O processo de construção de categorias de análise foi um processo misto, uma vez que algumas categorias foram fornecidas ou estabelecidas *a priori*, seja a partir da teoria seja a partir dos objetivos ou das questões de investigação, sendo que este tipo de procedimento foi denominado por Bardin (1977) por “caixas” e outras categorias foram construídas ao longo do processo da análise, resultando num processo de sistematização progressivo e analógico, que Bardin (1977) designou de procedimento por “milha”.

Da análise de dados efetuada, foi possível identificar três grandes temas de análise das entrevistas e do material recolhido através da observação participante, nomeadamente o

primeiro tema, que diz respeito à vinda e integração dos MNA para a Grécia. O segundo tema refere-se ao fenómeno do sexo para sobrevivência propriamente dito e encontra-se dividido na componente da caracterização do fenómeno; dos MNA e dos clientes. Por último, no terceiro tema, será apresentado o trabalho que as ONG e o Governo Grego podiam empreender em relação a este fenómeno dos menores que se encontram envolvidos em trocas de sexo para sobrevivência, em Atenas. Estes temas foram divididos em categorias e subcategorias (Anexo 3), sendo que as categorias representam o resultado de um esforço de síntese de uma comunicação, destacando, neste processo, os aspetos mais importantes (Moraes, 1999).

De seguida, realizou-se uma nova leitura das entrevistas e do material produzido na sequência da observação participante e exercitou-se, com maior profundidade, um esforço de interpretação, quer dos conteúdos manifestados pelos intervenientes e pela observação participante, quer sobre os latentes, sejam eles ocultados consciente ou inconscientemente pelos mesmos (Moraes, 1999).

Desta forma, espera-se desta análise a compreensão com algum nível de profundidade da vivência dos MNA em relação à integração na Grécia, mas, sobretudo, em relação ao seu envolvimento no fenómeno de trocas de sexo para sobrevivência.

3. Apresentação, análise e discussão dos resultados

3.1. A vinda para a Europa e a integração na Grécia

Quanto à vinda para a Europa, a maioria dos entrevistados referiu que existem vários motivos que justificam a saída dos MNA dos seus países de origem (*There are many reasons they are coming to Greece (...)*. – Ep1²), tal como sugerido na literatura (EMN, 2011), e esta decisão de abandono, de forma não acompanhada e/ou separada, do país de origem pode ser tomada pelos próprios menores ou pelas suas famílias (*(...) so either on their own or their parents send them to Greece (...)*. – Ep2).

Os motivos de fuga dos MNA para países Europeus que foram identificados prendem-se, segundo dez dos participantes entrevistados, com razões de natureza aspiracional, alicerçadas no sonho de viver na Europa e na procura de oportunidades de ter um futuro melhor (*I left my country because I was trying to achieve a better future.* – Er1). A par disto, a maioria dos entrevistados referiu que a procura de segurança é outro fator que justifica o abandono do seu país por parte dos MNA. Efetivamente, as famílias tentam salvar e proteger os seus filhos de situações que os coloquem em perigo e risco de vida, como sejam as guerras (*(...) because their families are trying to save them from war or from very dangerous conditions and so they choose to send them alone in order to save them (...)*. – Ep3); as perseguições (*I mean there are many reasons why some children leave their countries by themselves (...) persecution (...)*. – Ep4), a presença de grupos extremistas que ameaçam e maltratam a população local (*I was kidnapped by Taliban and after that, I run away, and they were looking for me to kill me. It is happening in some areas that are very dangerous in Pakistan. They wanted me to do something bad work like bomb attacks or maybe something else. I was just felt danger in my country, so I left.* – Er2) e os conflitos religiosos (*(...) But there are other reasons like (...) Syrians also because of the situation in Syria and the war that has been provoked and from Iraq also and from Iran they also have religious conflicts.* – Ep2). Dois dos jovens refugiados que foram entrevistados associaram, também, a sua vinda para a Europa a problemas políticos que vivenciaram no

²Para garantir o anonimato dos participantes que foram entrevistados, será utilizado um sistema de código composto por duas letras e um número, sendo que a primeira letra a ser utilizada neste código será sempre a letra - E - de entrevistado. A segunda letra poderá ser a letra - P- de Profissional; R - de refugiado ou - O- outro (residentes ou morador de um local onde o fenómeno ocorre), consoante o tipo de participante a ser evocado. O número permitirá diferenciar os diferentes participantes dentro da categoria dos Profissionais (1-12), dos refugiados (1-8) e dos Outros (1-3).

seu país, nomeadamente a corrupção, que levava a que as oportunidades de trabalho e de vida não fossem distribuídas de forma igualitária por todos os cidadãos (*I want to become something in my future and that's why I left my country because there were no possibilities for me to improve myself...because in my country there are not so many opportunities even if you are qualify or something like that, then you will not get nothing. Only if you pay money, then you will become something. If you don't pay money and with corruption you cannot do nothing. If you don't pay money you will not get the job.*- Er1) e a vivência num sistema ditatorial que colocava em causa as liberdades individuais e coletivas da população (*I left my country because there was a dictatorship.* – Er3). Para além disso, a maioria dos menores deixa o seu país não com o intuito de ficarem definitivamente sozinha e não acompanhada, mas para conseguirem procurar um lugar seguro para si e para a família, que virá posteriormente. Esse objetivo liga-se com o facto de os procedimentos legais serem facilitados para os MNA, por comparação aos menores que vêm de forma acompanhada pela sua família, sobretudo aqueles que dizem respeito aos pedidos de reunificação familiar e até mesmo de obtenção de asilo (*Because it is easier to be an Unaccompanied Minor than to be with your family sometimes...and the procedures are much easier for Unaccompanied Minors than for Accompanied Minors. The procedures are much simpler for an Unaccompanied Minor, for example the family reunification and even the asylum procedures...I don't have the numbers but they are treated differentially and it is even easier for them to access asylum (...).* – Ep5). Um dos participantes entrevistados mencionou também que existem situações em que os familiares destas crianças partem em primeiro lugar para a Europa e, conseqüentemente, os menores deixam os seus países de origem na tentativa de os encontrar e se poderem reunir de novo com eles (*Greece is an entry point to Europe so there are many minors that have families in Europe. At first the parents come to Germany, Netherlands, all these European countries and these minors are trying to find them...going through Greece* – Ep1). Os problemas e dificuldades económicas que se vivenciam nos países de origem de algumas crianças são igualmente mencionadas como uma razão que motiva a partida (*There are different reasons (...) a big number for example are from Pakistan and Bangladesh who are children (...) and either have also economic issues (...).* – Ep2), a fim de procurar trabalho remunerado que lhes permita suportar financeiramente a família que ficou no seu país de origem (*Others in order to work in Europe and have a better future and also support their families back in the countries where they come from (...).* – Ep6). As situações de pobreza e fome são ainda enunciadas como razões que motivam as crianças a abandonarem o seu país (*All the reasons are valid (...) hunger, poverty (...).* – Ep7). Dois profissionais entrevistados fazem referência ao desrespeito pelos direitos das crianças, quando questionados acerca das principais razões que motivam a vinda dos MNA para a Europa, nomeadamente o trabalho infantil que as priva da

sua infância, do seu potencial e da sua dignidade e que, para além disso, é prejudicial para o desenvolvimento físico e mental (*(...) a big number for example are from Pakistan and Bangladesh who are children that might to work since the age of five in a very hard works (...) so either on their own or their parents send them to Greece for a better future. – Ep2*); a exploração das crianças para conflitos armados, especificamente recrutando-as a participar em bombardeamentos, colocando, deste modo em causa o seu bem-estar (*I mean there are many reasons why some children leave their countries by themselves...they experience (...) human rights violations including child-soldiers, bombings to schools (...). – Ep3*) e, ainda, a negação dos direitos dessas crianças de poderem aceder à educação e prosseguir os seus estudos (*I mean there are many reasons why some children leave their countries by themselves (...) not having access to education (...). – Ep3*). Outros dois profissionais entrevistados referem a perda dos familiares como uma razão que motiva à partida para a Europa, na medida em que estas crianças ficam sozinhas e sem nada que as prenda aos países de origem e, por isso, tentam reconectar-se com familiares que se encontram a residir em países Europeus (*There are many different reasons why they come alone...some of them lost their families and they don't have anything to back to their countries so they decide to come to Europe because they have a family members somewhere in Europe so they try to connect with them. – Ep6*).

Para a grande parte dos entrevistados, os MNA que vêm para a Europa não pretendem ficar na Grécia, nem consideram este país como um país de destino, mas apenas de transição e de receção de refugiados, dado que querem alcançar países que se encontram localizados na Europa do Norte e Central (*Greece was never a destination country. The destination countries are located in central and northern Europe. Greece is a transition country. – Ep6*). Os MNA não querem ficar a residir na Grécia (*I didn't want to stay in Greece. I wanted to go to Germany (...). – Er3*), na medida em que consideram que os outros países europeus podem proporcionar uma melhor assistência às crianças que vêm de forma não acompanhada para a Europa (*No, of course they don't want to stay here...because the other European countries provide better assistance to Unaccompanied children (...) – Ep8*) e porque têm conhecimento da frágil situação económica deste país, que não lhes permitirá tornarem-se financeiramente independentes e alcançar os objetivos previamente estabelecidos (*No, they don't want to stay in here...because they know that the situation here is not that good, the economic situation so they cannot find the job and they cannot be independent and they cannot earn much money to send money to their families so they just want to go to another country because that is the dream. They don't know how things are there and they think that everything is going to be perfect when they will go to other European countries. – Ep3*). No entanto e, apesar do desejo de sair dali que é manifestado por grande parte dos MNA, a maioria dos entrevistados admitiu que têm muita dificuldade em sair do

país, como consequência do fecho das fronteiras com os restantes países europeus (*Because when I wanted to leave, the borders were closed. Of course, I tried but I couldn't (...) I tried ten times to leave from Greece but I didn't manage to leave so I started getting tired of all these situations. I was tired and I was regretting to come to Greece, then I said that I liked to return to my country (...).* – Er3) e são obrigados a ficar lá (*The problem is that people that come to Greece stuck in Greece...and when they start to realize that they are stuck in Greece then is a shock.* – Ep6).

A integração dos MNA na Grécia é apresentada pela maioria dos entrevistados como sendo muito precária com inúmeras falhas (*I would describe the integration as almost non-existent.* – Ep8), que se manifestam a diversos níveis e que colocam em causa a proteção dos direitos das crianças que se encontram consagrados na CDC, sendo, para além disso, uma violação de um conjunto de disposições e padrões específicos para MNA que são apresentados na legislação adotada no âmbito do SECA e noutros instrumentos legislativos no quadro do direito da UE (EMN, 2015). A ausência de um Sistema de Proteção dos MNA capaz de fornecer assistência social ou apoio geral às crianças e que seja providenciado pelo Governo grego é a maior dificuldade evocada pela maioria dos entrevistados (*In Greece there are many organizations that are working to defend Unaccompanied Minors but in Greece there is not a system, a protection system like a government system for protection of Unaccompanied Minors.* – Ep1). Deste modo, não são garantidos pelo Estado, de acordo com a CDC, nomeadamente com o Interesse Superior da Criança, os cuidados adequados à criança, quando os pais ou outras pessoas responsáveis por ela não tenham capacidade para o fazer (FRA & TEDH, 2015). Neste sentido, três dos profissionais entrevistados admitiram que as organizações nacionais e internacionais se encontram a suprir as lacunas evidenciadas e têm vindo a desempenhar funções na monitorização da proteção dos direitos destas crianças (*The majority of the gaps have been filled by NGOs all these years by the programs that they are providing and the support (...).* – Ep2).

Outra adversidade que é vivenciada pelos MNA quando chegam e permanecem na Grécia e que é mencionada por dois profissionais entrevistados diz respeito aos procedimentos de avaliação de idade dos MNA. Contrariamente ao que é defendido no quadro do direito da UE a respeito destes métodos (FRA, & TEDH, 2014), as autoridades não definem nenhum procedimento oficial para determinação da idade dos MNA, sendo, na maior parte dos casos, utilizados procedimentos invasivos baseados em exames médicos, sem ter em consideração a maturidade psicológica da criança (*(...)because also the organizations were against the procedures of age assessment at least in only medical ways and how it would be done (...)* In Greek system there is a procedure...I mean their decision should be follow in order to do the age assessment procedure normal like in a let say child friendly way but most of

*the times it is not happening like this. The most common thing is that the police catch minors and send them to the hospital to do an X-Ray and what the result will be, will be their age...something like this, so simple so fast (...). – Ep2). Também existem situações em que as autoridades policiais registam a idade das crianças de acordo com aquilo que as próprias declaram, dependendo daquilo que estas pretendem alcançar, sendo que algumas crianças acham que a idade mais avançada é mais vantajosa para elas e, por isso, podem declarar-se e ser registadas como adultos, mesmo que não persistam dúvidas de que são menores ((...) *but sometimes they will say that they are younger than they are and sometimes they will say that they are older than they are (...)* On the hotspots if a child either wants to tell a lie themselves, they will say that they are older because they don't want to be kept stuck they want the freedom to move on, to maybe where the parents told them to go to (...). – Ep5); outra forma de avaliar a idade dos MNA pelas autoridades policiais diz respeito à forma independente de estimar a idade e que só pode ser descrito como uma avaliação arbitrária ((...) *and the Greek system hasn't made that any easier because a lot of times pressure them because if a child says that is over 18 years old they are happy to go along with that because they don't have to spend so much money on protect him as a minor. So, a lot of times you hear in registration that "No, I don't believe that you are a minor. I am sure you are 18 years old (...). – Ep5).**

O direito da criança a ter um tutor ou um representante é fundamental para garantir os seus direitos mais gerais (UNICEF, IRC, & UNCHR, 2017); no entanto, outra contrariedade que é vivenciada por parte dos MNA na Grécia e que é apontada pela maioria dos entrevistados como uma necessidade com enorme premência a ser implementada é um sistema de tutela. De facto, existe um sistema que é disfuncional e que raramente realiza ações para o melhor interesse da criança (*The government...There is a system like the public prosecutors are the guardians for the Unaccompanied Minors...but this gap is huge because now in Greece we have more than 4000 of Unaccompanied Minors so the public prosecutors cannot cover normal duties and also the guardians for Unaccompanied Minors. So, there are organizations like Metadrasi that are providing guardianship for Unaccompanied Minors (...)* The government right now is trying to do something like they are trying to have a new guardianship law because they have an old one, but it is not an issue and they don't put in practice yet. – Ep1).

Para as crianças, considerando sua vulnerabilidade e necessidades especiais, é essencial que os seus pedidos de estatuto de refugiado tenham prioridade e que todos os esforços sejam feitos para chegar a uma decisão rápida e justa (FRA & TEDH, 2015); porém, dois dos jovens refugiados entrevistados alertaram para a morosidade na conclusão deste tipo de procedimentos e da obtenção do estatuto de refugiado (*My asylum process took one year but in general the asylum takes let's say one or two years something like that and it depends on the interview...if I really need or I don't need or if you came alone or not. – Er1).* Contudo, também é referido por alguns

profissionais entrevistados que muitas crianças admitem que não desejam solicitar asilo, porque não querem receber o estatuto de refugiado na Grécia, acreditando que os benefícios e os apoios noutros países da UE serão melhores (*(...) If they are ask for asylum here is very difficult to have access to the countries in the Center or North of Europe because of the Dublin Agreement and they know the status, so many of them they don't want to be registered here...so the idea is that if they are not registered here there is no connection to the first entry country so they will not send them back.* – Ep6). Ainda a este respeito, um dos jovens refugiados entrevistado referiu uma lacuna legal que resulta na ausência de representação legal e proteção de MNA no âmbito do procedimento de asilo (*They refused my case that's why...in that time I didn't know Greek very well...I didn't even know how to read or write or something like that so I didn't read my case...so they only told me that I needed to find a lawyer and then with a lawyer I can go to the court and discuss my case so since that time until now my case is in the court and until now I don't have nothing. I am still without papers, but it is ok because carefully I am doing things.* – Er1). Todavia, no âmbito do direito da UE, as crianças que se encontram num contexto de migração têm o direito a que a sua causa seja julgada de forma equitativa, publicamente e num prazo razoável, por um tribunal independente e imparcial, incluindo a possibilidade de se fazer aconselhar, defender e representar em tribunal (FRA & TEDH, 2015).

Os MNA também vivenciam dificuldades na Grécia relacionadas com o dever de cuidar, ainda que as crianças que procuram asilo, especialmente aquelas que se encontram não acompanhadas tenham direito ao cuidado e proteção especiais (FRA & TEDH, 2015). Neste domínio, a maioria dos entrevistados menciona a questão da educação, na medida em que todas as crianças, independentemente do seu estatuto, devem ter acesso total à educação no país de asilo (Butkute & Janta, 2018). Não obstante, não existe uma forma legal de matricular um MNA numa escola em Atenas e, deste modo, na maior parte dos casos, são criados regimes de aulas lecionados apenas para os refugiados (*They provide the school is true but only to go there and spend the time, but they will not give you any kind of certificate or any paper from school...because I was there in one school and if I was going there or if I was not going there they didn't register my name, nothing at all. There was a local school so they will going to choose you or choose me to teach them the Greek language, teach them Urdu, teach them Hindi, teach them Arabic language...so they chose people from refugees and then the person will going to teach them things...who is interested in which language... so how will you going to get the certificate and something like that from these kind of things.* – Er1); porém, o acesso a estas aulas não abrange todos os MNA (*It depends...most of them go to school and maybe they have extra activities during the evening and some of them don't go to school and they work illegally.* – Ep9).

O acesso aos cuidados de saúde também foi mencionado por um dos jovens refugiados e por dois dos profissionais entrevistados como um dos problemas que são vivenciadas pelos mesmos na Grécia (*(...) because in Greece you need to have a social number*

*which belongs only to you in order to get medications and to be examining, so since June there are strike from the offices that are issuing this number and also the new government have revoked the previous circulars that gave the chance and the right to asylum seekers to have this number so now there is a gap and they are not allow and they need to pay in order to receive medical care (...). – Ep2), contrariando aquilo que é estabelecido pelo quadro do direito da UE, em que todas as crianças que procuram asilo devem ter o mesmo acesso a cuidados de saúde das crianças nacionais (Lynch, 2001). A este respeito um dos profissionais entrevistados alertou para a ausência de suporte ao nível da saúde mental para os MNA que chegam à Grécia (*Greece deal badly with this target group! (...) with inadequate mental health – Ep8*).*

As crianças que estejam em situação irregular num país têm direito a uma habitação adequada (Pierard & Roublin, 2012); todavia, a grande dificuldade que é vivenciada pelos MNA, quando chegam à Grécia e aí permanecem, e que foi destacada pela maioria dos entrevistados foi a questão da acomodação segura. De facto, é referido que há uma escassez significativa de acomodação suficiente e adequada para crianças migrantes não acompanhadas, e não existe nenhum sistema de acolhimento para elas, levando a que muitas dessas crianças refugiadas vivam em condições muito precárias (*In reality because the numbers of Unaccompanied Minors are very large (...) and the space to accommodate them is not enough, many children end up in the streets, or in a big refugees camps living alone with adults or they are detained in police station cells under what we call protective custody regime. – Ep4*).

A legislação europeia só em último recurso autoriza a detenção de menores num contexto de imigração (FRA & TEDH, 2015); no entanto, a detenção dos MNA é outro obstáculo vivenciado pelos mesmos na Grécia e é referido por quatro dos profissionais entrevistados. A ocorrência de uma detenção de rotina de MNA é mencionada como uma disfunção fundamental na forma como as crianças refugiadas não acompanhadas são cuidadas, na consequência da grave escassez de alojamento suficiente e adequado para todos os MNA (*The main problem is that we don't have enough space to accommodate them. Main of them aren't in a proper accommodation condition. Some of them are in administrative detention...protective custody if you want, basically in jail if you want. – Ep7*).

A legislação da UE proíbe todas as formas de discriminação (FRA & TEDH, 2015); contudo, quatro profissionais e um dos jovens refugiados entrevistados admitiram a existência de segregação social em relação aos MNA refugiados (*I think we are far behind from the integration. There is no communication with the host community. The only element that I can think is that some children learn Greek, but it is the only thing, but apart from that...they live in different settings, you know, far from how the host community lives. – Ep9*), como consequência de uma atitude discriminatória e racista em relação a este grupo-alvo (*(...) because people in*

Athens are very racist and they don't like that refugees come to Athens because they are afraid of criminal issues or something that it is stupid. – Ep10).

A dificuldade de encontrar um emprego permanente que lhe permita fazer face às suas necessidades foi referida por dois dos jovens refugiados entrevistados (*(...) but slowly, slowly, when I became adult I was looking for job to spend my life, but it was too hard to find a job there. But if I have an opportunity to have a permanent job, I will want to stay in Greece (...) I was scared to live in Greece, because of my health issue and second there are no permanent job there. I was working there just six months seasonal job as a buffet running for tourists. My friend was working there so they call me come for job. – Er2*). A par disto, segundo a maioria dos entrevistados, a ausência de um estatuto regular de refugiado leva a que os MNA estejam proibidos de encontrar um emprego legal (*I cannot work legally without asylum...but regardless of the type of work I am going to get here...only 500€, 600€...you know...they will not going to give me the money and I will work for them (...).* – Er1). Acresce o facto de os MNA não se encontrarem abrangidos pelos cuidados fornecidos pelo Estado, nomeadamente ao nível da acomodação, leva-os a que permaneçam numa luta diária pela sobrevivência, compelidos a aceitar qualquer tipo de trabalho que encontram, operando, muitas vezes, fora do quadro legislativo e muitos acabam a realizar atividades perigosas ou em que são explorados, designadamente, tráfico drogas e envolvimento em trocas sexuais comerciais para sobrevivência (*(...) because officially now we have 1200/1300 unaccompanied minors that have accommodation and there are almost two one thousand in the waiting list that means that they are on the streets...so they are getting involved in many activities like drugs, like sex, like labor...and it is easy because if you are not legal, I mean without papers...even in Greece underage kids is illegally to work... so what are the chances, I mean it is very easy to get involved in all of this system of exploitation even if it is drugs, or sex or slavery or whatever (...).* – Ep6).

Em suma, é possível compreendermos que, desde logo, não existe o cumprimento do princípio do Interesse Superior da Criança, consagrado na CDC, e que deve constituir um aspeto fundamental a ter em conta pelas autoridades públicas, quando tomam medidas relativas aos menores (FRA, & TEDH, 2014). Este princípio não é cumprido, dado que não existe a garantia do cuidado, proteção e assistência infantil dos MNA de maneira sistemática, abrangente e integrada, existido o desrespeito e incumprimento num conjunto de políticas e procedimentos que são estabelecidos no quadro Europeu, para lidar com crianças não acompanhadas que se encontram à procura de asilo, na Grécia. Esta informação encontra-se de acordo com aquilo que é enunciado na revisão de literatura efetuada, que admite que, apesar de existirem quadros legislativos homogêneos e das regulamentações da UE, a implementação prática das políticas é marcada por grandes discrepâncias de um país para

outro (Valtolina & D'Odorico, 2017), sendo a Grécia um desses países que não garante os direitos das crianças e, por vezes, até viola as suas necessidades de proteção.

Através dos resultados obtidos, concluímos que os MNA enfrentam aqui inúmeras dificuldades, existindo o incumprimento de um conjunto de princípios gerais e específicos que se encontram plasmados nas Diretrizes sobre políticas e procedimentos para lidar com crianças não acompanhadas que procuram asilo propostas pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), (UNHCR, 1997). No que diz respeito à identificação e ação inicial, verificamos que, no que concerne à determinação do estatuto de refugiado, ainda que estas crianças sejam consideradas vulneráveis e com necessidades especiais, não é reconhecida prioridade aos seus pedidos de obtenção de estatuto de refugiado nem é realizado um esforço para chegar a uma decisão pronta, rápida e de forma justa (UNHCR, 1997), levando a que, tal como sugerido na literatura (WHO, 2018), os MNA permaneçam nos países sem documentos e não recebam quaisquer subsídios ou ajudas por parte do Estado, o que afeta fortemente a vida das crianças nos países de chegada e a sua capacidade de aí se estabelecer. Simultaneamente, tal como enunciado na literatura (FRA, 2018), não é nomeado um tutor, assim que a criança não acompanhada é identificada no país de acolhimento, de modo a garantir que os seus interesses e direitos sejam salvaguardados e que as suas necessidades sejam satisfeitas de forma adequada (UNHCR, 1997). Relativamente aos procedimentos de avaliação da idade (UNHCR, 1997), não existe um respeito pela dignidade humana, dado que é dada preferência a exames médicos mais invasivos que apenas têm em conta a aparência física da criança e/ou procedimentos arbitrários, tal como sugerido na literatura (FRA, 2018).

No que diz respeito aos cuidados provisórios e proteção de crianças que procuram asilo, na Grécia, verifica-se, tal como enunciado na literatura (UNICEF,2016), o incumprimento do cuidado e acomodação, visto que existe falta de capacidade de acolhimento e monitorização adequadas (UNHCR, 1997), levando a que os MNA fiquem expostos a condições de vida deficitárias e precárias (UNICEF,2016). A par disto, contrariamente ao que se encontra plasmado nas diretrizes apresentadas pelo ACNUR (UNHCR, 1997), a verdade é que as crianças não acompanhadas que procuram asilo, muitas vezes, são mantidas em detenção, não apenas em circunstâncias excecionais, sendo que estas situações têm lugar em estabelecimentos prisionais. As crianças que procuram asilo devem ter direito a gozar do melhor estado de saúde possível e a beneficiar dos mesmos serviços médicos como as crianças nacionais (UNHCR, 1997); no entanto, na Grécia, tal como expresso na literatura (UNICEF, 2017), verifica-se um acesso restrito aos serviços de saúde

e cuidados médicos, bem como a um uso inadequado dos mesmos. O mesmo se verifica a respeito da Educação, na medida em que existem muitos desafios ao nível do acesso total à mesma, tal como mencionado na revisão da literatura efetuada (REACH & UNICEF, 2017).

A par destas dificuldades, também se verifica, tal como mencionado na literatura (WHO, 2018), a vivência por parte dos MNA de riscos particulares, designadamente, exposição a discriminação, marginalização, institucionalização e exclusão. Para além disso, verifica-se, tal como enunciado na literatura (OECD, 2019), uma elevada procura de emprego por parte dos MNA e situações em que estes ficam presos a trabalho pouco qualificado e estável.

As falhas do sistema têm um impacto particularmente dramático na segurança e bem-estar de MNA. Apesar dos inúmeros esforços de prestação de ajuda e assistência pela Organizações Nacionais e Internacionais, a verdade é que os MNA continuam a enfrentar muitos dos mesmos perigos e riscos que os refugiados adultos. Para além disso, como as crianças são intrinsecamente mais vulneráveis, correm maior risco de sucumbir à realização de atividades perigosas ou em que são exploradas a nível laboral e sexual.

3.2. O sexo para sobrevivência

3.2.1. O fenómeno

O fenómeno do sexo para sobrevivência que é realizado por MNA é, para a maioria dos entrevistados, do conhecimento público, ainda que não existam dados estatísticos oficiais acerca do mesmo *((...) although it is something that we have heard and we know that it is existing...it is happening in specific squares in Athens but the problem is that there is no data that have been collect and there are no organizations or any institutions from the state that has done something about it...maybe some reports and documentaries alert about this phenomenon but officially nothing has been collected and there are no such mechanisms to support this incidents...but it is something that we have heard either a rumor either as a reality that it is happening (...). – Ep2)*. No entanto, segundo os participantes entrevistados, existe da parte da sociedade grega e do próprio Governo grego uma ocultação e recusa em relação ao fenómeno, levando a que este permaneça invisível *((...) the Greek society refuse this fact. The Greek society doesn't care if it is happening to the others (...). – Ep7; (...) so I think also either the state or the municipal nobody wants to take such responsibility and to reveal that something is happening in the center of Athens*

(...). – Ep2). Como razões para tal são apontados, por dois dos profissionais entrevistados, o facto de o fenómeno ser considerado um tema tabu para a sociedade grega em geral (*The Greek society know about this topic but it is a taboo issue and the excuses that they give themselves are like “I have bigger problems and I cannot deal with it now, I am sorry”. They are conscious and they are very honest...I am not saying, you know...but they are very honest, but they know. – Ep7*) e que se associa a um preconceito inconsciente ou padrão duplo de julgamento da sociedade grega, que condena um adulto que explora sexualmente um menor grego, mas não é igualmente penalizadora para um adulto grego que tira vantagem de um menor refugiado, porque não é um cidadão nacional (*The main thing it is not the fact we are talking about a homosexual relationship or the fact that you have exploitation of the minor from an adult. The shocking thing for the Greek society is when an adult takes advantage of a minor Greek to Greek. If it is a Greek to a Refugee kid I don’t think that it is very interesting for the Press or the Greek society...they are not very shocking with this, which is super critical...and you know...doesn’t make any sense but I think is that basically. I think that this phenomenon remains hidden not because they are homosexual...I don’t think this is very very important (...) but in the Greek case the fact of the minors are foreigners makes it...I don’t want to say ok... but doesn’t make it very important because they don’t give a lot of importance to the refugees because they are considered less of humans and it is getting worse every year. – Ep7*), tendo em conta que tudo isto se encontra alicerçado num nacionalismo exacerbado dos cidadãos, que pretendem proteger a imagem da Grécia (*Look...protecting Greece from a bad image is very important to Greeks. I think it is for everyone, but I can talk only about Greeks and I think protecting the image of Greece is very important to them. It is unconscious, I don’t think that they do it on purpose...most of them, but it is a reflex, so they don’t want to say bad things about their country which makes sense. – Ep2*). Como consequência desta recusa e ocultação em relação ao fenómeno por parte da parte da sociedade grega e do próprio Governo, é referido, pela maioria dos entrevistados, que este não é alvo de intervenção ou qualquer tipo de supervisão por parte das autoridades policiais. É, de facto, mencionado pelos entrevistados que as autoridades policiais têm conhecimento sobre a situação ((...) *The police know what is going on, but nobody does nothing...I don’t know why. – Er3*), no entanto, não exercem qualquer tipo de proteção em relação às crianças (*The protection is only from the police and they don’t talk with them and say what are you doing here in this place, because everybody is free to be anywhere, they want. It is ok...but if you see a minor to be with an older guy you have to ask him “Do you know him?”. Do you understand?...This is the last that we can do, like a policeman needs to protect this minor (...). - Eo1*) nem promovem qualquer atuação em relação aos clientes (*Nothing...because they are Greeks, and it is like a secret...of course the police know what they are doing there (...). – Ep10*), existindo uma ausência de penalização e condenação dos mesmos face ao seu envolvimento no fenómeno (*There are no*

records of client's detentions because the Greek society refuse this fact (...). – Ep7).

No que concerne à legalidade do fenómeno, a maioria dos entrevistados defendeu o seu carácter ilegal (*(...)it is very difficult for us because we don't know what to do because it is illegal (...). – Ep10*). Efetivamente, ainda que a maioria dos entrevistados deixe claro que existe uma tomada de decisão e escolha livres, por parte dos MNA, em enveredar no fenómeno (*They manage everything by themselves. It is their owns initiative. – Er4*), a verdade é que defendem que se trata de exploração sexual dos menores por parte dos clientes (*For me we are talking about sexual exploitation. – Ep10*), estando, assim, em concordância com o sugerido por Smith e Khemiri (2019). As razões que são apresentadas pela maioria dos entrevistados para que o fenómeno seja considerado exploração sexual prendem-se com o facto de estarmos na presença de uma criança (*(...) it can be sexual exploitation because we are talking about children under the age of 18 years old. – Ep4*), de existir incapacidade de a mesma dar o seu consentimento, porque não tem a maturidade suficiente para tomar decisões (*(...) there is exploitation for sure because there is not their consent...so if we are talking about children they don't have the maturity to choose by their own so they need someone that can help them to decide before their decisions...so I guess we have exploitation even if they really want to do that...it is a phenomenon that we cannot just close the eyes. – Ep1*) e, para além disso, é referido, ainda, por parte dos entrevistados, o facto de existir uma pessoa, que neste caso é uma criança, que tem uma necessidade e que não consegue satisfazê-la através de uma via legal, existindo uma pessoa adulta que faz uso dessa necessidade, oferecendo-lhes aquilo de que precisam para atingir o seu objetivo (*(...) because there is a need and there is no legal way to reach what they have in their mind or to have a job. So, in a way what are the choices? Do this or live like homeless on the streets...they have to choose in order to have food, or to continue their trip or to earn money somehow...or having sex or...and from one hand there is someone that has the money and in the other hand there is someone that has no money and has no legal way through the system to earn money and somebody takes advantage from that. – Ep6*). As crianças que se encontram envolvidas nesta atividade não cumprem os requisitos apresentados na legislação grega relativa ao Trabalho Sexual, dado que este é apenas considerado uma atividade profissional legal e administrativamente regulamentada, que apenas pode ser realizada por pessoas com mais de 18 anos (Maratou-Alipranti & Rethimiotaki, 2018) o que não se verifica nesta situação, para a grande maioria dos casos. Neste sentido, de acordo com Smith e Khemiri (2019), a exploração sexual de crianças na prostituição é ilegal e criminalizada pelo Código Penal grego.

No que diz respeito ao tipo de relação que é estabelecida entre os MNA e os clientes no fenómeno do sexo para sobrevivência, de acordo com a maioria dos entrevistados, não

existe a criação de uma relação pessoal e proximal (*There is no relationship, it is just sex. – Er5*), uma vez que o contacto que é fomentado é apenas de cariz financeiro e económico, porque os MNA apenas têm o objetivo de ganhar dinheiro com as trocas sexuais comerciais (*(...) it is more like a financial relationship to earn money and nothing more. – Ep1*)

Relativamente à frequência com que os MNA praticam o fenómeno do sexo para sobrevivência foi referido, por dois profissionais entrevistados, que esta está dependente do que estes pretendem alcançar com o dinheiro ganho e, por isso, podem ter a necessidade de fazê-lo todos os dias ou apenas quando necessitam de ganhar dinheiro (*(...) but depending on what they want to achieve. If they want to go to another country probably they do every day but if it is just to have money for the daily expenses they don't do every day. Not all of them want to go away and they simply want to have purchase power. – Ep11*). No entanto, seis dos participantes entrevistados admitiram que conseguiam reconhecer, maioritariamente, as mesmas faces diariamente (*I think yes because they are here everyday. – Eo2*) e esta ideia foi corroborada pela observação participante que foi realizada num dos locais em que o fenómeno tem lugar (*A verdade é que nesse dia vi, mais uma vez, o rapaz loiro que vestia sempre uma t-shirt vermelha. Ele estava ali e aparentava conhecer muito bem a zona e as pessoas que frequentavam aquele local. Nesse dia, encontrei-o perto do metro e caminhava para lá e para cá, como se estivesse à procura ou espera de alguém ou algo. Diário de bordo, 15.08.2019*).

A respeito do período do dia em que os MNA realizam sexo para sobrevivência, quatro dos entrevistados admitiram que o fenómeno tem lugar durante todo o dia e que, deste modo, se verifica a presença de MNA nestes locais, quer de manhã quer durante a noite (*All day and all night...not the same persons but all the time you have a traffic there. – Ep10*); todavia, foi reforçado por oito dos participantes entrevistados o facto de que o fenómeno ocorria especialmente durante a noite (*Look, you have neighborhoods and public spaces where this happens, especially at night. – Ep7*). Uma das justificações apresentadas por dois dos profissionais entrevistados foi o facto de, durante este período, os locais em que o fenómeno ocorre serem poucos movimentados, levando a que seja mais fácil que este tenha lugar (*Like everyone around Europe in big cities you have places, you know, these activities are happening...squares, like Omonia, especially at night when it is a little bit deserted.- Ep7*).

Relativamente à presença da figura do mediador ou intermediário que auxilia os MNA que se encontram envolvidos no fenómeno do sexo para sobrevivência no estabelecimento do contacto com os clientes, este foi um tema discordante entre os participantes entrevistados. De facto, três deles admitiram a total ausência da figura do mediador em todos os contactos que são estabelecidos entre os clientes e os MNA (*No, they don't have a mediator. – Eo1*). No entanto, cinco dos entrevistados admitiram, tal como

sugerido na literatura por Smith e Khemiri (2019), que, em algumas situações, é uma figura presente, sendo normalmente pessoas pertencentes ao mesmo país dos MNA a desempenhar este tipo de papel e que também pode ser visto como um explorador ou proxeneta, que tem intenção de tirar proveito ou lucro através do fomento, favorecimento ou facilitação do exercício do sexo para sobrevivência por parte dos MNA, ajudando-os a conseguir atingir os seus objetivos de ganhar dinheiro (*Sometimes there are some guys from their countries that play the role of making the connections with older guys...other times not. Both situations happen a lot. – Ep11*). Esta informação foi corroborada pela observação participante (*Enquanto caminhávamos ao longo da praça Omonia paramos perto de um café (...) nas cadeiras que pertenciam ao mesmo encontrava-se um rapaz cuja cara não me era estranha, dado que das últimas vezes que tinha passado naquela praça tinha-o visto. Este rapaz aparentava ter entre 23-24 anos e encontrava-se a falar com dois homens mais velhos que aparentavam ter entre 60-70 anos. O rapaz estava realmente muito à vontade com os senhores, sendo que inclusivamente até parecia que tinha poder sobre eles. Curiosamente ao nosso lado estavam quatro jovens (...) parecia que estavam à espera de alguma coisa e olhavam com frequência para o outro rapaz que conversava com os homens mais velhos. O coordenador explicou-me que esse rapaz era eventualmente um mediador entre os senhores mais velhos [clientes] e os jovens. Ele proporcionava os encontros entre os clientes e os jovens, o que explicaria o seu à vontade e vantagem em relação aos outros, e como consequência ganhava dinheiro de acordo com estes encontros que arranjava. O coordenador referiu que estes homens mais velhos não são o tipo de homens que vão para um hotel durante 5 minutos, querendo algo específico e vêm com esse propósito e, por isso são homens que estão ali para negociar. Neste sentido, os rapazes necessitavam de um mediador. Diário de bordo, 12.08.2019*). A utilização da figura do mediador foi referida para as situações em que os jovens têm dificuldades em comunicar com os clientes, como consequência das barreiras linguísticas (*Some of them don't speak any English or Greek so that's why sometimes they use a mediator from their countries to make the arrangements because the mediator know their languages. After some time, if they start to learn some words and then can communicate the base things, they can arrange the meetings for themselves. – Ep6*).

De acordo com a maioria dos entrevistados, o fenómeno do sexo para sobrevivência ocorre predominantemente no centro da cidade de Atenas (*Mainly in the city center but I guess there are many places that children and clients know, and they meet. – Ep1*), onde são identificados locais específicos destinados à ocorrência de trocas sexuais para sobrevivência (*They go to some areas, where there are old gay men, and they are having sex for money. – Er3*). Neste sentido, e tal como sugerido na literatura (Digidiki & Bhabha, 2017), a maioria dos entrevistados admitiu que o fenómeno ocorre em locais no exterior, nomeadamente praças específicas da cidade (*It is happening in specific squares in Athens (...). – Ep2*), tais como, a Praça Victoria e

Omonia (*It is happening in Victoria and Omonia Square. – Er6*), sendo que a Praça Omonia é o lugar onde o fenómeno tem um maior destaque (*(...) but Omonia Square is the area where it is happening most. – Er7*), sendo esta uma informação complementar e inovadora em relação ao estudo realizado por Digidiki e Bhabha (2017). Para além disso, também foram identificadas as ruas secundárias e de apenas um sentido que se localizam nas proximidades da Praça Omonia, sobretudo aquelas com pouca luminosidade, ausência de tráfego e que não são utilizadas durante a noite (*(...) and the quiet streets, you know, the back streets along the roads around Omonia or one way and don't tend to be use at night so there is a lot of dark streets around the edges of the city center (...). – Ep5*). Ainda como locais no exterior onde o fenómeno tem lugar, também foram mencionadas as zonas de parque, ocorrendo atrás de árvores e arbustos (*(...) from what I know, that last ones I have spoken that would do it in the park they use trees and bushes.- Ep5*). A respeito das zonas de parque, foi referido, maioritariamente, o grande parque público Pedion tou Aeros (*Pedion tou Areos also because it is a big public park with few guards and few lights and at night you can do many things. – Ep7*), indo ao encontro do estudo de Digidiki e Bhabha (2017). Contudo, dois profissionais que foram entrevistados referiram que existiu uma diminuição da ocorrência do fenómeno neste parque público, como consequência da presença policial que passou a ocorrer naquela zona com maior frequência, sendo que esta informação foi, posteriormente, corroborada com a observação participante (*Apercebi-me que, de facto, não andava muita gente no parque, nem se viam famílias a frequentar o mesmo, sendo que muitas zonas do parque se encontravam totalmente desertas e sem qualquer supervisão (...) os agentes da polícia informaram-me que fizeram uma "limpeza" no parque há um ano e mandaram embora todos os menores não acompanhados que realizavam trabalho sexual naquele local, por isso é que desde essa altura houve uma redução de situações. No entanto, admitiram que continuam a ver muitas pessoas mais velhas sozinhas e, também, jovens e acreditam que, esporadicamente, continuam a ocorrer situações deste tipo, dado que encontram com alguma frequência preservativos no chão. Efetivamente, eu também os vi, sobretudo em zonas mais recatadas e escondias pelos arbustos. Diário de bordo, 13.08.2010*).

Para além disso, os locais em que o fenómeno tem lugar, segundo alguns participantes, também surgem associados a zonas de interior, outro dado inovador em relação ao estudo de Digidiki e Bhabha (2017). Assim, oito entrevistados mencionaram que o encontro entre os clientes e os MNA também pode ocorrer dentro dos hotéis que se localizam nas proximidades da área em que o fenómeno tem lugar (*Otherwise is mostly on the cheap hotels in the area. – Ep6*). Três dos participantes entrevistados ainda fizeram referência ao facto de o fenómeno ocorrer dentro de cinemas pornográficos (*Don't forget the cinemas, the pornographic cinemas (...) are only for this and not for joy...everybody work there (...) they do*

inside the cinema in the downstairs in the basement. – Ep10). Um dos profissionais entrevistados referiu que são comuns as situações em que os clientes alugam quartos em apartamentos nas proximidades da área, onde o fenómeno tem lugar (*I believe it is common for clients to rent a room (by the hour) nearby as many are there for this exact reason: to accommodate for sex work taking place on the streets.* – Ep8).

Estes locais em que o fenómeno do sexo para sobrevivência tem lugar, segundo seis dos participantes entrevistados, já eram frequentados antes pelos clientes, sendo que alguns já são há muitos anos contextos associados à prostituição masculina (*Because these people used to be there. They don't show up now...they were there...in these places before. Most of these places were the scene of male prostitution for many years.* – Ep6). Quanto à forma como os MNA são informados acerca dos locais em que o fenómeno tem lugar, de acordo com cinco participantes entrevistados, estes já têm conhecimento dos mesmos ainda antes da sua chegada à Grécia (*(...) every migrant and refugee when they arrive in Athens the first place that they know is Omonia (...) but they know about Omonia before they even arrive in Athens (...)* – Ep3), através de duas fontes privilegiadas de informação. Os MNA tomam, então, conhecimento dos locais em que o fenómeno ocorre, através de amigos do mesmo país de origem, que os informam (*Through friends from the same countries... Through compatriots...they talk with each other since the first day or maybe the second day and they ask each other (...)* – Ep10) ou através de outras pessoas que pertencem ao seu país de origem e/ou que se encontram no mesmo contexto (*Because they are communicating to each other...to the people from their own countries and with the people in the same context.* – Ep1), já que a passagem de informação entre os MNA e os seus informantes, neste caso, é feita de forma *online* ou presencial (*They communicate online or through word of mouth. They know and help each other especially people from the same country.* – Ep1). Esta informação, em concordância com o sugerido por Digidiki e Bhabha (2017), indica-nos a importância da influência social de amigos ou conhecidos na facilitação e promoção do fenómeno do sexo para sobrevivência. Os contrabandistas desempenham, também, um papel de informantes dos MNA (*Also in between them and also the smugglers (...)* – Ep6). Estes duas fontes privilegiadas informam os MNA que se devem dirigir a estes locais específicos, caso necessitem de ganhar dinheiro e estejam à procura de oportunidades de emprego (*(...) so they have since the beginning, before their arrival in Athens, the information that in case if they need money they can look for opportunities in these places.* – Ep6).

No que concerne às formas de estabelecimento de contacto entre os clientes e os MNA, estas podem assumir a forma presencial ou não presencial. No que diz respeito à forma não presencial de contacto, tal como é sugerido na literatura (Smith & Khemiri, 2019), foi mencionada por parte de três dos participantes entrevistados que existem casos em que

os MNA fazem uso da tecnologia, nomeadamente aplicações de encontros para a comunidade *LGBT*, e que permitem contactar com pessoas que estão dispostas a oferecer dinheiro e, deste modo, que os planos sejam realizados com eficiência ((...) *they use also technology and applications on the smartphones to get in touch with the people that willing to offered them money or whatever. They use specific applications for the gay community and also there are chats for people that are making agreements for sex.* – Ep6) e, ainda, fazem uso de aplicações de mensagens como o *Threema*, o *Viber* e o *WhatsApp* (*They should give a mention in WhatsApp and Vibe anything that it is sensitive to be picked up on messenger...that's exactly why Threema, Viber and WhatsApp exist...it is for them to be able to talk freely about such things without anybody being able to listen it.* - Ep5).

Não obstante o papel crucial que a tecnologia desempenha, a verdade é que existe um contacto presencial entre os MNA e os clientes e este ocorre, maioritariamente, em pontos/áreas de encontro de interações de natureza sexual homossexual ((...) *where it is a hook-up area for gay men.* – Ep8) às quais os MNA acedem para ganharem dinheiro (*They come here to make money because it is an easy money* – Eo2). Nestas áreas, para a maioria dos participantes entrevistados, os clientes fazem uso da observação, a fim de perceber quais são os MNA que se encontram envolvidos no fenómeno através do comportamento e companhia que apresentam, bem como da frequência com que se encontram nos locais (*They usually just spending time in those places and they can understand who is working for... and if you spend days in Omonia or Victoria Square you will see the same people again and again in the same places so you can understand who the boys are looking for what...by the way they look, the way that they approach, who they approach, etc.* – Ep3). Para além disso, os clientes seguem os MNA (*Yes, they follow me always.* – Eo1) e tomam a iniciativa de iniciar o contacto com os mesmos (*I told you that I just come here [Omonia] to drink a coffee and always the homosexual just come to me and say “hey, where are you from and this and this and this”, “Hi, how are you?, where are you from?, What is your name?” (...).* – Eo1), a fim de averiguar a sua abertura para se envolver em trocas sexuais comerciais (*The clients asked me already a lot of times to have sex with them. They tried to approach me (...).* – Er7). Um dos jovens refugiado entrevistado mencionou ainda que os clientes fazem uso do toque para estabelecer o contacto com os MNA ((...) *In the metro, the old guys touch me directly (...).* – Er7). Para a maioria dos entrevistados, os MNA nunca tomam a iniciativa de estabelecer o primeiro contacto com os clientes, podendo apenas tomar a iniciativa, se ocorrerem contactos posteriores em que já conhecem as pessoas ((...) *Usually the clients go to talk with the boys or the boys go if It is people that they know or afterwards maybe also the boys start to approach but the first contact come normally from the clients.* – Ep6). De facto, no caso dos MNA, através da observação participante que foi realizada num desses locais

em que o fenómeno tem lugar, foi possível verificar que estes ocupam posições estratégicas que permitem que sejam facilmente acedidos, observam quem passa e esperam que seja estabelecido o contacto por parte do cliente (*Numa rua perpendicular à praça Omonia e ao famoso edifício Hondos Center é notória a presença de alguns menores que se encontram sentados ao longo daquela rua numa posição que se adivinha que esperam algo, sempre a olhar para todas as direções e para todas as pessoas que passavam naquele local. Os jovens encontram-se sentados na entrada dos prédios, ou então no meio da rua, nos bancos com árvores. De repente, um dos jovens, que eu identifiquei por se ter cruzado comigo na praça, perto da saída do metro, apareceu nesta rua e seguia um homem mais velho, sendo que ambos deram entrada no hotel. O homem entrou primeiro e foi levantar uma chave à receção (...).* Diário de bordo, 03.08.2019).

No que diz respeito aos preços praticados pelas trocas sexuais para sobrevivência, para a maioria dos entrevistados, estes são variáveis e dependem do acordo que é realizado entre os clientes e os MNA (*(...) it can be everything. It depends of what they agree (...)* – Eo3), ou seja, depende dos serviços que são solicitados e quais as condições que são estipuladas (*(...) but of course it depends on what is requested/ordered and which conditions are stipulated.* – Ep11). Neste sentido, para a maioria dos entrevistados o preço praticado pode variar entre cinco euros e duzentos euros (*It depends...5, 10, 20, 50, 100 or 200 euros...it depends, you know.* – Er8); no entanto existe normalmente um preço mínimo, tal como sugerem Digidiki e Bhabha (2017), que é praticado por cada ato e que varia entre os cinco e os dez euros e que é o valor que é normalmente ganho por parte dos MNA que se encontram envolvidos neste fenómeno (*(...) now there is a minimum price that normally goes around 5€ and 10€ and this is usually what they earn (...)* – Ep11), sendo que a maioria dos clientes solicita a prática de sexo oral (*Most of the clients ask for oral sex.* – Ep3). Um dos jovens refugiados que foram entrevistados referiu que existem casos em que os clientes pedem práticas *BDSM* (*To tear their ass, humiliating, swearing, stool fetish...this kind of stuff...S&M... - Er4*).

3.2.2. Os Menores Não Acompanhados

A partir dos dados da investigação podemos afirmar que a população dos MNA que se encontra envolvida em trocas sexuais para sobrevivência parece ser bastante heterogénea. Tal como sugerem Smith e Khemiri (2019), efetivamente os MNA que fazem sexo para sobrevivência são maioritariamente do género masculino (*Most of them are boys (...)* – Ep4). As explicações apresentadas para esta superioridade do género masculino, em detrimento do género feminino, pela maioria dos participantes entrevistados, basearam-se, sobretudo, no

facto do número de MNA que chegam à Grécia ser efetivamente maior no género masculino, por comparação ao género feminino (*Boys, boys...the number of the boys started to be bigger than the girls in the 90s....there are more unaccompanied boys than girls and that is why also there are more boys that they are doing this in comparison to the girls. – Ep12*), dado que as crianças do género feminino normalmente vêm acompanhadas pelos familiares ou parentes (*(...) while girls in most of cases they travel with relatives and families so it is not so easy to end up alone (...) – Ep3*). Para além disso, é referido que cultural e religiosamente não seja permitido que as raparigas destes países se envolvam em trocas sexuais para sobrevivência na rua (*(...) because the girls don't have this culture and it is all about culture to go (...) it is about religion and culture (...) women don't want this work because they believe that their god will be very bad with them...it is all about the religion (...) from these countries that we talked about the girls don't come to the streets to sell sex (...) – Ep10*). No que concerne à idade dos rapazes envolvidos no fenómeno, a maioria dos entrevistados caracterizou-os como sendo normalmente crianças (*Usually children (...) – Ep4*) que se encontram não acompanhadas e sozinhas (*(...) and imagine these minors are alone...they are totally alone...they don't have family... if family come here, ok, they have each other for supporting but these boys don't have anyone, anyone, they are totally alone (...) – Ep12*), mas, quando questionados sobre a idade destas, indicaram que as idades eram variáveis e compreendidas entre os quatorze e os dezassete anos (*14 to 17 years old...the ones that are minors (...) – Ep6*). No entanto, também foi referido o envolvimento de jovens adultos no fenómeno, sobretudo com idades compreendidas entre os dezoito e os trinta anos de idade (*(...) they were adults. They were not minors, they were over 18 years old, from 20 years old until 30 years old. – Er3*). Relativamente ao estado civil, foi referido por dois dos entrevistados que existem jovens adultos que se encontram envolvidos no fenómeno que são casados e têm filhos (*(...) even you have people that are married, they have children (...) – Eo1*). No que diz respeito à nacionalidade dos rapazes, a maioria dos entrevistados admitiu que estes são refugiados (*(...) but it is just for old people to find young people, of course refugees (...) – Ep10*) e que não são cidadãos nacionais gregos (*(...) we also went to some places like cinemas that were showing erotic films to put condoms there and this was the first time that I saw unaccompanied children selling sex...unaccompanied migrant children and not Greek children (...) – Ep4*), mas são oriundos de uma diversidade de países asiáticos, tais como a Síria, Paquistão, Iraque, Afeganistão, Albânia, Bangladesh, Palestina, Irão e Kuwait. A este respeito e em concordância com o sugerido por Digidiki e Bhabha (2017), três dos participantes entrevistados veicularam que os rapazes afegãos são aqueles que se encontram mais envolvidos no fenómeno do sexo para sobrevivência (*(...) most people that are doing this are from Afghanistan (...) – Ep12*). Ao nível da orientação sexual, para a maioria dos participantes

entrevistados, estes rapazes apresentam uma orientação normativa, isto é, heterossexual (*The majority are not homossexual...I mean 90% or 95% of them are not.* – Ep6). Para além disso, estes rapazes apresentam um nível socioeconómico baixo, na medida em que se envolvem no fenómeno, porque estão em necessidade e precisam de ganhar dinheiro (*These people that were doing survival sex were in need because they didn't have money.* -Er3), existindo, neste caso, uma associação entre níveis socioeconómicos desfavorecidos e o envolvimento no fenómeno do sexo para sobrevivência que é explicativa da decisão de entrar neste tipo de atividade.

Os participantes do estudo referiram que os MNA apresentam diversas motivações para se envolver no fenómeno, estando estas relacionadas com fatores de ordem económica e social. No que diz respeito à natureza económica das motivações para iniciar a atividade, esta foi associada pelos participantes entrevistados a seis fatores, tais como a falta de recursos financeiros das crianças (*They don't have money, job, house, anything and because of this they are selling sex. They come here for money. If they would have money they would not come here.* – Er6; a ausência e falta de oportunidades para realizar um trabalho formal ((...) *because there is a need and there is no legal way to reach what they have in their mind or to have a job.* – Ep6); a facilidade e rapidez de obtenção de dinheiro com este tipo de atividade (*They manage everything by themselves. It is their owns initiative. It is easy money...of course, they fuck boys - do you think, no money?-* Er4); a tentativa de fazer face às necessidades básicas imediatas de sobrevivência (*Because people who use that way to survive...sex, etc, etc...they need to survive, or they don't have money to buy food. They can't cover the basic need especially of kids. How do you expect them to survive? They will do anything...people will do anything to survive. It is a very basic instinct...survival and it is a very also conservative instinct; it is a very personal instinct "I need to survive so I will do anything".* – Ep7). Um outro factor económico está relacionado com uma necessidade aspiracional de ganhar dinheiro suficiente para conseguir cobrir as despesas dos contrabandistas, a fim de que seja possível abandonar a Grécia e almejar os destinos finais (*Yes, as a part of a bigger thing...I mean being a minor with no money means that they have somehow to earn money in order to pay or the smugglers to continue their trip to their destinations (...).* – Ep6) e, ainda, existe uma preocupação em apoiar financeiramente os seus familiares que ficaram nos países de origem (*Also, many of them because they need to send money back to their relatives and parents start to work illegally and unofficially (...).* – Ep2). Ao nível dos fatores de ordem social que motivam o envolvimento dos MNA neste fenómeno, é destacada, pela maioria dos entrevistados, a questão do fracasso do sistema de proteção infantil grego, incapaz de prestar ajuda e assistência a todas as crianças, incluindo aquelas que procuram asilo ou que se encontram sem um estatuto regular de migração, a fim de garantir a segurança e bem-estar dos MNA (*Because there is no, as I said from the beginning, child protection system*

in Greece so from the moment that a child has been identify to be protect and to be placed somewhere safe and to have an explanation of the all procedures and what is the international law and the Greek law and how they can be protect so if all these are not happening from the first moment then every minor is not protect (...) and this why it is happening, because they don't have any other solution to gather money and either to spend life here and their daily costs or to send money back to their countries. – Ep2) e, ainda, a exposição prolongada a condições de vida desumanas (*I think when they start to socialize with other people in those areas they start too...or if they don't live in the shelter and they live on the street it is easy for them to try that... because when they live on the streets they don't cover their basic needs because in the shelter they have food, internet, clothes...so when they live on the streets they don't have anything so it is easier to try something like that and there are more people that are going to approach you when you live on the street by giving you food (...). – Ep3*). A falta de recursos financeiros, o fracasso do Sistema de Proteção Infantil e a vivência de condições de vida desumanas também foram enunciadas, na literatura, como as principais causas para o envolvimento em trocas sexuais (Delaney, 2006).

Estes dados permitem-nos desde já concluir que as motivações que levam os MNA ao envolvimento no fenómeno das trocas sexuais para sobrevivência não são unicamente explicadas pela necessidade de sobrevivência e para cobrir as necessidades básicas. A verdade é que a investigação vai no sentido do uso da expressão sexo para sobrevivência ou sexo transaccional para caracterizar uma medida de desespero e uma estratégia de *coping* negativa utilizada pelas populações particularmente vulneráveis (UNHCR, 2014); no entanto, há motivações expressas que vão para além da questão da sobrevivência, e que nos obriga a refletir até que ponto esta terminologia que é utilizada não leva a que o tópico permaneça estigmatizado e que se baseie em suposições mínimas que não têm em conta as diversas circunstâncias nem as perspetivas dos indivíduos afetados.

Os MNA envolvem-se no fenómeno para ganhar dinheiro (*This doesn't matter, our priority is the money. – Er8*) e este surge com o principal rendimento envolvido nas trocas sexuais entre os clientes e os MNA. Segundo os participantes entrevistados, existem diversas formas de os MNA utilizarem o dinheiro ganho nas trocas de sexo para sobrevivência. Para a maioria dos entrevistados, em primeiro lugar, os MNA fazem uso do dinheiro na compra de bens alimentares e bens não alimentares, como sejam a compra de vestuário, um lugar onde possam ficar alojados e, ainda, a compra de drogas e cigarros. Neste caso, há, por parte dos MNA, em determinadas situações, o investimento na compra de bens de primeira necessidade (*To describe mostly that some of them are doing this for having food, or for having clothes and for having somewhere to sleep...these are the basic needs. It is not having sex in order to have vacations, or to have a very nice apartment or to buy a car. It is just to cover the basic*

needs...have somewhere to sleep, have something to eat and something to wear- Ep6). A par disto, os participantes entrevistados também referem que os MNA dispõem o dinheiro ganho no apoio dos seus familiares *((...) or send back money to their parents.- Ep2)* e, ainda, há MNA que, tal como sugerem Digidiki e Bhabha (2017), fazem sexo para sobrevivência, a fim de ganhar dinheiro para poderem pagar aos contrabandistas, para abandonarem ilegalmente a Grécia e alcançar outros países Europeus *(They are doing that also to have money to pay the smugglers to go to other European countries. – Ep1)*. Daqui concluímos que as motivações económicas para iniciar a atividade não coincidem exatamente com a forma como os MNA gastam o dinheiro. Para além disso, o uso da palavra sexo para sobrevivência para caracterizar as trocas de atividades sexuais por necessidades básicas, tais como alimentação, vestuário ou alojamento (Greijer & Doek, 2016), pode ser demasiado reducionista para caracterizar o fenómeno, tendo em conta a panóplia de aspetos em que os MNA gastam o dinheiro e que não se prendem apenas com os bens de primeira necessidade.

Relativamente aos sentimentos que os MNA experienciam em relação ao fenómeno, os entrevistados relataram uma grande variedade, nomeadamente embaraço *((...) they are embarrassed about that because they know this is something that they would not do in other situation. – Ep3)*; ausência de esperança *((...) but these boys don't have anyone, anyone, they are totally alone. So, they have to do something...they are totally hopeless, they don't see lights...they feel that there is no light for them, there is no hope for them. – Ep12)*; medo em relação às consequências sociais e legais que podem advir do seu envolvimento no fenómeno *((...) But mostly maybe because they are afraid of the consequences...what is going to happen, what they going to say about them, yes or even they will be in troubles, yes, yes, there a lot of reasons why they are scared to talk about it. – Ep12)*; desespero por soluções que lhes permitam fazer face às suas necessidades *((...) prostitution is something that is in everybody's face here, so of course even if it is not something that it is considered before in a desperate mind they will going to see it and considerer it as an option for them, whether they take open eyes in another issue (...). – Ep5)*; dor emocional *((...) and how low do we understand must be stopping to actually see that option as a reality and they have do it, can you imagine what they must go thru at the first time...never mind the mental issue but the pain issue...it would just break a person down. The boy's bodies aren't made for that, are they? So, to tolerate that mental torture and the pain of actually doing it (...). – Ep5)*; frustração *((...) because they believe that they don't deserve something better. – Ep3)* e decepção em relação à sua situação de vida atual na Grécia, que os impede de prosseguirem os seus sonhos e pensarem no futuro *((...) I am aware they don't have plans for the future, they don't think about the future...probably because they are already disappointed and they are afraid about making plans. – Ep3)*.

O envolvimento no fenómeno do sexo para sobrevivência, para a maioria dos

participantes entrevistados, acarreta a possibilidade da vivência de um conjunto de perigos e consequências para o futuro por parte dos MNA. No que concerne aos perigos, destaca-se a possibilidade de os MNA poderem reviver traumas de exploração sexual passados, quer no seu país de origem quer durante a viagem que realizaram até aos países Europeus (*Or some of them were sexually abuse in the past in their countries, or in the camps or during the journey so it is something like they relieve again and again, so it is not something really new for them.* Ep3) e ainda é referida a possibilidade de os MNA experienciarem novos traumas diretamente relacionados com a vivência deste tipo de experiência (*(...) they are in such a state of deprivation and trauma that they do not have capacity to organize or even think about their futures.* - Ep8). Ainda a respeito dos perigos, é referida, por dois dos profissionais entrevistados, a questão dos riscos que o envolvimento neste tipo de fenómeno pode acarretar para a saúde dos MNA, nomeadamente no que concerne à possibilidade de transmissão de IST (*This is a huge problem for the small boys because they can be sick, they can have HIV. The old men don't care if they will have HIV, they don't care because they are old...the minors are small, and they will have this for their all life (...).* - Er3). Existem também perigos associados à vulnerabilidade dos MNA face aos clientes, que podem levar a que sejam alvo de chantagem e, por isso, obrigados a fazerem serviços que não foram acordados com os mesmos e existirem mais exigências do que aquelas que foram estabelecidas (*(...) they use the vulnerability of the minors and exploit them (...)and also they know exactly that these people are illegal in Greece and many times they use this thing to take more services, so the clients say "if you don't do that I will go to the police". It is blackmail and that's the reason why the clients choose these vulnerable young boys to have sex...that's my point exactly...and these young boys are manipulated so good in this situation...and the clients are so convincing for them unfortunately.* - Ep10) e, ainda a este respeito, também há o perigo de serem vítimas de violência (*(...) but this takes time in order to speak with them, to explain, to deal with trauma (...) some of them probably (...) they had violent behaviors against them, they are alone without the families...so they have multiple traumas.* - Ep6). No que concerne às possíveis consequências futuras para os MNA em resposta à prática do fenómeno do sexo para sobrevivência, foi mencionada, por cinco dos profissionais entrevistados, a questão de poder existir um envolvimento em comportamentos de risco no futuro, tais como consumos abusivos de substâncias psicoativas, suicídio (*I fear to presume. Based on relevant research addiction and suicide (...) are common paths, sadly. I hope we can stop this. I am ashamed this is not the case.* - Ep8), situações de escravidão e detenção (*I can't see a future...for most of them. If they are continuing to be in this situation...I can't see a future...only slavery, prison.* - Ep6) e, ainda, a possibilidade de se envolverem em redes de tráfico sexual (*To begin we are talking about survival sex, but this can go and involving too a criminal activity in general with criminal and*

trafficking networks, etc etc. So, yes, you have kids who are all alone, but you have kids who are members of a gang or exploited by a gang, not member but trafficked by a gang. So, it is criminal activity and need. – Ep7). As consequências ao nível da saúde mental, nomeadamente um mal-estar psicológico, é outro aspeto mencionado por um dos profissionais entrevistados (*The problem is that with minors there are risks, concerning the psyche, the trauma, etc etc. So, they will find a way probably to get what they want to, but the consequences can be a disaster on their mental health and in their state of mind. – Ep7).* Também na literatura, uma série de resultados físicos, psicológicos e comportamentais foram associados ao envolvimento dos MNA no sexo para sobrevivência, incluindo VIH/SIDA, IST, Perturbação de Stresse Pós-Traumático, Depressão, consumo de substâncias psicoativas, comportamentos autolesivos e ideação suicida. As crianças envolvidas neste fenómeno estão também propensas a vivenciar ostracismo comunitário e outras formas de estigmatização social, que impedem a sua integração social (Delaney,2006).

Não obstante, apesar de todas os sentimentos, perigos e consequências que esta atividade acarreta para os MNA e o facto de a grande maioria dos entrevistados admitir que estes não gostam de se envolver neste tipo de atividade (*So they have to do something to survive and they don't want to do this, they don't like do this...they are forced, they are forced not from anyone but from themselves, you know. There are no other chances because they are foreigners in a strange country without a family, without anything at all so what they could do...so all this situation started with a bad system and slowly slowly it became very famous, famous with a bad meaning... and they knew that we could have money by doing this. – Ep12).* quatro dos participantes entrevistados mencionaram que os MNA têm dificuldade em abandonar o sistema de trocas sexuais comerciais, sendo que o motivo que os leva a continuar a comercializar o sexo se prende com o carácter monetário, ou seja, com a facilidade de poderem ganhar dinheiro (*Some children will continue for sure, because they see that it is an easy way to earn money...they know how to do it and they will continue to do it. As we know from this phenomenon it is very very difficult to go out of this because this is a system...and it is like to be in a prison, it is a routine...it is their everyday. – Ep1).* Neste sentido, tal como é defendido na literatura (Vanwesenbeeck, 2001), os MNA fazem uso de estratégias de *coping* que lhes permitam reduzir o impacto negativo que esta atividade pode causar nas suas vidas e, conseqüentemente, no seu bem-estar (*Yes, they face a lot of barriers by doing so...psychological, emotional difficulties...I think they don't want to do it and when they are in this situation they don't feel ok with it so they have these emotional feelings and that they have to fight them. – Ep9).* bem como para reduzir o impacto da estigmatização que recai sobre este tipo de atividade (Oliveira, 2008) e, cumulativamente, em relação aos múltiplos papéis sociais que estes menores acabam por desempenhar (*They*

suffered stigmatization because they are refugees, they are doing sex work, they are minors also, they are men, a lot of things (...). – Ep12). Uma das estratégias que é usada pelos MNA para lidar com o trauma emocional que a atividade lhe pode causar, e que é referida por dois dos profissionais entrevistados, é o consumo de drogas (*(...) for my experience when someone is selling sex services in order to gain something – money or I don't know what – and at the same time taking drugs in order to make it a little bit better for themselves and it is like a circle and I am not sure if someone can break that circle so easily...especially in Greece in which there are no so many services for drug addicts and for migrants that really can help.* – Ep3). Para além disso, são referidas estratégias como a capacidade de os MNA se desligarem emocionalmente dos momentos em que têm de realizar a atividade e terem a capacidade de a realizar novamente sempre que necessário (*(...) they deal with it by just (...) switch himself off emotionally from the whole situation just to be able to deal with the fact that they done it and they do it again...it is so unimaginable, isn't it?-* Ep5); a capacidade de não falar abertamente acerca do assunto, porque é algo que os envergonha (*No, they don't. It is not something that they are proud of, so they don't talk about it.*- Ep6) e com o qual não se identificam (*No, no way...they don't talk about this because they don't consider and they don't feel like they are themselves at that time that they are doing that (...).* – Ep3); capacidade de delimitar o papel profissional e o papel pessoal, através dos locais frequentados, sendo que há áreas específicas da cidade que são, por si, unicamente associadas ao seu envolvimento na atividade (*No, are you crazy?...We are not just in Omonia, we go out with girls, for food. No, my life in Omonia. My life is Monasteraki, Santorini. Omonia, money and they go. No, fuck is in Omonia, full money and then see you later.* – Er4).

Ainda a respeito das estratégias de *coping* utilizadas pelos MNA, um dos profissionais entrevistados admitiu que estes não nomeiam o fenómeno, fazem uso de palavras simples e não o caracterizam de forma detalhada (*It is very difficult for them to describe it. They describe it with simple words that "we do this for money". They don't even say the word, they don't say even the word sex, they don't say details... "we do this" and when they say "we do this" you have to understand that they are doing this... They don't say many details because they are feeling uncomfortable and as I told you before they don't like it to do this...they are feeling bad that they are doing this so they don't name it, so they don't give a name...sex work, exploitation, survival sex...they don't.* – Ep12). Outra estratégia utilizada pelos jovens é a criação de uma identidade naqueles locais em que o fenómeno ocorre, que se manifesta pela identificação com os pares que, na maior parte dos casos, vivenciam as mesmas experiências, dificuldades e desafios e partilham a mesma cultura (*Quando terminamos a entrevista chegou a Provedora de Justiça (...) falou da questão de uma identidade que este grupo de menores não acompanhados cria como forma de proteção e identificação, dado que todos vivenciam as mesmas experiências e, por isso torna-se mais fácil de se apoiarem e lidarem com as dificuldades e traumas. Depois falamos em relação a*

este tipo de atividade que eles arranjam [trabalho sexual] e que traduz uma forma de se sentirem integrados. Eles criam as próprias regras e rotina. Isto ocorre porque em mais nenhum lugar eles sentem isto, porque não existe na verdade um sistema de tutela. Nos locais de venda de sexo, os rapazes conseguem encontrar pessoas que são muitas vezes do mesmo país e, por isso começam a fazer parte da sua rotina, vivem as mesmas experiências e são capazes de eles próprios criarem as suas formas de atuar, trabalhar e governarem-se. Criam uma personalidade naquele local e depois é difícil de abandoná-la, tal como ocorre com as drogas que é outro dos problemas que os menores desacompanhados enfrentam (...). Diário de bordo, 26.08.2019.). A identidade que é criada nestes locais é reforçada pela existência de uma competição saudável entre os MNA ao nível da angariação dos clientes (O homem mais velho entrou primeiro e foi levantar a chave à receção. O rapaz antes de fechar a porta, olhou para trás e fez “caretas” para os outros jovens que se encontravam em grupo perto do hotel. Este comportamento apresentado pelo jovem deu-me a entender como se estivesse a vangloriar perante os outros pelo facto de ter feito um cliente. Os outros jovens riram-se e começaram a ripostar com ele...não percebi o que diziam, mas não falavam grego. Os jovens parecem competir entre eles e criam ali uma identidade e uma família que lhes pertence e com a qual se identificam, porque vivem e experienciam as mesmas dificuldades e desafios associados à vinda para um novo país. Diário de bordo, 03.08.2019) e, ainda, a ausência de vergonha quando se encontram nos locais, dado que estes são destinados para esta finalidade e são tomados como seus (Não experienciei vergonha da parte deles em relação aquilo que estava a ocorrer, dado que senti mesmo que eles tinham tomado aquela rua como sua e como lugar em que se sentiam confortáveis e em casa. Diário de bordo, 03.08.2019). Esta ausência de vergonha nos locais em que o fenómeno tem lugar foi corroborada por um dos profissionais entrevistados (Yes, they do inside the cinema in the downstairs in the basement because every Wednesdays we go there in street work and we give them some condoms and see them without shame because this place is for this reason. For me it was shocking because in my years and in my days it was not like this but now it is very unashamed and so hard, you know, very hard like no shame, no guilty, nothing. – Ep10).

3.2.3. Os clientes

A partir dos dados da investigação, podemos afirmar que, no que concerne à população dos clientes que se encontra envolvida em trocas sexuais com os MNA que o fazem para sobrevivência, esta parece ser bastante homogénea. Efetivamente, os clientes são identificados como sendo do género masculino e, no que diz respeito à idade, a maioria dos entrevistados mencionou que estes são homens com mais do que sessenta anos de idade

(Older men...usually over 60 years old (...). – Ep6). No que diz respeito à nacionalidade dos clientes que se encontram envolvidos no fenómeno do sexo para sobrevivência, a maioria dos entrevistados admitiu que estes são gregos (The clients are old men usually Greeks (...). – Er7) e dois entrevistados referiram a existência de turistas que visitam Atenas com intenção de conhecer os menores (Mostly they are Greeks but there are tourists too that are coming for this phenomenon that happen in Athens (...). -Eo2). As características supramencionadas estão de acordo com aquilo que é apresentado na literatura (Brun, 2018). Ao nível das suas orientações sexuais, os clientes apresentam orientações não-normativas, isto é, são homossexuais (They go to some areas, where there are old gay men, and they are having sex for money. – Er3). No que diz respeito ao nível socioeconómico dos clientes, dois dos participantes entrevistados descrevem-nos como homens com grande poder económico (They don't meet here, they just come here to look for rich people that are homosexual and for this they come here, exactly to this place even when I was out two days ago in Victoria Square the same things happen. – Eo1).

3.2.4. O trabalho que as ONG e o Governo grego podiam fazer

Quando questionados sobre qual o trabalho que as ONG e o Governo grego podiam fazer relativamente à situação dos MNA que se envolvem em sexo comercial, a maioria dos entrevistados enunciou um conjunto de medidas eficazes ou respostas robustas que requerem o uso de mecanismos multissetoriais coordenados, incluindo na área da saúde, da proteção à criança, dos serviços sociais e da segurança, para garantir a prevenção da exploração sexual infantil e reduzir a vulnerabilidade à exploração sexual entre os MNA. Deste modo, uma resposta abrangente e bem-sucedida à violência e ao abuso deve, segundo os entrevistados, incluir esforços que visem, numa primeira análise, prevenir o abuso e exploração sexual de crianças, antes que estes realmente ocorram, tratando-se assim de uma intervenção primária. A este nível, foi enunciada, pela maioria dos entrevistados, a importância de a criança ser protegida (*A lot of things...first of all they should protect the children (...). – Ep9*), sendo que este esforço de proteção deve assumir diversas formas, desde a necessidade de os MNA terem um tutor ou um representante fundamental para garantir os seus direitos mais gerais (*(...) the unaccompanied migrant children when they enter Greece they should be treat differently...or the state should be and is responsible for them because they don't have a guardian or a parent or a caregiver with them, so they enter under the protection of the state...which mean that the state needs to provide them a guardian which is usually the children's prosecutor (...). – Ep4*); a necessidade

de se disponibilizar um alojamento adequado às crianças que estejam em situação irregular num país, sendo que as condições de vida nos abrigos devem ser em conformidade com a dignidade humana ((...) *but then they should try to get them off the streets and relocate them in safe spaces, shelters, etc.* – Ep4). A este respeito, foi referida a importância de o governo criar mais alojamentos (*The government should create more shelters and accommodations who host in these conditions these children (...)* – Ep4). Para além disso, é referida a importância de ser providenciado suporte legal e psicossocial, desde o primeiro momento da chegada dos MNA (*A lot of things should change (...) psychosocial and legal support provided again from the first moment (...)* – Ep2), bem como bens alimentares e não alimentares para fazer face às suas necessidades básicas (*And of course, after the other NGOs and other services should support them with food, with clothes, with the main things that they need, you know...for free of course.* – Ep12). É igualmente referida a relevância de aplicar cuidados alternativos, tais como a inclusão dos MNA em famílias de acolhimento, que é considerada uma medida protetora que assegura a segurança temporária das crianças e facilita o regresso à sua família, sempre que possível. Idealmente, trata-se, portanto, de uma solução temporária que, por vezes, é uma medida de proteção tomada até ao reagrupamento familiar (*A lot of things...first of all they should protect the children...to provide families like homes to the children (...)* – Ep9). Também é mencionado por um dos profissionais entrevistados a necessidade de ser garantido o direito à educação, incluindo a possibilidade de frequentar gratuitamente o ensino obrigatório e poderem aceder aos serviços sociais e aos cuidados de saúde, em pé de igualdade com os nacionais do Estado de acolhimento ((...) *I think that the government should implement like the measures that they are supposed to take to protect the children (...) the children should have access to services like social services, medical services and access to education...that they have a life like every other children and they don't feel insecure or they don't live in the street in poor conditions...that they have a normal life.* – Ep9). Um dos profissionais entrevistados defende o interesse de providenciar opções e oportunidades de trabalho que lhes permitam atingir os seus objetivos de forma legal (*To give them other options...other options that can work (...) How they can reach their goals in legal ways...not paying the smugglers or not having sex in order to earn money to pay the smugglers (...)* – Ep6). Os Estados devem ainda investigar eficazmente as alegações plausíveis de abuso, violência e perigo para as crianças ((...) *the state should also think to create a mechanism that will be support case that will have the cards to refers such case and to find who is behind all this and to punish all the people that are trying to have sex with minors.-* Ep2). Estes resultados vão ao encontro daquilo que é sugerido pela literatura relativamente a este tópico (Freccero et al., 2017). De facto, existe a necessidade de que os profissionais desenvolvam rapidamente intervenções e abordagens potenciais para a prevenção da exploração sexual de

MNA na Grécia. Destacam-se três abordagens para a prevenção que têm sido fortemente debatidas como estratégias para reduzir a vulnerabilidade à exploração sexual entre os MNA, nomeadamente a disponibilização de alojamentos de alta segurança; educação de competências de vida que permitam o empoderamento dos sujeitos e a tomada de decisões saudáveis e, ainda, a transferência de dinheiro, a fim de potenciar uma independência económica por parte dos MNA (Freccero et al., 2017).

A par dos esforços de uma intervenção primária, os participantes entrevistados também mencionaram a relevância de se adotarem medidas que permitam responder imediatamente ao fenómeno depois deste ocorrer, tratando-se, assim, de uma intervenção secundária, que depreende um esforço de intervenção. Esta necessidade surge como consequência da ausência de organizações que trabalhem diretamente com crianças que se encontrem diretamente envolvidas em trocas sexuais para sobrevivência (*There are organizations that work with homeless children but there are no organizations that work just with children that are doing survival sex. – Ep1*). A este nível, é defendida a premência de um trabalho de redução de riscos que se caracterize por intervenções de *outreach* (*Well...first of all they should do outreach work (...). – Ep4*), em que se pretende a promoção da saúde e a segurança na atividade que é realizada por estes MNA e, ainda, a promoção dos seus direitos, empoderamento e bem-estar desta população-alvo de intervenção (Rekart, 2005). Neste sentido, é defendida, por parte dos participantes entrevistados, a necessidade de promover um contacto de proximidade no terreno com os MNA que se encontram envolvidos no fenómeno (*The organizations also should be more on the field and try to be more active actually in street work because last year few organizations were more active in street work and this stopped. – Ep2*); e a necessidade de aumentar o nível de conhecimentos sobre IST/VIH (*First of all they should inform the minors about the dangers...physical dangers, hygienic dangers, all the bad things that can happen to them because of this.-Ep12*) e medidas de prevenção (*Just to teach them the better way to do it safe. - Er2*). Também é mencionada a importância da promoção e distribuição de material preventivo, como preservativos (*Well...first of all they should do outreach work and aim the protection of these children by providing condoms (...). – Ep4*). Para além disso, é referida a necessidade de facilitar o acesso aos serviços de saúde e sociais ((...) *they need health and social services (...). – Ep10*) e promover o apoio jurídico ((...) *they need lawyers and they need someone to go with them everywhere to the authorities to speak because they don't know the language, even English they don't know this language and it is very difficult for them...or they want just to speak and to talk and it is very important for me too (...). – Ep10*) e psicológico ((...) *After they should have psychological support. It is very important to have NGOs and services that can support them psychologically. – Ep12*), tendo em conta os múltiplos traumas

que estes vivenciam antes, durante e após a sua chegada à Grécia ((...) *but this takes time in order to speak with them, to explain, to deal with trauma...because most of them travel during months and some of them during years alone...some of them probably were raped on the way, they had violent behaviors against them, they are alone without the families...so they have multiple traumas.* -Ep6). Do mesmo modo, é premente criar uma relação baseada na confiança com os MNA, de modo a que estes possam falar livremente acerca da situação e pedir ajuda, se necessário (*I think that children could build relationships based in trust with us and then we can really work in a more sensitive issues, because when you manage to build that relationship you will be ready to confess about the survival sex, or about the smugglers and about anything and probably they will ask you for help and they will tell you that it is something that I cannot handle so please help me...so I think that the first things should be engage them in all process and ask them what they want to do...but we are a little bit far away...that's the truth.* – Ep3); fornecer-lhes uma variedade de opções de potenciais serviços e referências, para que possam escolher quais os serviços ou programas que são mais relevantes para eles (*Somebody has to explain to them the situation and then to give them options...options that they can understand in a clearly way what they have to do in order to take that way.* – Ep6) e respeitar a escolha individual como uma componente essencial, colocando o indivíduo no centro das decisões, de modo que as preocupações e necessidades autoexpressas de cada um e as preferências sejam impulsionadores da gestão e/ou ação individual ((...) *and from the other hand they should engage them in the life planning because they decide for them from the very first time and don't take them into consideration that those children are not children...and it is not only about the age even if it is a child with 14 or 15 years old is a child that travel alone and handle his life and difficulties without having anyone to protect him or taking by himself the decision of his life – if he wants to stay in Greece, if he wants to travel abroad, if he wants to...whatever. I think the organizations in Greece are not ready to hear about that.* – Ep3). Grande parte destas medidas encontram-se de acordo com os princípios expressos no Guia de Orientação para Atores Humanitários que trabalham com refugiados envolvidos no trabalho sexual e que se pretende como uma orientação prática para abordar as necessidades e vulnerabilidades não atendidas das pessoas deslocadas, que se encontram envolvidas em trabalho sexual (OGERA Uganda, 2016).

4. Conclusões e reflexões finais

Este capítulo tem como principal objetivo a realização de uma reflexão global sobre os resultados mais relevantes apresentados no estudo. Para além disso, pretende-se também explicar as potencialidades e limitações do mesmo, e ainda apresentar sugestões para estudos futuros.

Após a descrição e análise dos dados é possível compreender que os resultados deste estudo ressaltam, numa primeira análise, a multiplicidade de circunstâncias que motivam a saída dos MNA dos seus países de origem para a Europa. A Grécia tornou-se a porta de entrada para muitas dessas crianças que fogem e que têm a intenção de viajar pelos países dos Balcãs em direção à Europa do Norte e Central. Porém, no início de 2016, graças a uma série de desenvolvimentos políticos regionais que ocorreram na Europa, incluindo o fecho das fronteiras com a Grécia pelos principais países dos Balcãs, o movimento dos migrantes ficou gravemente prejudicado. Como resultado, a Grécia, país de transição, passou de um país de trânsito de curto prazo para um país de acolhimento de longo prazo. Esta transformação representou uma ameaça direta e severa ao bem-estar da população migrante e levou e continua a levar a Grécia a suportar uma terrível crise humanitária. A magnitude desta crise tem prejudicado gravemente o sistema de proteção infantil Grego que se encontra debilitado e com inúmeras falhas que têm um impacto particularmente dramático na segurança e bem-estar dos MNA. Esta mudança no cenário político contribuiu para que os MNA, requerentes de asilo, permaneçam na incerteza, aumentando a sua vulnerabilidade, como consequência de um conjunto de dificuldades que enfrentam, nomeadamente, a morosidade dos procedimentos de asilo; a presença de um sistema de tutela para MNA debilitado e enfraquecido; a realização de procedimentos de avaliação de idade invasivos e arbitrários; a inclusão das crianças em instalações de acomodação inadequadas e/ou a ausência de instalações suficientes para todas as crianças, levando a que estas enfrentem condições de vida desumanas, enquanto aguardam pela resposta aos seus pedidos. Importa referir, ainda, que muitos MNA não têm acesso aos cuidados de saúde adequados, nem à educação e acresce a isto o facto de serem alvo de discriminação e segregação social, por parte da população nacional Grega.

Perante os défices e falhas apresentadas pelo sistema de proteção e segurança dos MNA, e a impossibilidade de encontrarem trabalhos legais e permanentes, para fazer face às suas necessidades e objetivos, estes ficam sujeitos ao envolvimento em riscos complexos e

multifacetados e perigos, sobretudo ao nível do abuso e exploração sexual. Embora a extensão atual da exploração sexual infantil, na Grécia, seja difícil de determinar, em parte devido à sua natureza oculta e ilegal, existem de facto locais chave da cidade que foram identificados como contextos predominantes, onde o fenómeno tem lugar. No que diz respeito aos mecanismos de recrutamento dos MNA para o fenómeno do sexo para sobrevivência destaca-se o papel da tecnologia, como sendo crucial, assim como os contactos diretos que são estabelecidos com os clientes nestes locais. Ainda a este respeito, saliente-se a existência de situações em que outros migrantes atuam como intermediários entre as crianças e os clientes, facilitando a transação. É possível, também, compreender que a população de MNA é bastante diversificada ao nível das suas características sociodemográficas e motivações para o envolvimento no fenómeno, sobretudo de natureza económica e social.

No que concerne ao fenómeno do sexo para sobrevivência, foram referidos pelos participantes entrevistados um conjunto de perigos que podem ser vivenciados pelos MNA, tais como o reviver de traumas passados; o experienciar de novos traumas; a exposição a riscos para a saúde e perigos associados à vulnerabilidade face aos clientes. Para além disso, foram, também, identificadas possíveis consequências futuras para os MNA, particularmente o envolvimento em comportamentos de risco e o desenvolvimento de problemas ao nível da saúde mental. Deste modo, os MNA fazem uso de estratégias de *coping* que lhes permitem reduzir o impacto negativo que esta atividade lhe pode causar nas suas vidas e, conseqüentemente, no seu bem-estar, bem como para reduzir o impacto da estigmatização que recai sobre este tipo de atividade e cumulativamente em relação aos múltiplos papéis sociais que estes menores acabam por desempenhar.

O uso da expressão do sexo para sobrevivência na literatura é mais consistente e mais específico do que o sexo transacional, sendo utilizada para distinguir um sexo transacional impulsionado por extrema necessidade que é informal e de carácter local, por comparação ao trabalho sexual. A terminologia do sexo de sobrevivência enfatiza a posição económica precária e o não empoderamento daqueles que se envolvem neste tipo de fenómeno e a ausência de outros meios de obtenção de rendimento, no entanto, esta investigação vem demonstrar que o fenómeno é muito mais complexo do que a simples utilização da sua expressão, sendo que é importante repensar a sua denominação que pode levar ao aumento da vulnerabilidade e estigma destes menores.

Devem ser tomadas medidas de intervenção urgentes, de carácter primário e secundário, de modo a garantir a prevenção da exploração sexual infantil e reduzir a

vulnerabilidade à exploração sexual entre os MNA. O superior interesse da criança deve ser levado em consideração e os direitos da criança devem ser sempre respeitados, independentemente da situação em que se encontram e do lugar em que vivem, sendo que todas as crianças tenham acesso aos direitos e aos serviços básicos.

Assim é possível compreender que a Grécia, como porta de entrada da União Europeia, necessita de priorizar urgentemente a proteção de MNA, sobretudo em relação a este tipo de fenómeno, e a UE não deve ignorar o fracasso da Grécia em garantir o bem-estar destas crianças. A UE deve pressionar a Grécia para tomar uma ação imediata.

No que concerne aos aspetos positivos desta investigação é importante ressaltar que, tanto a metodologia escolhida, como a técnica de recolha de dados utilizada parece-nos bastante adequada, a fim de garantir resposta aos objetivos propostos para esta investigação, uma vez que permitiu que os participantes explorassem livremente a sua realidade e a realidade que conheciam, como consequência da sua experiência profissional e pessoal, sem que fosse induzida qualquer tipo de resposta e imposto algum constrangimento. Foram utilizados, ainda, excertos das entrevistas na descrição e análise dos resultados, que permitiram aceder às vivências, significados e percepções dos participantes em relação ao fenómeno, garantindo a validade dos dados. Realça-se, ainda, como aspeto positivo o tamanho e diversidade da amostra que possibilitou dar a conhecer de forma mais alargada e fiel a situação da integração dos MNA na Grécia, bem como, mais especificamente o fenómeno do sexo para sobrevivência. A realização da observação participante constitui, também, uma mais-valia neste tipo de investigação, dado que permitiu um contacto direto, frequente e prolongado do investigador com os atores sociais nos seus contextos culturais, possibilitando aceder a situações e eventos comuns, nomeadamente, as interações entre os clientes e os MNA que são impossíveis de captar através de entrevistas.

Este estudo teve, porém, algumas limitações metodológicas. A primeira prende-se com o reduzido período de tempo da observação participante dada a dificuldade em, por um lado, estabelecer o contacto e a possibilidade de criar uma relação de confiança com os MNA e, por outro lado em penetrar no terreno e nos locais em que o fenómeno do sexo para sobrevivência tem lugar pela desconfiança manifestada por parte dos atores em relação à presença de estranhos *(Apesar de todo este cuidado senti alguns olhares estranhos pelas pessoas que frequentavam e passavam naquele local, sendo que inclusivamente um rapaz, que se encontrava nesse local, veio na direção do coordenador da organização e perguntou o que estávamos a fazer naquele lugar a gravar com o telemóvel e depois de Tassos lhe explicar o propósito admitiu que não queria aparecer em lado nenhum pois tinha família e Tassos tranquilizou-o. Elen apercebendo-se*

desta situação e, estando de costas para o hotel e para o cinema e a ajudar-me na realização da entrevista, pegou no meu telemóvel, que estava a ser utilizado como gravador, e tentou disfarçar e esconder ao máximo que o estava a utilizar, naquele local, para gravar uma entrevista (...) Depois de terminamos a entrevista fomos embora, dado que, segundo o coordenador já estaríamos ali há bastante tempo, tempo esse suficiente para que as pessoas se comesçassem a questionar a estranhar acerca da nossa presença, sendo que seria difícil regressar ao local. Diário de bordo, 03.08.2019). Isto levou a que as entrevistas que foram realizadas neste contexto tenham sido curtas e pouco desenvolvidas, dificultando deste modo a exploração dos temas, sobretudo por parte dos jovens refugiados. O segundo obstáculo tem que ver com as limitações linguísticas, na medida em que eram falados o Grego e o inglês, línguas não nativas da investigadora e dos jovens refugiados, que podem ter levado à perda e deterioração de informações importantes. A terceira limitação tem que ver com o facto de a totalidade dos participantes não ter possibilitado a gravação das entrevistas, pelo que se considera que se pode ter perdido informação pertinente para o presente estudo. A quarta dificuldade diz respeito ao número reduzido de jovens refugiados entrevistados, bem como das informações que foram partilhadas pelos mesmos, sendo que na generalidade grande parte dos resultados obtidos neste estudo foram fornecidos pelas atitudes, perceções e significados concretizados pelos profissionais que trabalham diretamente com os refugiados, o que pode ser uma fonte de enviesamento dos resultados, na medida em que pode interferir/ter influência na obtenção de uma fonte segura do conhecimento sobre estas experiências.

Apesar das suas limitações, esta Dissertação pretende lançar as bases para futuras investigações similares. Efetivamente, o tema dos MNA do género masculino que se encontram envolvidos em trocas de sexo para sobrevivência na Grécia é, efetivamente, um tema inovador e pertinente, na medida em que, por um lado a literatura de suporte que existe acerca da temática se encontra pouco desenvolvida (*(...) although it is something that we have heard and we know that it is existing...it is happening in specific squares in Athens but the problem is that there is no data that have been collect and there are no organizations or any institutions from the state that has done something about it...maybe some reports and documentaries alert about this phenomenon but officially nothing has been collected and there are no such mechanisms to support this incidents (...)*). – Ep2) e, por outro porque é um tema que apesar de não ter muita expressividade e/ou visibilidade, é um fenómeno documentado noutros países do mundo, como são o caso da Alemanha (The Guardian, 2020); da Nova Zelândia (Thorburn & de Haan, 2014); da Inglaterra (UNICEF, 2016); de Porto Príncipe, no Haiti (UNCHR, 2011) e, ainda, em doze países da África Subsariana (Chatterji, Murray, London, & Anglewicz, 2005). Neste sentido, devem ser conduzidos mais estudos de investigação abrangente sobre

os MNA que se encontram envolvidos no fenómeno do sexo para sobrevivência, na Grécia, a fim de que seja possível saber a escala, a dimensão e o contexto do fenómeno. Mais investigações são necessárias, a fim de entender as experiências dos MNA envolvidos no sexo para sobrevivência e de que forma é que estas refletem ou divergem daquelas que são experienciadas pelas/os trabalhadoras/os sexuais da comunidade anfitriã. Devem, ainda, ser realizadas pesquisas sobre as ligações entre a exploração sexual de crianças, migração e tráfico sexual, a fim de informar as políticas nacionais e, deste modo planear e combater o/os fenómeno/os, possibilitando recolher e agregar informações numa base de dados compreensiva e abrangente com todos os casos de exploração sexual de crianças, para que possa ser mais facilmente acedido. Para além disso, é urgente fazer investigação sobre os riscos, experiências e necessidades do género masculino relacionados com as experiências de exploração sexual, a fim de informar e orientar o desenho e criação de políticas e programas responsivos. Também existe a necessidade de que os profissionais desenvolvam rapidamente intervenções e abordagens potenciais para a prevenção da exploração sexual de MNA na Grécia, bem como o estudo do impacto dessas intervenções na redução ou extinção do fenómeno, sendo que neste caso sugere-se o estudo do impacto dos potenciais benefícios da implementação de uma intervenção de Educação de Pares, para colmatar as lacunas de serviço e informação vivenciadas pelos MNA envolvidos no sexo para sobrevivência e, assim melhorar os resultados ao nível da saúde e proteção (Rosenberg, & Bakomeza, 2017).

Em suma, com o aumento do número de crianças refugiadas não acompanhadas em movimento, espera-se que esta investigação seja útil para informar as iniciativas de políticas e campanhas de intervenção que visam eliminar a exploração infantil e o abuso de crianças migrantes na Grécia.

Referências Bibliográficas

- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo* (4ª ed.). Lisboa: Edições 70: Persona.
- Belhadj Kouider, E., Koglin, U., & Petermann, F. (2014). Emotional and behavioral problems in migrant children and adolescents in Europe: a systematic review. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 23(6), 373–391. doi: 10.1007/s00787-013-0485-8
- Bolborici, A. M. (2018). The Migrant Children and Unaccompanied Minors in the Eu; Perspectives on the Action Plan. *Bulletin of the Transilvania University of Brasov. Series VII: Social Sciences. Law*, 11, 19–24.
- Butkute, M., & Janta, B. (2018). *Education for unaccompanied migrant children in Europe: ensuring continued access to education through national and school-level approaches*. Luxembourg: European Platform for Investing in Children.
- Braun, V. & Clarke, V. (2013). *Successful qualitative research: A practical guide for beginners*. London: Sage Publications.
- Brun, D. (2018). *Men and boys in displacement assistance and protection challenges for unaccompanied boys and men in refugee contexts*. London: CARE.
- Chatterji, M., Murray, N., London, D., & Anglewicz, P. (2005). The Factors Influencing Transactional Sex Among Young Men and Women in 12 Sub-Saharan African Countries. *Social Biology*, 52(1/2), 56–72.
- Council Directive 2001/55/EC of 20 July 2001 establishing the minimum standards for giving temporary protection in the event of a mass influx of displaced persons and on measures promoting a balance of efforts between Member States in receiving such persons and bearing the consequences thereof. (2013). *Official Journal of the European Union*, L212/12, 12–23.
- Council Directive 2003/86/CE of 22 de setembro 2003 establishing the right to family reunification. (2003). *Official Journal of the European Union*, L251, 1-7.
- Council Directive 2004/38/CE of 29 of April 2004 laying down the right of citizens of the Union and their family members to move and reside freely within the territory of the Member States. (2004). *Official Journal of the European Union*, L251, 1-7.
- Council Directive 2008/115/EC of 16 December 2008 establishing common standards and procedures in Member States for returning illegally staying third-country nationals.

- (2008). *Official Journal of the European Union*, L158/77, 77–123.
- Council Directive 2011/95/EU of 5 April 2011 preventing and combating trafficking in human beings and protecting its victims. (2011). *Official Journal of the European Union*, L101/1, 1–11.
- Council Directive 2011/95/EU of 13 December 2011 establishing standards for the qualification of third-country nationals or stateless persons as beneficiaries of international protection. (2011). *Official Journal of the European Union*, L337/9, 9–26.
- Council Directive 2013/32/EU of 26 June 2013 establishing the common procedures for granting and withdrawing international protection. (2013). *Official Journal of the European Union*, L180/60, 60–95.
- Council Directive 2013/33/EU of 26 June 2013 laying down standards for the reception of applicants for international protection. (2013). *Official Journal of the European Union*, L180/96, 96–116.
- Council Regulation (EU) 604/2013 of 26 June 2013 establishing the criteria and mechanisms for determining the Member State responsible for examining an application for international protection lodged in one of the Member States by a third-country national or a stateless person. (2013). *Official Journal of the European Union*. L180/31, 31-59.
- Creswell, J. W. (2003). *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches* (2nd ed.). Sage Publications, Inc.
- Creswell, J. W. (2008). *Educational Research: Planning, Conducting, and Evaluating Quantitative and Qualitative Research* (3rd ed.). New Jersey: Pearson Education.
- Delaney, S. (2006). *Protecting children from sexual exploitation and sexual violence in disaster and emergency situations*. Bangkok: ECPAT International.
- Denov, M., & Maclure, R. (2007). Turnings and epiphanies: Militarization, life histories, and making and unmaking of two child soldiers in Sierra Leone. *Journal of Youth Studies*, 10(2), 243–261. doi:10.1080/13676260601120187
- Denzin, N. & Lincoln, Y. (2000). *Handbook of Qualitative Research*. USA: Sage Publications, Inc.
- Devi, S. (2016). Unaccompanied migrant children at risk across Europe. *Lancet*, 387(10038), 2590. doi: 10.1016/S0140-6736(16)30891-1
- Digidiki, V., & Bhabha, J. (2017). *Emergency within an emergency: the growing epidemic of sexual exploitation and abuse of migrant children in Greece*. Cambridge, EUA:

Harvard University.

- Digidiki, V., & Bhabha, J. (2018). Sexual abuse and exploitation of unaccompanied migrant children in Greece: Identifying risk factors and gaps in services during the European migration crisis. *Children & Youth Services Review*, 92, 114–121. doi: 10.1016/j.chilyouth.2018.02.040
- Echavez, C., Bagaporo, J., Pilingo, L., & Azadmanesh, S. (2014). *Why do children undertake the unaccompanied journey? Motivations for departure to Europe and other industrialised countries from the perspective of children, families and residents of sending communities in Afghanistan*. Switzerland: UNCHR.
- European Migration Network (EMN). (2011). *Policies on reception, return and integration arrangements for, and numbers of, Unaccompanied Minors: an EU comparative study*. Brussels: DG Home.
- EMN. (2015). *Policies, practices and data on unaccompanied minors in the EU Member States and Norway*. Brussels: DG Home.
- EMN. (2018). *Approaches to Unaccompanied Minors Following Status Determination in the EU plus Norway*. Brussels: DG Home.
- Fagnoni, G., Polakovic, P., & Stelzig, M. (2014). *On the move: unaccompanied foreign minors in the European Union*. Netherlands: The Spanda Foundation.
- Fazel, M., Reed, R. V., Panter-Brick, C., & Stein, A. (2012). Mental health of displaced and refugee children resettled in high-income countries: risk and protective factors. *Lancet*, 379(9812), 266–282. doi: 10.1016/S0140-6736(11)60051-2
- Flick, U., Kardoff, E. & Steinke, I. (2004). *A Companion to Qualitative Research*. Los Angeles: Sage Publications.
- FRA, & TEDH. (2014). *Manual de legislação europeia sobre asilo, fronteiras e imigração*. Luxemburgo: Serviço das Publicações na União Europeia.
- FRA, & TEDH. (2015). *Manual de legislação europeia sobre os Direitos da Criança*. Luxemburgo: Serviço das Publicações na União Europeia.
- FRA. (2018). *Migration to the EU: five persistent challenges*. Brussels: European Union.
- FRA. (2019). *Returning unaccompanied children: fundamental rights considerations*. Austria: European Union Agency for fundamental rights.
- Freccero, J., Biswas, D., Whiting, A., Alrabe, K., & Seelinger, K. T. (2017). Sexual exploitation of unaccompanied migrant and refugee boys in Greece: Approaches to prevention. *PLoS Medicine*, 14(11), 1–8. doi: 10.1371/journal.pmed.1002438
- Given, L. M. (2008). *The Sage encyclopedia of qualitative research methods*. USA: Sage

Publications.

- Gkioka, M., & Biswas, D. (2017). *Children on the run: experiences of unaccompanied minors leaving shelters in Greece*. Greece: FAROS.
- Greijer, S., & Doek, J. (2016). *Terminology Guidelines for the Protection of Children from Sexual Exploitation and Sexual Abuse*. Luxembourg: ECPAT International.
- Halvorsen, K. (2005). Alone and Far from Home: Are Separated Refugee Children Adequately Protected? *Human Rights Review*, 7(1), 76–91. doi: 10.1007/s12142-005-1003-2
- House of Lords. (2016). *Children in crisis: unaccompanied migrant children in the EU*. United Kingdom: European Union Committee.
- Huberman, A. M., Miles, M. B., & Saldaña, J. (2014). *Qualitative data analysis: a methods sourcebook* (3rd ed.). USA: Sage Publications.
- ICRC, IRC, SCUUK, UNICEF, UNHCR, & WVI. (2004). *Inter-agency guiding Principles on Unaccompanied and separated children*. Geneva: ICRC.
- International Committee on the Rights of Sex Workers in Europe (ICRSE). (2016). *Surveilled. Exploited. Deported. Rights violations against migrant sex workers in Europe and Central Asia*. Scotland: NSWP.
- International Organization for Migration (IOM). (2013). *Children on the move*. Switzerland: IOM.
- Kanics, J., Hernández.D., & Touzenis, K. (2010). *Migrating alone: Unaccompanied and separated children's migration to Europe*. France: UNESCO.
- Kaukko, M., & Wernesjö, U. (2017). Belonging and participation in liminality: Unaccompanied children in Finland and Sweden. *Childhood: A Global Journal of Child Research*, 24(1), 7–20. doi: 10.1177/0907568216649104
- Koehler, C. (2017). *Continuity of learning for newly arrived refugee children in Europe*. Lithuania: NESET II.
- Kvale, S. (2007). *Doing interviews*. London: Sage.
- Levine, I. & Bowden, M. (2002). Protection from sexual exploitation and abuse in humanitarian crises: The humanitarian community's response. *Forced Migration Review*, 15, 20-22.
- Lynch, M. A. (2001). Providing health care for refugee children and unaccompanied minors. *Medicine, Conflict and Survival*, 17(2), 125–130. doi:10.1080/13623690108409566
- Luigi, A., Leach, H., Matarazzo, M., Tondo. M., Cauchi, A., & Karanika, T. (2017). *On*

- my own: protection challenges for unaccompanied and separated children in Jordan, Lebanon, and Greece*. Roma: Intersos/MMP.
- Maratou-Alipranti, L., & Rethimiotaki. (2018). Greece. In H., Wagenar, J., Synnøve Økland. (Eds.), *Assessing Prostitution Policies in Europe* (pp. 346-359). New York: Routledge.
- Maroy, C. (1995). A análise qualitativa de entrevista. In A. Colin (Ed.), *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais* (pp. 117-155). Paris, France: Gradiva.
- Moraes, R. (1999). *Análise de conteúdo*. Revista Educação, Porto Alegre, 22 (37), 7-32.
- Patton, M. Q. (2014). *Qualitative Research & Evaluation Methods: Integrating Theory and Practice* (4th ed.). USA: Sage Publications.
- Pierard, A., & Roublin, C. (2012). *Right to Asylum for unaccompanied minors in the European Union*. France: France Terre d'Asile.
- O'Donnell, R. & Hagan, M. (2014). *Reference Document on Unaccompanied Children: A compilation of relevant EU laws & policies*. Europe: Connect Project.
- OECD. (2019). *Ready to help?: improving resilience of integration systems for refugees and other vulnerable migrants*. Paris: OECD.
- OGERA Uganda. (2016). *Working with refugees engaged in sex work: a guidance note for humanitarians 14 practical steps for field staff*. New York: Women's Refugee Commission.
- O'Kane, C. & Newth, H. (2018). *Protecting Children on the Move: A guide to programming for children affected by migration and displacement*. London: Save the Children.
- Oliveira, A. (2008). *O mundo da prostituição de rua: trajetórias, discursos e práticas. Um estudo etnográfico* (Tese de Doutorado). Universidade do Porto, Portugal.
- REACH, & UNICEF. (2017). *Children on the move in Italy and Greece. Switzerland: REACH*.
- Rekart, M. L. (2005). Sex-work harm reduction. *Lancet*, 366(9503), 2123–2134. doi:10.1016/S0140-6736(05)67732-X
- Rosenberg, J. S., & Bakomeza, D. (2017). Let's talk about sex work in humanitarian settings: piloting a rights-based approach to working with refugee women selling sex in Kampala. *Reproductive Health Matters*, 25(51), 95–102. doi: 10.1080/09688080.2017.1405674
- Rubin, H. & Rubin, I. (1995). *Qualitative Interviewing: The Art of Hearing Data*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Ruquoy, D. (1995). Situação de entrevista e estratégia do entrevistador. In A. Colin (Ed.),

- Práticas e métodos de investigação em ciências sociais* (pp. 84-116). Paris, France: Gradiva.
- Sedmak, M., Gornik, B., & Sauer, B. (2017). *Unaccompanied Children in European Migration and Asylum Practices: In Whose Best Interests?* Reino Unido: Routledge.
- Senovilla, D., & Lagrange, P. (2011). *The legal Status of unaccompanied children with international, European and national frameworks: protective standards vs. restrictive implementation*. PUCAFREU project
- Smith, A., & Khemiri, R. (2019). *A report on the scale, scope and context of the sexual exploitation of children*. Bangkok: ECPAT.
- The Guardian. (2020). *A step away from hell': the young male refugees selling sex to survive*. Retrieved from <https://www.theguardian.com/global-development/2020/feb/21/a-step-away-from-hell-the-young-male-refugees-selling-sex-to-survive-berlin-tiergarten>
- The United Nations. (1989). Convention on the Rights of the Child. *Treaty Series*, 1577,3.
- Thomas, S., Nafees, B., & Bhugra, D. (2004). *I was running away from death” - the pre-flight experiences of unaccompanied asylum-seeking children in the UK*. *Child: Care, Health and Development*, 30(2), 113–122. doi:10.1111/j.1365-2214.2003.00404.x
- Thommessen, S., Laghi, F., Cerrone, C., Baiocco, R., & Todd, B. K. (2013). Internalizing and externalizing symptoms among unaccompanied refugee and Italian adolescents. *Children and Youth Services Review*, 35(1), 7–10. doi: 10.1016/j.chilyouth.2012.10.007
- Thorburn, N., & de Haan, I. (2014). Children and survival sex: A social work agenda. *Aotearoa New Zealand Social Work Review*, 26(4), 14–21.
- UN High Commissioner for Refugees (UNHCR). (1997). *Guidelines on Policies and Procedures in Dealing with Unaccompanied Children Seeking Asylum*. Retrieved from <https://www.refworld.org/docid/3ae6b3360.html>
- UNCHR. (2011). *Driven by desperation: Transactional sex as a survival strategy in Port-au-Prince IDP camps*. Geneva: UNCHR.
- UNCHR. (2014). *Woman alone: the fight for survival by Syria's refugee women*. Geneva: UN High Commissioner for Refugees (UNHCR).
- UNCHR. (2019). *Desperate Journeys: refugees and migrants arriving in Europe and at Europe's borders*. Geneva: UNCHR.
- UNCHR, UNICEF, & IOM. (2019). *Refugee and migrant children in Europe*. Retrieved

- from <https://data2.unhcr.org/en/documents/download/72643>
- UNICEF. (2016). *Neither safe nor sound: Unaccompanied children on the coastline of the English Channel and the North Sea*. France: UNICEF.
- UNICEF. (2017). *Refugee and migrant crisis in Europe: is health care accessible?*. Geneva: UNICEF.
- UNICEF, IRC, & UNCHR. (2017). *The way forward to strengthened policies for unaccompanied and separated children in Europe*. Geneva: UNCHR.
- Uppard, S., & Birnbaum, L. (2017). *Field handbook on unaccompanied and separated children*. Switzerland: IAWG-UASC.
- Valtolina, G., & D’Odorico, M. (2017). Crossing alone the Mediterranean Sea. Some critical issues about unaccompanied minors in Europe. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 25(51), 77-94. doi: 10.1590/1980-85852503880005106
- Van Os, E. C. C., Kalverboer, M. E., Zijlstra, A. E., Post, W. J., & Knorth, E. J. (2016). Knowledge of the unknown child: A systematic review of the elements of the best interests of the child assessment for recently arrived refugee children. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 19(3), 185–203. doi: 10.1007/s10567-016-0209-y
- Vanwesenbeeck, I. (2001). Another decade of social scientific work on sex work: A review of research 1990–2000. *Annual Review of Sex Research*, 12, 242–290. doi:10.1080/10532528.2001.10559799
- Weitzer, R. (2000). Deficiencies in the sociology of sex work. In J. T. Ulmer. (Ed.) *Sociology of Crime, Law and Deviance* (pp. 259-279). Bingley: Emerald Group Publishing.
- WHO. (2018). *Health of refugee and migrant children*. Copenhagen: WHO Regional Office for Europe.
- Women’s Refugee Commission (WRC). (2016). *Mean Streets: identifying and responding to urban refugee’s risks of gender-based violence*. New York: Women’s Refugee Commission.

Anexos

Anexo 1: Guião da entrevista semiestruturada, versão reduzida, e utilizada no contexto da observação participante

1. What is your name, nationality, age? (optional answer)
2. Have you ever heard about minors that are doing survival sex?
3. Do you know if the phenomenon of survival sex is happening in Athens? If yes, can you tell in which places of the city is it happening?
4. Do you know if there is a mediator/ pimp/ smuggler between clients and young adults/ minors? If yes, what are their role?
5. How is the contact between the clients and the minors usually made (e.g. through mediator/ pimp/ smuggler/ client/ minor/ other)?
6. Who sets the price and the rules of the act?
7. What forms can the client-minor relationship take (e.g. sugar babies, sugar daddies, sex only, friendly)?
8. How would you describe the clients in terms of for example age, nationality, gender, sexual orientation, socioeconomic status, job, etc?
9. How would you describe the minors in terms for example of age, nationality, gender, sexual orientation, socioeconomic status, job, etc.
10. (But) Why are the minors doing survival sex?
11. Are they being forced? Is it their own choice?
12. What do the minors do with the money that they take from the phenomenon (e.g. papers, lawyer, drugs, moving to another country)?
13. Do minors talk openly about their involvement in the phenomenon?
14. How do minors describe this phenomenon (e.g. survival sex, sex work, human trafficking/ exploitation, abuse, prostitution)?

Anexo 2: Guião da entrevista semiestruturada, versão longa, utilizado em contextos protetores para os participantes

Vinda e integração dos MNA na Grécia

1. Did you ever work with unaccompanied minors?
2. What kind of work did you do or do you continue to do with unaccompanied minors?
3. Do you know which type of difficulties do unaccompanied minors normally face when they leave their country and before their arrival in Greece?
4. Since when has Greece started receiving unaccompanied minors?
5. Do you know why minors come alone to Greece? And why do they come to Greece?
6. How old are the Unaccompanied Minors that normally arrive to Greece?
7. Where are the Unaccompanied Minors that normally arrive to Greece from?
8. Do they want to stay in Greece? Why?
9. How does Greece normally deal with this target group? Which kind of procedures do you know?
10. How do you describe the integration of Unaccompanied Minors in Greece?
11. Do you know if Greece has national or international organizations that work with unaccompanied minors? If yes, what kind of work do they do?
12. How do these kids spend their days here in Greece? Do they go to school?

Sexo para sobrevivência

13. Have you ever heard about survival sex that is doing by Unaccompanied Minors in streets of Athens?
14. When did the phenomenon start to happen?
15. Why do you think this phenomenon starts to happen?
16. In which places of the city does this phenomenon happen? And why?
17. Where are the minors that are doing survival sex from?
18. How old are the minors that are doing survival sex?

19. How do the minors know the places where they can find the clients?
20. How can the Unaccompanied Minors recognize the clients?
21. How can the clients recognize the Unaccompanied Minors?
22. How would you describe the clients in terms of for example age, nationality, gender, sexual orientation, socioeconomic status, job, etc?
23. Who normally makes the contact, the minors or the clients? Which one start to talk?
24. Who normally sets the price, the minors or the clients? Do you know how much these minors can earn?
25. What kind of sexual services are requested?
26. What type of relationship do the Unaccompanied Minors have with the clients?
27. In which places are the Unaccompanied Minors doing survival sex? Outside or inside the buildings?
28. Do you think that the minors are forced to do sex with the clients?
29. Do you think that the unaccompanied minors/young adults considered it a job?
30. Do you know if Unaccompanied Minors do survival sex every day?
31. Do you know at what periods of the day do Unaccompanied Minors do survival sex?
32. Do you know if these minors are comfortable with this situation? Do you know if they talk openly about their involvement in the phenomenon?
33. Why are the minors doing survival sex?
34. Do you know if they have a pimp or a smuggler behind their work?
35. What do the minors do with the money that they take from the phenomenon?
36. What are their expectations for the future?
37. Do you know if minors face any barrier in this type of activity? (e.g. communication barrier, religion barrier, etc).

38. How do the clients know about the Unaccompanied Minors that are doing survival sex?
39. Why do you think the clients choose the Unaccompanied minors to have sex?
40. What kind of work do you think that organizations should do in this situation? What about the society?
41. Do you think that in this case are we talking about sex work, survival sex, sexual exploitation, sexual abuse or other kind of situation? And why?
42. What do you think will be the future of these minors?

Anexo 3: Categorias de análise segundo os temas de investigação

1º Tema: A vinda e a integração dos MNA na Grécia

<i>Categoria de Análise</i>	<i>Descrição</i>	<i>Subcategoria</i>	<i>Exemplo de resposta à subcategoria</i>
As razões da fuga dos países de origem	Razões que motivaram a fuga dos MNA dos seus países de origem para a Europa.	Aspiracionais	“I left my country because I was trying to achieve a better future.”
		Segurança	- “(...) because their families are trying to save them from war or from very dangerous conditions and so they choose to send them alone in order to save them (...).”
		Problemas políticos	-“I want to become something in my future and that’s why I left my country because there were no possibilities for me to improve myself...because in my country there are not so many opportunities even if you are qualify or something like that then you will not get nothing. Only you have to pay money and then you will become something. If you don’t pay money and without corruption you cannot do nothing. If you don’t pay money you will not get the job.”
		Facilidade dos procedimentos legais, sobretudo aqueles procedimentos que dizem respeito aos pedidos de reunificação familiar e até mesmo de obtenção de asilo	“Because it is easier to be an Unaccompanied Minor than to be with your family sometimes...and the procedures are much easier for Unaccompanied Minors than for Accompanied Minors. The procedures are much simpler for an Unaccompanied Minor, for example the family reunification and even the asylum procedures...I don’t have the numbers but they are treated differentially and it is even easier for them to access asylum (...).”
		Reencontro com os	“Greece is an entry point to Europe so

		familiares que vieram para a Europa	there are many minors that have families in Europe. At first the parents come to Germany, Netherlands, all these European countries and these minors are trying to find them...going through Greece. “
		Problemas Económicos	“There are different reasons (...) a big number for example are from Pakistan and Bangladesh who are children that (...) and either have also economic issues (...).”
		A pobreza e a fome	“All the reasons are valid (...) hunger, poverty (...).”
		Desrespeito pelos Direitos das crianças	-“(...) a big number for example are from Pakistan and Bangladesh who are children that might to work since the age of five in a very hard works (...) so either on their own or their parents send them to Greece for a better future.”
		Perda de familiares	“There are many different reasons why they come alone...some of them lost their families and they don’t have anything to back to their countries so they decide to come to Europe because they have a family members somewhere in Europe so they try to connect with them.”
Dificuldades vivenciadas pelos MNA	Principais dificuldades experienciadas pelos MNA, aquando da sua chegada e permanência na Grécia	Ausência de um Sistema de Proteção das crianças	“In Greece there are many organizations that are working to defend Unaccompanied Minors but in Greece there is not a system, a protection system like a government system for protection of Unaccompanied Minors.”
		Procedimentos de avaliação da idade	-“(...)because also the organizations were against the procedures of age assessment at least in only medical ways and how it would be done (...) In Greek system there is a procedure...I mean their decision should be follow in order to do the age assessment procedure normal like in a let say child friendly way but most of the times it is not happening like this. The most

			common thing is that the police catch minors and send them to the hospital to do an X-Ray and what the result will be, will be their age...something like this, so simple so fast (...).”
		Tutor/representante	“The government...There is a system like the public prosecutors are the guardians for the Unaccompanied Minors...but this gap is huge because now in Greece we have more than 4000 of Unaccompanied Minors so the public prosecutors cannot cover normal duties and also the guardians for Unaccompanied Minors. So, there are organizations like Metadrasi that are providing guardianship for Unaccompanied Minors (...) The government right now is trying to do something like they are trying to have a new guardianship law because they have an old one, but it is not an issue and they don’t put in practice yet.”
		Procedimentos de Asilo	“My asylum process took one year but in general the asylum takes let’s say one or two years something like that and it depends on the interview...if I really need or I don’t need or if you came alone or not.”
		Representação legal e proteção dos MNA no âmbito do procedimento de asilo	“They refused my case that’s why...in that time I didn’t know Greek very well...I didn’t even know how to read or write or something like that so I didn’t read my case...so they only told me that I needed to find a lawyer and then with a lawyer I can go to the court and discuss my case so since that time until now my case is in the court and until now I don’t have nothing. I am still without papers, but it is ok because carefully I am doing things.”
		Acesso à educação	“They provide the school is true but only to go there and spend the time, but they will not give you any kind of certificate or any paper from

			school...because I was there in one school and if I was going there or if I was not going there they didn't register my name, nothing at all. There was a local school so they will going to choose you or choose me to teach them the Greek language, teach them Urdu, teach them Hindi, teach them Arabic language...so they chose people from refugees and then the person will going to teach them things...who is interested in which language... so how will you going to get the certificate and something like that from these kind of things.”
		Acesso aos cuidados de saúde	“(...) because in Greece you need to have a social number which belongs only to you in order to get medications and to be examining, so since June there are strike from the offices that are issuing this number and also the new government have revoked the previous circulars that gave the chance and the right to asylum seekers to have this number so now there is a gap and they are not allow and they need to pay in order to receive medical care (...). “
		Suporte ao nível da saúde mental	“Greece deal badly with this target group! (...) with inadequate mental health. “
		Acomodação	“In reality because the numbers of Unaccompanied Minors are very large (...) and the space to accommodate them is not enough, many children end up in the streets, or in a big refugees camps living alone with adults or they are detained in police station cells under what we call protective custody regime.”
		Detenção	“The main problem is that we don't have enough space to accommodate them. Main of them aren't in a proper accommodation condition. Some of them are in administrative

			detention...protective custody if you want, basically in jail if you want. “
		Segregação social	“I think we are far behind from the integration. There is no communication with the host community. The only element that I can think is that some children learn Greek, but it is the only thing, but apart from that...they live in different settings, you know, far from how the host community lives.”
		Emprego	“I cannot work legally without asylum...but regardless of the type of work I am going to get here...only 500€, 600€...you know...they will not going to give me the money and I will work for them (...).”
		Envolvimento em atividades exploratórias e perigosas	“(...) because officially now we have 1200/1300 unaccompanied minors that have accommodation and there are almost two one thousand in the waiting list that means that they are on the streets...so they are getting involved in many activities like drugs, like sex, like labor...and it is easy because if you are not legal, I mean without papers...even in Greece underage kids is illegally to work... so what are the chances, I mean it is very easy to get involved in all of this system of exploitation even if it is drugs, or sex or slavery or whatever (...).”

2º Tema: O sexo para sobrevivência

I. O fenômeno

<i>Categoria de Análise</i>	<i>Descrição</i>	<i>Subcategoria</i>	<i>Subcategoria</i>	<i>Exemplo de resposta à subcategoria</i>
Características Gerais	Caraterização do fenômeno do ponto de vista legal, social, relacional; da sua frequência e da existência da figura do mediador	Invisibilidade		-“(...) the Greek society refuse this fact. The Greek society doesn’t care if it is happening to the others (...).”
		Ilegalidade		“(...) but it is difficult if we see young people come...it is very difficult for us because we don’t know what to do because it is illegal (...).”
		Tipo de relação estabelecida		“There is no relationship, it is just sex.”
		Frequência com que ocorre		“(...) but depending on what they want to achieve. If they want to go to another country probably they do every day but if it is just to have money for the daily expenses they don’t do every day. Not all of them want to go away and they simply want to have purchase power.”
		Período do dia em que ocorre		- “All day and all night...not the same persons but all the time you have a traffic there.” - “Look, you have neighborhoods and public spaces where this happens, especially at night.”
		Mediador		“Sometimes there are some guys from their countries that play the role of making the connections with older guys...other times not. Both situations happen a lot.”
Tipo de locais onde ocorre	Locais da cidade de Atenas em	Interior		“Otherwise is mostly on the cheap hotels in the area.”

	que o fenómeno tem lugar	Exterior		“It is happening in specific squares in Athens (...)”
Formas de conhecimento dos locais pelos MNA	Tipos de informantes dos MNA, para que estes tenham conhecimento acerca dos locais em que o fenómeno tem lugar	Outros MNA		“Through friends from the same countries... Through compatriots...they talk with each other since the first day or maybe the second day and they ask each other (...)”
		Contrabandistas		“Also in between them and also the smugglers (...)”
Formas de estabelecimento do contacto	Formas de os clientes e os MNA estabelecerem contacto	Presencial	Quem toma a iniciativa	“(...) Usually the clients go to talk with the boys or the boys go if It is people that they know or afterwards maybe also the boys start to approach but the first contact come normally from the clients.”
			Como ocorre	“The clients asked me already a lot of times to have sex with them. They tried to approach me (...)”
			Onde ocorre	“(...) where it is a hook-up area for gay men.”
		Não Presencial		“(...) they use also technology and applications on the smartphones to get in touch with the people that willing to offered them money or whatever. They use specific applications for the gay community and also there are chats for people that are making agreements for sex. “
Preços e serviços praticados	Tipo de preços praticados de acordo com os serviços pedidos			“(...) it can be everything. It depends of what they agree (...)”

II. Os Menores Não Acompanhados

<i>Categoria de Análise</i>	<i>Descrição</i>	<i>Subcategoria</i>		<i>Exemplo de resposta à subcategoria</i>
Características	Caraterização das MNA que estão envolvidas no fenómeno do sexo para sobrevivência	Género		“Most of them are boys (...).”
		Idade		- “14 to 17 years old...the ones that are minors (...).” - “(...) they were adults. They were not minors, they were over 18 years old, from 20 years old until 30 years old. “
		Estado Civil		“(...) even you have people that are married, they have children (...).”
		Nacionalidade		“(...) most people that are doing this are from Afghanistan (...).”
		Orientação sexual		“The majority are not homosexual...I mean 90% or 95% of them are not.”
		Nível socioeconómico		“These people that were doing survival sex were in need because they didn’t have money.“
Motivações	Motivações que levam estes MNA ao envolvimento no fenómeno	Económica	Falta de recursos financeiros das crianças	“They don’t have money, job, house, anything and because of this they are selling sex. They come here for money. If they would have money they would not come here.”
			Falta de oportunidades de realizar um trabalho formal	“(...) because there is a need and there is no legal way to reach what they have in their mind or to have a job.”
			Facilidade e rapidez de obtenção de dinheiro	“They manage everything by themselves. It is their owns initiative. It is easy money...of course, they fuck boys - do you think, no money?”
			Sobrevivência	“Because people who use that way to survive...sex, etc, etc...they need to survive, or they don’t have money to buy food. They can’t cover the

				basic need especially of kids. How do you expect them to survive? They will do anything...people will do anything to survive. It is a very basic instinct...survival and it is a very also conservative instinct; it is a very personal instinct “I need to survive so I will do anything”.”
			Aspiracional	“Yes, as a part of a bigger thing...I mean being a minor with no money means that they have somehow to earn money in order to pay or the smugglers to continue their trip to their destinations (...).”
			Apoio familiar	“Also, many of them because they need to send money back to their relatives and parents start to work illegally and unofficially (...).”
		Social	Fracasso do Sistema de Proteção Infantil Grego	“(...) so all this situation started with a bad system and slowly slowly it became very famous, famous with a bad meaning... and they knew that we could have money by doing this.”
			Exposição prolongada a condições de vida desumanas	“I think when they start to socialize with other people in those areas they start too...or if they don´t live in the shelter and they live on the street it is easy for them to try that... because when they live on the streets they don´t cover their basic needs because in the shelter they have food, internet, clothes...so when they live on the streets they don´t have anything so it is easier to try something like that and there are more people that are going to approach you when you live on the street by giving you food (...).”
Utilização do dinheiro	Formas de os MNA utilizarem o dinheiro ganho nas trocas de	Compra de bens alimentares e não alimentares		“To describe mostly that some of them are doing this for having food, or for having clothes and for having somewhere to sleep...these are the

	sexo para sobrevivência			basic needs. It is not having sex in order to have vacations, or to have a very nice apartment or to buy a car. It is just to cover the basic needs...have somewhere to sleep, have something to eat and something to wear.”
		Apoio da família		“(...) or send back money to their parents.”
		Abandono do país		“They are doing that also to have money to pay the smugglers to go to other European countries.”
Sentimentos	Sentimentos que os MNA experienciam em relação ao fenômeno	Embaraço		“(...) they are embarrassed about that because they know this is something that they would not do in other situation.”
		Ausência de esperança		“(...) but these boys don't have anyone, anyone, they are totally alone. So, they have to do something...they are totally hopeless, they don't see lights...they feel that there is no light for them, there is no hope for them.”
		Medo das consequências		“(...) But mostly maybe because they are afraid of the consequences...what is going to happen, what they going to say about them, yes or even they will be in troubles, yes, yes, there a lot of reasons why scared they are scared to talk about it.”
		Desespero por soluções		“(...) prostitution is something that is in everybody's face here, so of course even if it is not something that it is considered before in a desperate mind they will going to see it and considerer it as an option for them, whether they take open eyes in another issue (...).”
		Dor emocional		“(...) and how low do we understand must be stopping to actually see that option as a reality and they have do it, can you imagine

				what they must go thru at the first time...never mind the mental issue but the pain issue...it would just break a person down. The boy's bodies aren't made for that, are they? So, to tolerate that mental torture and the pain of actually doing it (...)."
		Frustração		"(...) because they believe that they don't deserve something better."
		Deceção		"(...) I am aware they don't have plans for the future, they don't think about the future...probably because they are already disappointed and they are afraid about making plans."
Perigos	Perigos que podem ser vivenciados pelos MNA que se encontram envolvidos no fenómeno	Reviver de traumas passados		"Or some of them were sexually abuse in the past in their countries, or in the camps or during the journey so it is something like they relieve again and again, so it is not something really new for them."
		Experienciar de novos traumas		"(...) they are in such a state of deprivation and trauma that they do not have capacity to organize or even think about their futures."
		Riscos para a saúde		"This is a huge problem for the small boys because they can be sick, they can have HIV. The old men don't care if they will have HIV, they don't care because they are old...the minors are small, and they will have this for their all life (...)."
		Perigos associados à vulnerabilidade face aos clientes		"- (...) they use the vulnerability of the minors and exploited them (...)and also they know exactly that these people are illegal in Greece and many times they use this thing to take more services, so the clients say "if you don't do that I will go to the police". It is a blackmail and that's the reason why the clients choose these vulnerable young boys to have sex...that's my point exactly...and these young boys are

				manipulated so good in this situation...and the clients are so convincing for them unfortunately.” -“(…) but this takes time in order to speak with them, to explain, to deal with trauma (…) some of them probably (…) they had violent behaviors against them, they are alone without the families...so they have multiple traumas.”
Consequências para o futuro	Consequências futuras que podem advir para os MNA em resposta ao seu envolvimento no fenômeno do sexo para sobrevivência	Envolvimento em comportamentos de risco no futuro		- “I fear to presume. Based on relevant research addiction and suicide (...) are common paths, sadly. I hope we can stop this. I am ashamed this is not the case.” - “I can´t see a future...for most of them. If they are continuing to be in this situation...I can´t see a future...only slavery, prison.” -“To begin we are talking about survival sex, but this can go and involving too a criminal activity in general with criminal and trafficking networks, etc etc. So, yes, you have kids who are all alone, but you have kids you are members of a gang or exploited by a gang, not member but trafficked by a gang. So, it is criminal activity and need.”
		Riscos para a saúde mental		“The problem is that with minors there are risks, concerning the psyche, the trauma, etc etc. So, they will find a way probably to get what they want to, but the consequences can be a disaster on their mental health and in their state of mind.”
Estratégias utilizadas pelos MNA para lidar com a situação	Tipo de estratégias utilizadas pelos MNA para fazer face à dureza emocional e ao estigma associado ao	Consumo de drogas		“(…) for my experience when someone is selling sex services in order to gain something – money or I don´t know what – and at the same time taking drugs in order to make it a little bit better for themselves and it is like a circle and I am not sure if someone can break that circle so

envolvimento das trocas sexuais para sobrevivência			easily...especially in Greece in which there are no so may services for drug addicts and for migrants that really can help.”
	Capacidade de se desligar emocionalmente		“(...) they deal with it by just (...) switch himself off emotionally from the whole situation just to able to deal with the fact that they done it and they do it again...it is so unimagivable, isn´t it?”
	Não falar abertamente acerca do assunto		“No, they don´t. It is not something that they are proud of, so they don´t talk about it.”
	Diferenciação dos locais frequentados		“No, are you crazy?...We are not just in Omonia, we go out with girls, for food. No, my life in Omonia. My life is Monasteraki, Santorini. Omonia, money and they go. No, fuck is in Omonia, full money and then see you later.”
	Forma como descreve o fenómeno		“It is very difficult for them to describe it. They describe it with simple words that “we do this for money”. They don´t even say the word, they don´t say even the word sex, they don´t say details...“we do this” and when they say “we do this” you have to understand that they are doing this... They don´t say many details because they are feeling uncomfortable and as I told you before they don´t like it to do this...they are feeling bad that they are doing this so they don´t name it, so they don´t give a name...sex work, exploitation, survival sex...they don´t.”
Criação de identidade/identificação com os pares		“Quando terminamos a entrevista chegou a Provedora de Justiça (...) falou da questão de uma identidade que este grupo de menores não acompanhados cria como forma de proteção e identificação, dado que todos vivenciam as mesmas	

			<p>experiências e, por isso torna-se mais fácil de se apoiarem e lidarem com as dificuldades e traumas. Depois falamos em relação a este tipo de atividade que eles arranjam [trabalho sexual] e que traduz uma forma de se sentirem integrados. Eles criam as próprias regras e rotina. Isto ocorre porque em mais nenhum lugar eles sentem isto, porque não existe na verdade um sistema de tutela. Nos locais de venda de sexo, os rapazes conseguem encontrar pessoas que são muitas vezes do mesmo país e, por isso começam a fazer parte da sua rotina, vivem as mesmas experiências e são capazes de eles próprios criarem as suas formas de atuar, trabalhar e governarem-se. Criam uma personalidade naquele local e depois é difícil de abandoná-la, tal como ocorre com as drogas que é outro dos problemas que os menores desacompanhados enfrentam (...).</p>
--	--	--	--

III. Os clientes

<i>Categoria de Análise</i>	<i>Descrição</i>	<i>Subcategoria</i>	<i>Exemplo de resposta à subcategoria</i>
Características	Caraterização geral dos clientes que estão envolvidos no fenómeno do sexo para sobrevivência	Género	“The clients are old men (...).”
		Idade	“Older men...usually over 60 years old (...).”
		Nacionalidade	- “The clients are old men usually Greeks (...).” - “Mostly they are Greeks but there are tourists too that coming for this phenomenon that happen in Athens (...).”
		Orientação sexual	“They go to some areas, where there are old gay men, and they are having sex for money.”
		Nível Socioeconómico	“They don’t meet here, they just come here to look for rich people that are homosexual and for this they come here, exactly to this place even when I was out two days ago in Victoria Square the same things happen.”

3º Tema: O trabalho que as ONG e o Governo Grego podiam fazer

<i>Categoria de Análise</i>	<i>Descrição</i>	<i>Subcategoria</i>	<i>Exemplo de resposta à subcategoria</i>
Trabalho de prevenção	Trabalho de prevenção que deve ser feito pelas ONG e pelo Governo Grego na Grécia, a fim de que haja uma integração eficaz de todos os MNA, evitando assim o seu envolvimento no fenómeno das trocas sexuais para sobrevivência	Atribuição tutores/representantes	“(…) the unaccompanied migrant children when they enter Greece they should be treat differently...or the state should be and is responsible for them because they don’t have a guardian or a parent or a caregiver with them, so they enter under the protection of the state...which mean that the state needs to provide them a guardian which is usually the children’s prosecutor (…).”
		Acomodação	“(…) but then they should try to get them off the streets and relocate them in safe spaces, shelters, etc.” -The government should create more shelters and accommodations who host in these conditions these children (…).
		Possibilitar suporte legal e psicossocial	“A lot of things should change (...) psychosocial and legal support provided again from the first moment (…).”
		Providenciar itens alimentares e não alimentares	“And of course, after the other NGO’s and other services should support them with food, with clothes, with the main things that they need, you know...for free of course.”
		Atribuição de famílias de acolhimento	“A lot of things...first of all they should protect the children...to provide families like homes to the children (…).”
		Possibilitar o acesso à educação, serviços médicos e sociais	“(…) I think that the government should implement like the measures that they are supposed to take to protect the children (...) the children should have access to services like social services, medical services and access to education...that they have a life like every other children and they

			don't feel insecure or they don't live in the street in poor conditions...that they have a normal life.”
		Possibilitar o acesso a oportunidades de trabalho legais	“To give them other options...other options that can work (...) How they can reach their goals in legal ways...not paying the smugglers or not having sex in order to earn money to pay the smugglers (...).”
		Reportar as situações de exploração sexual	“(...) the state should also think to create a mechanism that will be support case that will have the cards to refers such case and to find who is behind all this and to punish all the people that are trying to have sex with minors.”
Trabalho de proximidade/redução de riscos	Trabalho de proximidade que deve ser feito especificamente com os MNA que se encontram envolvidos em trocas sexuais para sobrevivência	Necessidade de aumentar o nível de conhecimentos sobre IST/VIH	“First of all they should inform the minors about the dangers...physical dangers, hygienic dangers, all the bad things that can happen to them because of this.”
		Aumentar o nível de conhecimento sobre medidas de prevenção	“Just to teach them the better way to do it safe.”
		Promoção e distribuição de material preventivo, como preservativos	“Well...first of all they should do outreach work and aim the protection of these children by providing condoms (...).”
		Facilitar o acesso aos serviços de saúde e sociais	“(...) they need health and social services (...).”
		Promover o apoio jurídico	“(...) they need lawyers and they need someone to go with them everywhere to the authorities to speak because they don't know the language, even English they don't know this language and it is very difficult for them...or they want just to speak and to talk and it is very important for me too (...).”
		Promover o apoio psicológico	“(...) After they should have psychological support. It is very important to have NGOs and services

		that can support them psychologically.”
	Criação de uma relação baseada na confiança	“I think that children could build relationships based in trust with us and then we can really work in a more sensitive issues, because when you manage to build that relationship you will be ready to confess about the survival sex, or about the smugglers and about anything and probably they will ask you for help and they will tell you that it is something that I cannot handle so please help me...so I think that the first things should be engage them in all process and ask them what they want to do...but we are a little bit far away...that’s the truth.”
	Fornecer aos MNA uma variedade de opções de potenciais serviços e referências	“Somebody has to explain to them the situation and then to give them options...options that they can understand in a clearly way what they have to do in order to take that way.”
	Respeitar a escolha individual	“(...) and from the other hand they should engage them in the life planning because they decide for them from the very first time and don’t take them into consideration that those children are not children...and it is not only about the age even if it is a child with 14 or 15 years old is a child that travel alone and handle his life and difficulties without having anyone to protect him or taking by himself the decision of his life – if he wants to stay in Greece, if he wants to travel abroad, if he wants to...whatever. I think the organizations in Greece are not ready to hear about that.”